

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
Departamento de História
Programa de Pós-Graduação em História

**NOVA FRIBURGO: A CONSTRUÇÃO DO MITO DA
SUÍÇA BRASILEIRA (1910-1960)**

Tese apresentada como requisito parcial
para obtenção de Título de Doutor em História

AUTOR: JOÃO RAIMUNDO DE ARAÚJO
ORIENTADORA: PROFESSORA DRA. ISMÊNIA DE LIMA MARTINS

NITERÓI

2003

A
Soninha, Maria Clara e Silvinha

A meus pais
João e Ináh, *in memoriam*

*“Se todos fossem iguais a vocês,
que maravilha viver”*

*“Gracias a la vida
que me ha dado tanto”*

AGRADECIMENTOS

À Professora Ismênia de Lima Martins, orientadora competente e precisa, incentivadora e amiga constante, que sempre acreditou na realização desta tese;

À Soninha Rebel de Araújo, companheira, grande incentivadora deste trabalho, sempre o auxílio seguro nas resoluções dos maiores problemas;

Às minhas queridas filhas, Maria Clara e Sílvia, pela ajuda incessante;

Aos Professores Théo Lobarinhas Piñero e Manuel Luiz Salgado Guimarães, cujas críticas e sugestões, feitas por ocasião do exame de qualificação, foram de enorme importância para a realização desta tese;

Ao Professor Ciro Flamarion Cardoso, sempre disposto a propiciar reflexões fundamentais para esta tese;

A Sandra Rebel e Edson Benigno, amigos eternos, pela ajuda inestimável;

À Rizza, pelo apoio logístico e incentivo;

Ao amigo Professor Jorge Miguel Mayer, incansável no apoio a esta criação, um capítulo a mais da nossa “Teia Serrana”;

Ao amigo Professor Marcelo Badaró, pelo incentivo e diálogo incessantes;

Às Irmãs Celma Calvão e Sania Cosmelli, que nunca deixaram de acreditar na realização deste trabalho;

Aos amigos Ricardo Costa, Elizabeth Vieiralves, Amanda Barbosa, Dinamar Bochorny, Bluma Salomão, professores do Departamento de História da Faculdade de Filosofia Santa Dorotéa, sempre gentis e dispostos para comigo dialogar;

Aos Professores Lúcia Raminelli, Marília Chermont, Cecília da Matta, Cristina Paes, Mário Roberto, Carlos Frederico Magalhães, Geni Vasconcelos, Lea de Freitas, amigos da Faculdade de Filosofia Santa Dorotéa pela ajuda e apoio inestimáveis;

Aos alunos do Curso de História da Faculdade de Filosofia Santa Dorotéia;

À amiga Musa Clara, pelo carinho e amizade;

Aos Diretores, Coordenadores e Professores de História do Colégio Estadual Jamil El-Jaick, pela paciência e pelo incentivo permanente;

Ao amigo Professor José Carlos Pedro, à Tereza Albuquerque e a todas as amigas do Pró-Memória da P.M.N.F. pela ajuda e disponibilidade;

Aos amigos Professores do Sindicato dos Professores de Nova Friburgo;

Ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense pela oportunidade de realizar este trabalho;

À FAPERJ, pela concessão da bolsa de estudos que viabilizou nossa pesquisa;

A todos, de coração, agradeço.

RESUMO

A presente tese estuda e analisa o processo de construção e consolidação do que denominamos “Mito da Suíça brasileira”, que aconteceu na cidade de Nova Friburgo – RJ, entre os anos de 1910 e 1960. Trata-se de um estudo de História Local que visa apresentar a formulação temporal de uma ideologia, resultado da articulação de diferentes grupos da elite local. Recuperase o processo que integrou empresários industriais de origem alemã com chefes políticos que, apoiados por alguns intelectuais, elaboraram a visão mítica de Nova Friburgo como a “Suíça brasileira”. A montagem desse mito teve a intenção de disciplinarização da população trabalhadora do município, que deveria acreditar viver numa cidade de natureza bela, pujante e de origem histórica decorrente da imigração de homens e mulheres oriundos da Suíça. Discursos, artigos jornalísticos, livros e festejos comemorativos dos aniversários da cidade, desde o Centenário, em 1918, foram estratégias usadas para construir e consolidar a imagem de Nova Friburgo como a Suíça brasileira.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	p.1
CAPÍTULO 1: NOVA FRIBURGO NA CONJUNTURA REPUBLICANA.....	p.23
NOVA FRIBURGO EM TEMPOS REPUBLICANOS	p.24
1 – De Vila à Cidade.....	p.29
1 . 1 - O Município e o Espaço Urbano.....	p.29
1 . 2 – O Município, a Economia e a Sociedade.....	p.36
1 . 3 – O Município, População e Vida	p.43
1 . 4 – A E. F. Leopoldina: um trem passa por Nova Friburgo.....	p.49
2 – A INDÚSTRIA EM NOVA FRIBURGO.....	p.56
2. 1 – Nova Friburgo: Capitalistas Alemães sobem a Serra.....	p.56
2 . 2 – Nova Friburgo: A Indústria como Questão Política.....	p.61
2 . 3 – O Dia do Quebra-Lampiões.....	p.65
2 . 4 – Eletricidade e Modernidade Conservadora.....	p.67
2. 5 – A Implantação das indústrias	p.71
2 . 6 – O Domínio Industrial Sobre O Espaço Urbano	p.80
CAPÍTULO 2 – A MODERNIZAÇÃO DE NOVA FRIBURGO: VERSO E REVERSO.....	p.93
A INDÚSTRIA COMO FATOR DE PROGRESSO	p.94
1 – A Modernização em Nova Friburgo: Verso	p.96
1 . 1 – Industrialização, Progresso, Modernização.....	p.96
1 . 2 – Modernização e Turismo	p.99
1 . 3 – Turistas: Que Sejam Bem-Vindos	p.108
2 – A MODERNIZAÇÃO DE NOVA FRIBURGO: REVERSO	p.114
2 . 1 – Sociedade e Pobreza	p.114
2 . 2 – O Operariado: Modernização e Reações	p.116
3 – A SUÍÇA BRASILEIRA VAI AO PARAÍSO	p.122
3 . 1 – A Indústria Continua a Progredir	p.122
3 . 2 – A Hora e a Vez do Movimento Social	p.125

4 – NOVA FRIBURGO: DE “PARAÍSO CAPITALISTA” À “CAPITAL DA MODA ÍNTIMA”	p.131
CAPÍTULO 3 – A CONSTRUÇÃO DO MITO DA SUÍÇA BRASILEIRA.....	p.135
DO MITO À IDEOLOGIA.....	p.136
1 – A POLÍTICA FRIBURGUENSE DO CENTENÁRIO AOS ANOS 20	p.143
2 – AGENOR DE ROURE E O CENTENÁRIO DE NOVA FREIBURGO: SISTEMATIZANDO O MITO DA SUÍÇA BRASILEIRA	p.147
2 . 1 – A Ideologia da Suíça Brasileira em Textos de Agenor De Roure: Uma Análise Isotópica	p.154
3 – GALDINO DO VALLE FILHO: AS LENDAS E AS LEGENDAS DE FRIBURGO.....	p.175
CAPÍTULO 4 – A CONSOLIDAÇÃO DO MITO: FESTAS E COMEMORAÇÕES.....	p.193
“FESTAS DA ORDEM”	p.194
1 – O CENTENÁRIO DE NOVA FRIBURGO EM 1918	p.201.
1 . 1 – A Construção do Centenário	p.201
1 . 2 – A Programação dos Festejos	p.207
1 . 3 – A Realização da Festa do Centenário	p.211
1 . 3 . 1 – Sessão Solene da Câmara Municipal	p.212
1 . 3 . 2 – As Atividades em Espaços Externos	p.215
1 . 4 – A Crítica aos Festejos do Centenário	p.225
2 – OS FESTEJOS DE MAIO DE 1954 E 1956	p.230
2 1 – O Retorno das Comemorações do Aniversário da Cidade	p.230
2. 2 – As festas de Aniversário de Nova Friburgo como Elementos da Política.p.239.	
2 . 3 – Os Festejos de Maio de 1954	p.243
2 . 4 – Os festejos de Maio de 1956	p.255
CONCLUSÃO	p.271
REFERÊNCIAS:	p.283

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADROS

Quadro1: ESPAÇOS PÚBLICOS DE NOVA FRIBURGO.....	p.31
Quadro 2: NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS EM 1898.....	p.37
Quadro 3: ATIVIDADES DOS ESTABELECIMENTOS FABRIS.....	p.39
Quadro 4: LISTA DE SERVIÇOS EM NOVA FRIBURGO – 1898.....	p. 40
Quadro 5: PRINCIPAIS COLÉGIOS DE FRIBURGO (SETOR PRIVADO).....	p.41
Quadro 6 : DIRETORES DE M. SINJEN & CIA (1911-30).....	p.73
Quadro 7: NÚMERO DE EMPREGADOS DE M. FALCK & CIA.....	p.74
Quadro 8 : ACIONISTAS DA FÁBRICA FILÓ S/A – 1925.....	p.76
Quadro 9: DIREÇÃO DA FÁBRICA FILÓ S/A – 1925.....	p.77
Quadro 10: DIREÇÃO DA FÁBRICA DE FERRAGENS H. GAISER – 1937.....	p.78
Quadro 11: INDÚSTRIAS DE NOVA FRIBURGO: 1987.....	p.123

FIGURAS

FIGURA 1: INDÚSTRIAS ALEMÃS EM NOVA FRIBURGO – 1937.....	p.81
FIGURA 2: BAIRROS OPERÁRIOS EM NOVA FRIBURGO.....	p.87
FIGURA 3 - Galdino do Valle Filho. <i>Lendas e Legendas de Friburgo</i>	p.181
FIGURA 4 - Coroação da “Miss Festejos de Maio de 1956”.....	p.261
FIGURA 5 Festa Veneziana em 1956.....	p.264

INTRODUÇÃO

*“Aqui assimilaste do nativo
os modos e costumes da montanha
e ergueste as casas e lavraste a terra
docilizando o solo do proveito
e as famílias deram rama
pois enxertaste esses brasis em ti
e prosperaste na simplicidade
da prática de escambos naturais
depois urdiu o tempo novas tramas
e gado e milho deste a preço parco
e o café amargou teu campo
perdendo o que era teu empobreceste
e de senhor da terra hoje és colono
das máquinas do lucro industrial”*

Sérgio Campos – **Corpus** in *Tríptico Friburguense*.

Em meados dos anos 70 conhecemos Nova Friburgo. Bela cidade, localizada no alto da Serra dos Órgãos, de clima ameno e de população gentil e hospitaleira. No longo espaço de tempo em que nos permitiu maior contato com o município como morador e professor de História, vimos mantendo também uma relação com a cidade e seus habitantes, para além da pura relação de morador e trabalhador. As questões da vida cotidiana estimularam sempre reflexões e buscas na tentativa de conhecer e de melhor entender a cidade.

O respeito às normas, por mais absurdas que fossem, a pequena disposição a transgressões, a excessiva preocupação com a manutenção da ordem, o reconhecimento do seu lugar previamente estabelecido, revelam uma população provavelmente com muito zelo pelos seus

deveres, porém pouco cônica dos seus direitos. Entender esse comportamento conservador motivou-nos a tentar compreender e explicar como tudo isso se criou. Como historiador, poderia então buscar em seu passado histórico possíveis fatores de explicação.

Já em nossa dissertação de mestrado, quando estudamos o processo de urbanização de Nova Friburgo associado à história de sua industrialização, ocorrida a partir de investimentos de grupos de origem alemã em 1911, atentávamos para a necessidade de estudos e pesquisas regionais e locais. Igualmente importante tornava-se a análise de o que consideramos a consolidação de uma cultura no município, voltada para a disciplinarização de seu povo.

Desse modo, nesta tese, a opção inicial seria aprofundar as discussões sobre os fundamentos da História Regional e da História Local, encontrados já em algumas obras publicadas no Brasil¹. Afirmando que o desenvolvimento dos trabalhos e pesquisas em História Regional constitui-se atualmente num desafio concreto para nós historiadores, Janaína Amado, por outro lado, ressalta a importância desses estudos:

¹ Marcos A. da Silva (coord.) *República em migalhas – história regional e local*, SP, Ed. Marco Zero, 1992. Ismênia de Lima Martins (org.) *História: estratégias de pesquisa*, RGS, Ed. Unijuí, 2001. Esses livros significam reflexões teóricas e publicações de artigos variados que revelam em momentos diferentes a existência de uma produção historiográfica centrada em regiões e localidades.

“E que possibilidades são estas? Em primeiro lugar, o estudo regional oferece novas óticas de análise ao estudo de cunho nacional, podendo apresentar todas as questões fundamentais da história (como os movimentos sociais, a ação do Estado, as atividades econômicas, a identidade cultural, etc.) A partir de um ângulo de visão que faz aflorar o específico, o próprio, o particular. A historiografia nacional ressalta as semelhanças, a regional lida com as diferenças, a multiplicidade.”²

E concluindo, em seguida:

“A historiografia regional tem ainda a capacidade de apresentar o concreto e o cotidiano, o ser humano historicamente determinado, de fazer a ponte entre o individual e o social. Por isso, quando emerge das regiões economicamente mais pobres, muitas vezes ela consegue também retratar a história dos marginalizados, identificando-se com a chamada “História popular” ou “História dos vencidos”. ”³

Em publicação mais recente, e realizando um balanço histórico das pesquisas a partir de programas desenvolvidos em algumas instituições acadêmicas do país, a Professora Ismênia de Lima Martins ressalta:

“Emblemático desta fase foi a atuação da Universidade Federal do Paraná no trabalho com os arquivos municipais, da Universidade Federal Fluminense no arranjo da coleção Presidente de

² Janaína Amado, **História e região: reconhecendo e construindo espaços**, in Marcos A. da Silva (coord.) op. cit., pp. 12-13.

³ Janaína Amado. Op. cit, p. 12,-13.

Província, o que tinha ao longo do tempo perdido inteiramente seu formato original, e o trabalho do IBMEC (Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais), cuja documentação foi organizada através de um projeto exemplar dirigido pela inesquecível Professora Doutora Maria Bárbara Levy.”⁴

Dando continuidade ao trabalho avaliativo sobre as tendências da historiografia brasileira resultante da expansão dos cursos de pós-graduação, a autora contrapõe as grandes sínteses de História mais geral, nacional, aos estudos regionais e retoma a questão importante relativa à História Regional/Local:

“Esses trabalhos realizam brilhantes sínteses que encantaram a mais de uma geração de estudantes. Por outro lado, perdiam de vista as realidades locais e regionais em favor da síntese nacional. A consolidação dos programas de pós-graduação e dos departamentos de História, já aludidos, propiciaram a produção de uma história regional/local de nível e rigor científico exigido pela sociedade contemporânea.”⁵

E concluindo sobre o conteúdo implícito desses trabalhos, já produzidos e resultados dessa nova tendência das pesquisas acadêmicas, afirma:

⁴ Ismênia de Lima Martins. **(Des) venturas de um orientador de tese. A título de apresentação**, in Ismênia de Lima Martins, op. cit., pp. 8-9.

⁵ Idem, ibidem, p. 9.

“Não se tratava mais da velha história regional, vassala dos ufanismos e, sim, de um esforço sério e sistematizado de pesquisa. Buscava-se o específico sem desconhecer os quadros mais amplos, que o geraram. Reafirmava-se a compreensão de que as respostas às questões locais e regionais deveriam muitas vezes, ser apreendidas em realidades que ultrapassavam os seus limites. Assim, estudos monográficos, ou um conjunto deles, permitiram jogar por terra diversas teses generalizantes, como, por exemplo, a decadência do Rio de Janeiro vinculada à extinção da escravidão e o declínio de Minas Gerais a partir do esgotamento aurífero ou, ainda, a “descoberta” de atividades econômicas e sociais que pulsaram nas dobras ou nos claros da grande lavoura de exportação dominante. E, sobretudo, inúmeros trabalhos que permitiram desvendar os meandros do desenvolvimento do capitalismo no Brasil.”⁶

Trabalhar aspectos da História Regional e Local direcionando o foco das atenções para a História de Nova Friburgo tornou-se algo imperativo. As aulas de História do Brasil na Faculdade de Filosofia Santa Dorotéia de Nova Friburgo, as pesquisas no acervo encontrado nos arquivos do Pró-Memória da Prefeitura Municipal de Nova Friburgo (P.M.N.F.)⁷, e a criação do Curso de História Regional naquela Faculdade, serviram de maior estímulo à pesquisa de História Regional.

Quanto ao tema específico que vem a se constituir no objeto desta tese, a opção recaiu sobre a construção do que já, na dissertação de

⁶ Idem, ibidem, pp. 9-10.

⁷ O Pro-Memória da PMNF, criado em primórdios da década de 1980, através da iniciativa da funcionária Tereza Albuquerque, concentra importante acervo jornalístico, iconográfico e memorialista, de Nova Friburgo e alguns outros municípios.

Mestrado, denominamos “o Mito da Suíça brasileira”⁸, construção ideológica, datada no âmago do processo industrial vivido por Nova Friburgo a partir de investimentos efetuados por empresários de nacionalidade alemã, iniciado em 1911. A ideologia criadora do mito sistematizou-se em Nova Friburgo durante o processo de formação dessa grande indústria têxtil e, em minha hipótese, constitui-se num resultado da articulação ocorrida entre setores das elites políticas locais de tendência conservadora com os interesses desse empresariado alemão, patrocinador da indústria e, mais do que nunca, interessado na criação de um mundo do trabalho dócil e disciplinado.

Desse modo, partimos do princípio de que ideologia dominante em uma sociedade deve ser compreendida como ideologia de “classe dominante”. No caso de Nova Friburgo, a questão do mito é o centro nevrálgico da ideologia da classe burguesa que aqui se instalava. O historiador Ciro F. Cardoso comenta a evolução do termo “ideologia” afirmando que

“Lênin usou o termo como um conceito geral que contém em si vários conceitos subordinados, também chamados de ideologias. Daí que falasse em ideologias burguesa, proletária, religiosa, laica, conservadora, progressista, científica, etc. A idéia central estribava em

⁸ João Raimundo de Araújo. *Nova Friburgo: o processo de urbanização da Suíça brasileira.(1890-1930)*, Niterói, UFF, Departamento de História, 1992, mimeo.

que toda ideologia contém um sistema de valores e objetivos para a ação social.”⁹

Seguindo a trilha aberta por Lênin, o pensador marxista Georges Lukács utiliza o termo “ideologia” ou “ideológico” referindo-se a “consciência de classe”, seja burguesa, seja proletária.

“Georges Lukács concentrou seus esforços, caso da temática ideológica, num campo delimitado, preciso: o da consciência de classe, definida como aquilo que lhe permite ao dominar socialmente, organizar o conjunto social com base em interesses e idéias específicos.”¹⁰

Ampliando ainda mais o conceito de ideologia, Antonio Gramsci concebe-o como “concepção” ou “visão de mundo” que se manifesta implicitamente nas artes, no Direito, na economia, em todas as manifestações da vida individual e coletiva. Efetivamente, trata-se de uma concepção que aponta para a “cultura” como elemento fundamental da dominação burguesa na sociedade capitalista. Como afirma Perry Anderson, comentando a obra do teórico italiano:

“Se voltarmos à problemática original de Gramsci ‘a estrutura normal do poder político capitalista nos estados democrático-burgueses é, com efeito, simultânea e indivisivelmente dominada pela cultura e determinada pela

⁹ Ciro F. Cardoso, *Narrativa, Sentido, História*. Campinas, Papirus, 1997, p. 32.

¹⁰ Idem, *ibidem*, p. 33.

coerção'. Negar o papel 'predominante' ou dominante da cultura no sistema de poder burguês contemporâneo é liquidar a diferença imediata mais evidente entre o parlamentarismo ocidental e o absolutismo russo e reduzir o parlamentarismo a um mito”¹¹.

Desse modo, a ideologia pensada como cultura penetra e condiciona o modo de pensar e de agir de todos os seres humanos, constituindo-se, pois, na base sobre a qual as ações humanas se processam. Observando a criação e a consolidação daquilo que consideramos ser o “mito da Suíça brasileira”, não podemos deixar de considerá-lo como elemento circunscrito ao âmbito da ideologia, ora aparecendo como um projeto resultado da criação da burguesia industrial friburguense, ora podendo ser considerada como fruto da consciência de classe. Admitimos ainda este mito como criador de uma determinada concepção, ou visão de mundo, específica decorrente da própria história do ser humano de Nova Friburgo.

Dando continuidade aos fundamentos teóricos desta tese e partindo dos princípios “ideológicos” acima expostos, torna-se necessário também apreciar a utilidade para o presente caso do conceito de representação social ou coletiva. Em trabalho recentemente publicado, o historiador Ciro Cardoso, ao mesmo tempo em que critica o que chama de uso vago e impreciso do termo por alguns estudiosos, admite que, nas

¹¹ Perry Anderson *As Antinomias de Gramsci*, in *Afinidades Seletivas*, SP, Boitempo Editora, 2002, p. 87.

últimas décadas, o conceito vem sendo utilizado largamente, envolvendo vários saberes das ciências humanas: “(...) e assim fundamentar minha profunda insatisfação com o uso vago e desleixado que com frequência se faz dessa noção em outros saberes do social, incluindo a história cultural”¹².

É possível, sem dúvida, trabalhar o mito criado, o mito como invenção construída por uma classe ou fração de classe, como a síntese de um processo social, histórico, mas também como detonador de novos processos. A noção de representação social não deve ser entendida como algo definitivo ou conclusivo. Pelo contrário, ela é um conceito plenamente dinâmico e sintetiza a relação dinâmica e ativa de várias criações humanas, individuais e coletivas. Helenice Rodrigues da Silva assim procura definir as características básicas do termo:

“A representação de um objeto corresponde, então, a um conjunto de informações, de opiniões e de crenças referentes a esse objeto. Ela é constitutiva ‘da realidade do objeto, da subjetividade de quem o veicula e do sistema social no qual se inscreve a relação sujeito-objeto’¹³.

¹² Ciro F. Cardoso **Uma opinião sobre as representações sociais**, in Ciro Cardoso e J. Malerba (orgs.), *Representações: contribuição a um debate transdisciplinar*, SP, Papirus Ed., 2000, p. 30.

¹³ Helenice Rodrigues da Silva, **A história como representação do passado: a nova abordagem da historiografia francesa**, in Ciro Cardoso e J. Malerba, op. cit., p. 86.

Tentando melhor explicitar as questões teóricas que envolvem o conceito de representações sociais em trabalho já citado, *Ciro Cardoso*, baseando-se na obra de *Roger Chartier*, formula três cenários distintos, porém convergentes, para explicitação do termo: o cenário 1, do imaginário individual, onde se situam as representações individuais; o cenário 2, o do imaginário coletivo, onde se situam as representações sociais propriamente ditas (as que integram os estereótipos, os lugares comuns, os preconceitos, as religiões, as ideologias, etc.); o cenário 3, do imaginário coletivo, onde se situam as representações coletivas que têm como objeto as ações sociais. Os três cenários estão intimamente relacionados.¹⁴

Sem sombra de dúvida, as representações sociais se fazem presentes em praticamente todos os momentos deste trabalho. Não apenas no mito da Suíça brasileira, mas principalmente no momento de sua invenção, de sua construção. Na Festa do Centenário, em 1918, ou nos festejos de maio de 1954 e 1956, - objetos de estudo no capítulo 4 – as representações sociais são elementos constitutivos como, por exemplo, nos discursos comemorativos, nas inaugurações, nos desfiles, nas exposições agro-industriais, nas “festas venezianas”, na maquete do Morro Queimado. Está presente também, tal representação, naquelas

¹⁴ *Ciro Cardoso e J. Malerba, op. cit., pp. 32 e 33.*

construções relacionadas à ação direta no imaginário, mesmo que eivada de estereótipos, como a noção de “Nova Friburgo é uma Suíça”, ou “Nova Friburgo é um paraíso capitalista”, ou “Nova Friburgo é cidade feliz sem contradições e sem conflitos”.

A elaboração desta tese tem, a princípio, o objetivo de estudar a história da construção do mito¹⁵ da Suíça brasileira, em Nova Friburgo, entre 1910 e 1960. O estabelecimento deste marco temporal em nosso estudo relaciona-se, de início, ao momento de criação do processo de industrialização do município a partir da vinda de alguns capitalistas de origem alemã, responsáveis pela implantação de fábricas de tecido. A nosso ver, é possível associar o processo industrial em Nova Friburgo com a idéia de modernização e conseqüentemente com a ideologia da Suíça brasileira. A sistematização dessas idéias pode acontecer a partir de maio de 1918, quando amplos setores das elites municipais criaram o evento comemorativo do centenário do município. Efetivamente, tratava-se de festejar os cem anos da assinatura do acordo entre Dom João VI e o representante suíço Sebastião Nicolau Gachet, com vistas à vinda de imigrantes suíços para a criação de uma colônia mais tarde denominada Nova Friburgo. Os festejos comemorativos do Centenário constituíram-se

¹⁵ Uma discussão sobre o termo e bem como a definição de um conceito de mito que serve de base para esta Tese está contida no capítulo 3, onde trabalhamos especificamente o assunto. O nosso conceito de mito remonta às origens da

no que pode ser denominado de “festas da ordem”, tratando-se de um momento de sedimentação de idéias, rituais e discursos componentes da ideologia da Suíça brasileira. Esta festa é pois um momento crucial para aquilo que consideramos a base ideológica do processo de industrialização de Nova Friburgo, iniciado na segunda década do século XX.

O ano de 1960 é considerado por nós como o momento em que, após os festejos de maio, realizados pelos prefeitos municipais pessedistas, (entenda-se, políticos tidos teoricamente como não liberais), de José Eugênio Muller (1954), e de Feliciano Costa (1956), é retomado e consolidado o denominado mito da Suíça brasileira. Este mito, parte da ideologia industrial burguesa, fora sistematizado em 1918, nos festejos do Centenário e consolidado nesses festejos de maio de 1954 e 1956, ápice das comemorações do aniversário de Nova Friburgo. O período de liderança política do Partido Social Democrático (PSD) permanece ainda com o governo de Amâncio de Azevedo (1959-1962). Consideramos que o auge da indústria têxtil (anos 60-70 e início dos anos 80) correspondeu ao apogeu da ideologia montada no mito da Suíça brasileira, consolidado nos anos 50. Nos anos 80, o prefeito Heródoto Bento de Mello reatualizou o discurso mítico, criando a expressão “Nova Friburgo, o

palavra: trata-se de uma narrativa tornada discurso e, logo a seguir, o discurso sistematizou uma ideologia, a ideologia da

paraíso capitalista”¹⁶. A antiga idéia de imaginar Nova Friburgo como uma localidade onde não existiam conflitos sociais foi retomada. Nova Friburgo, na visão do prefeito, seria um “paraíso”, sinônimo de harmonia, de paz; capitalista, ou seja, um lugar de predomínio da iniciativa privada voltada para o lucro.

Para realização desta tese, utilizamos prioritariamente as fontes encontradas no acervo do Pró-Memória (ligado à Secretaria de Cultura da Prefeitura de Nova Friburgo). Ali estão depositadas fontes jornalísticas como *A VOZ DA SERRA*, *O JORNAL DE FRIBURGO*, *CIDADE DE FRIBURGO*, *A PAZ*, *O PHAROL*, referentes ao período por nós estudado. Esse tipo de fonte permite perceber, para além do noticiário, indícios da ideologia da Suíça brasileira, expressa principalmente em artigos e editoriais. Os jornais acima citados narravam de forma detalhada os vários eventos dos programas das festas. Esses relatos, somados aos discursos quase sempre transcritos integralmente, são fontes importantíssimas para a compreensão e para a análise que elaboramos

Encontram-se também no Pró-Memória as fontes iconográficas que utilizamos na tese: a capa do livro escrito por Galdino do Valle Filho, *Lendas e Legendas de Friburgo*, assim como as fotografias de alguns

Suíça brasileira, objeto maior desta tese.

¹⁶ Eleito pelo Partido Democrático Social (PDS), o empresário Heródoto Bento de Mello, seguidor do liberal Galdino do Valle Filho, governou Nova Friburgo de 1983 a 1987.

significativos momentos das festas do aniversário da cidade. O *Álbum de Nova Friburgo*, editado pelo jornalista Júlio Pompeu, preparado por ocasião do Centenário, mas publicado em 1922, a letra do hino do centenário, consagrado mais tarde como o hino da cidade, e os quarenta poemas intitulados “**Fria Friburgo**”, escritos por Carlos Drummond de Andrade, aluno do Colégio Anchieta nos anos de 1918 e 1919, são constantes do acervo do Pró-Memória e tornaram-se fontes também para esta pesquisa.

O importante discurso do intelectual Agenor De Roure, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB)¹⁷, proferido na solenidade de abertura dos festejos do Centenário, foi publicado na revista daquele Instituto¹⁸. Para análise desse discurso, como também do artigo “**A Abolição e seus reflexos econômicos**”, igualmente publicado pela Revista do IHGB, usaremos a metodologia denominada *análise isotópica*, método derivado da semiótica textual, por considerarmos ideal para captação da ideologia neles contida.

Usaremos ainda como fontes privilegiadas para apreensão da ideologia forjadora do mito alguns discursos proferidos por Galdino do

¹⁷ Sobre o IHGB são importantes as seguintes obras: Lúcia Guimarães. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. RJ, a. 156, no. 388, jul./set. 1995; Manuel Luis Salgado Guimarães. **Nação e Civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional**, in *Revista Estudos Históricas 1*, RJ, Ed. Vértice, 1988, pp. 5-27.

¹⁸ *Revista do IHGB*, RJ, Imprensa Oficial, 1938, pp. 239-265.

Valle Filho, bem como o citado livro intitulado *Lendas e Legendas de Friburgo*.

Passamos agora à descrição dos capítulos da tese. O primeiro capítulo – **Nova Friburgo na conjuntura republicana** – trata de alguns aspectos da história da transformação da vila em cidade e do processo de industrialização. Para tal, contribuíram as mudanças no plano político nacional, coincidindo com modificações ocorridas no município, principalmente a partir da introdução da ferrovia Leopoldina Railway e suas conseqüências na região.

Num segundo momento, abordamos os caminhos das indústrias do ramo têxtil que se instalaram em Nova Friburgo, a partir de 1911, com capitais de empresários de nacionalidade alemã e seu impacto social e político. A abordagem feita tenta mostrar um processo industrial onde os fatores políticos locais, de certo modo, determinam este processo. Trocando em miúdos, é inegável que a chegada dos capitais industriais na cidade explica parcialmente o processo, porém os fatores políticos internos, essencialmente o surgimento de uma liderança política que assumiu tanto um discurso quanto um conjunto de práticas relacionando indústria com modernização foi o elemento determinante na construção do modelo industrial friburguense. Ao analisar a questão industrial, procuramos entender o discurso das lideranças políticas no interior de um

quadro mais geral da questão industrial no Brasil. Isto é, tentamos relacionar o discurso de Galdino do Valle, líder político de Nova Friburgo, maior defensor do projeto industrializante da cidade, antenado com alguns discursos que se fizeram em termos nacionais, enfatizando a necessidade da indústria nacional. As fontes mais importantes são: Atas da Câmara Municipal e fontes jornalísticas.

No capítulo 2 – **A modernização de Nova Friburgo: verso e reverso** – apresentamos como “verso” o desenvolvimento até os anos 60 do modelo industrial-turístico. Analisamos alguns aspectos que são subsídios ao surgimento do mito da Suíça brasileira como o clima ameno, o que propiciava aos cariocas, principalmente, hospedarem-se no verão para fugir ao calor do Rio de Janeiro; o fato de a cidade ser recomendada pelos seus ares para tratamento de tuberculosos; enfim, todo um complexo econômico surgido em função do turismo; rede de hotéis, escolas, bares, restaurantes. Cabe ainda ressaltar o crescimento industrial do município ocorrido no período e que fez de Nova Friburgo uma importante cidade industrial do Estado do Rio de Janeiro.

Em “reverso”, analisamos tanto os aspectos da pobreza urbana - mendigos e outros excluídos - como o lado sombrio da industrialização que se implantou nessa cidade: os baixos salários, greves e reivindicações

salariais, bem como o surgimento de sindicatos e a análise da atuação sindical de líderes como Chico Bravo e Costinha.

Ou seja, apesar do discurso ufanista das elites políticas e econômicas locais, situando Nova Friburgo como “a cidade que tem tudo para dar certo”, justificando o otimismo a partir do povoamento da cidade por europeus “modernos e empreendedores”, a realidade era bem menos rósea, como atestam os movimentos sociais apreciados no capítulo.

As fontes principais são escritas, impressas, de cunho jornalístico. O Jornal *A PAZ* foi por nós utilizado de forma bastante extensa, já que no Pró-Memória de Nova Friburgo encontra-se a coleção completa. Nele encontramos e apreciamos além dos discursos de Galdino do Valle, seu proprietário, artigos de outros intelectuais como, por exemplo, Carlos de Laet.

O Capítulo 3 – **A construção do mito da Suíça brasileira** – estabelece considerações sobre o conceito de mito a partir dos seguintes autores: F. Nietzsche, Marilena Chauí, Carlo Ginzburg, J.-P. Vernant e Moses Finley. Procuramos analisar discursos sobre o processo histórico de Nova Friburgo, elaborado por intelectuais e políticos como Agenor De Roure e Galdino do Valle Filho, para extrairmos informações sobre em que consistia a elaboração da ideologia da Suíça brasileira.

O discurso de De Roure foi a primeira tentativa bem sucedida de sistematização dessa ideologia. Apoiava-se em três pontos: a natureza bela e pródiga; a história, significando a visão providencial de Dom João VI ao criar uma colônia diferente do que já havia no Brasil, com a mão de obra livre de colonos europeus trabalhando pequenos lotes de terra com policultivo; o elogio do trabalho livre, da livre iniciativa, em contraposição à condenação ao trabalho escravo.

Igualmente importante para este capítulo é o estudo que fazemos de alguns discurso do líder político Galdino do Valle Filho, bem como do seu livro já citado *Lendas e Legendas de Friburgo*, publicado dez anos após a realização da festa do Centenário. Este é o outro importante construtor e consolidador do mito estudado. Encontramos aí de certo modo uma continuidade dos elementos que constituíram a base do discurso de De Roure.

Ressaltamos que a metodologia empregada – *leitura isotópica* – foi uma importante opção por nos dar maior segurança para apreender nosso objeto central, a ideologia surgida nessa cidade em torno do processo de industrialização. Sua realização permitiu-nos obter maior rigor na análise dos textos de De Roure, principalmente. Isto é importante porque ele foi o mais relevante formulador da ideologia da Suíça

brasileira e suas idéias foram apropriadas particularmente pelos políticos como Galdino e, mais tarde, pelos prefeitos possedistas.

O quarto e último capítulo – **A consolidação do mito: festas e comemorações** – mostra como é fundamental para entender-se a consolidação da ideologia da cidade branca, européia, e moderna, a realização de festas oficiais. Através da análise das festas organizadas pelas elites locais e apoiando-nos teoricamente em Roberto da Matta com seu texto **As festas da ordem**, procuramos perceber os valores que interessavam à classe dominante difundir.

Assim, o capítulo inicia analisando a festa do Centenário, ocorrida em 1918. A própria data foi escolhida por motivos ideológicos pois comemorava a assinatura de um acordo e não a efetiva chegada dos imigrantes suíços ao Brasil. Analisamos a seguir os festejos de maio, quando se comemorava o aniversário da cidade. Apesar de terem surgido no final da década de 1940, os anos 50 marcam seu esplendor, justamente à época dos prefeitos do PSD, José Eugênio Muller e Feliciano Costa, quando tais festas passaram a ter uma programação que refletia uma certa trajetória, ou melhor, uma determinada lógica. Assim, as exposições agro-pecuárias e industriais demarcavam a importância do campo e da indústria para a economia da cidade; os desfiles escolares lembravam, assim como outras programações culturais, (a maquete do Morro

Queimado em 1951, 1952 e 1956; as “festas venezianas” em 1918 e 1956), o passado histórico, a “criação genial e visionária” de Dom João de uma colônia de trabalhadores brancos, europeus e livres; a natureza pródiga, além de bela, era lembrada, não só pela exposição de produtos agrícolas, mas pelo concurso de Rainha da Lavoura Friburguense e de Rainha da Lavoura Fluminense, pois se os políticos locais tinham seus propósitos, os governadores do Estado, especialmente Ernani do Amaral Peixoto, tinham a expectativa de reforçar alianças políticas no interior do Estado do Rio através desse concurso.

Tais festejos eram abrilhantados pela participação de artistas da Rádio Nacional que se apresentavam em praça pública, logo após a coroação da Rainha da Lavoura Fluminense feita pelo Governador do Estado do Rio. Era uma tentativa bem sucedida de juntar o local, a lavoura, os “lavradores”, ao estadual, o governador, o secretário estadual de agricultura, ao nacional, pela presença de artistas nacionalmente conhecidos e, às vezes, pela presença, em Nova Friburgo, do Ministro da Agricultura.

As fontes analisadas são basicamente jornalísticas e incluímos a reprodução de duas fotos referentes à “festa veneziana” e à coroação da “Miss Festejo de Maio” de 1956.

CAPÍTULO 1

NOVA FRIBURGO NA CONJUNTURA REPUBLICANA

*“Cidadezinha perdida
no inverno denso de bruma,
que é dos teus morros de sombra,
do teu mar de branda espuma,*

*das tuas árvores frias
subindo das ruas mortas?
Que é das palmas que bateram
na noite das tuas portas?”*

Cecília Meirelles - **Província**

NOVA FRIBURGO EM TEMPOS REPUBLICANOS

Localizado na parte central do Estado do Rio de Janeiro, no alto da Serra do Mar, o município de Nova Friburgo tem como limites: a norte, os municípios de Sumidouro, Duas Barras e Trajano de Moraes; a Leste, o município de Macaé; a sul, os municípios de Casemiro de Abreu, Silva Jardim e Cachoeiras de Macacu; a Oeste, o município de Teresópolis¹⁹.

A configuração geo-política de Nova Friburgo encontrava-se quase que plenamente constituída no ano de 1890, quando foi transformada em cidade, desligando-se do município de Cantagalo por um decreto assinado pelo Presidente da Província do Rio de Janeiro,

¹⁹ *RADIOGRAFIA de uma cidade*. Biblioteca de Estudos Fluminenses, Prefeitura Municipal de Nova Friburgo. Niterói: Imprensa Oficial, 1988.

Francisco Portela²⁰. A configuração definitiva do município irá acontecer em 1911 com a incorporação do distrito de Amparo²¹.

Com a recém implantada República brasileira, a ascensão de novos grupos políticos e a necessidade dos acordos regionais, podemos perceber a criação, em toda a Velha Província, de novos municípios. Tratava-se de um rearranjo político inventado por novas elites que assumem o poder com o advento republicano. A transformação de Nova Friburgo em município faz parte desse novo arranjo político na ex-província, agora Estado do Rio de Janeiro²².

É bem verdade que Nova Friburgo sofreu, a partir de 1850, mudanças importantes nos planos econômico e social que a colocaram em posição de maior destaque no contexto regional.

A segunda década do século XX representou para Nova Friburgo um momento de intensas e profundas mudanças em virtude da chegada dos empresários alemães Julius Arp e Maximilian Falck responsáveis pelo início do processo de industrialização do município. Nada será como antes já que, a partir deste fato, Nova Friburgo tornou-se uma cidade de perfil também industrial, assumindo contornos de cidade moderna. Acresce a esse processo, a adoção de uma ideologia capitalista industrial

²⁰ Renato Luis do Couto Neto e Lemos. **O republicanismo fluminense**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (org). *A República na Velha Província*. Rio de Janeiro, Rio Fundo, 1989. pp.27-52.

²¹ RADIOGRAFIA de uma cidade, op. cit.

modernizante. Aos poucos, é possível perceber que Nova Friburgo irá perdendo o aspecto rural que tem, mesmo na passagem do século, tornando-se um burgo industrializado, de aspecto mais moderno, devido à inserção cada vez mais firme no âmbito do capitalismo industrial e financeiro.

Ao analisarmos o processo histórico que resultou na industrialização de Nova Friburgo, percebemos de imediato que seus capitais não foram provenientes do setor cafeeiro. Ao contrário, a indústria de Nova Friburgo não está ligada, como alguns historiadores tentaram afirmar, a um “*complexo econômico cafeeiro*”²³. Na verdade, tais capitais se originaram dos setores comercial e bancário. Julius Arp fora ligado ao comércio de artigos leves, enquanto que M. Falck fora funcionário do Deutsch Bank. Estão aí definidas as origens dos capitais responsáveis pelo surgimento da indústria em Nova Friburgo. É possível afirmar que a industrialização de Nova Friburgo provém de grupos originários da Alemanha, mas que se instalam na cidade após alianças que se fizeram com grupos de enorme expressão política no município. Queremos afirmar que o fato histórico gerador desta industrialização foi fruto de articulações, de pronunciamentos, de conflitos, e que colocam

²² Marieta de Moraes Ferreira, op. cit.

²³ Sobre o “complexo econômico-cafeeiro” ver Sergio Silva. *Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil*. SP: Alfa-Omega, 1976 e Wilson Cano. *Raízes da concentração industrial em São Paulo. 2 ed.* SP: T A Queiroz, 1983.

este fato econômico-social no âmbito da política, observando-se as imbricações entre a política local e a estadual. Afinal, não bastou a existência de capitais disponíveis para a indústria. O elemento fundamental para sua realização associou-se à existência de um grupo, expressivo na vida política local, que organizou estratégias competentes no sentido de criar as condições de implantação dessas indústrias em Nova Friburgo. Registre-se, ainda, que o fato industrial de Nova Friburgo não se fez sem polêmicas e até mesmo sem conflitos políticos e sociais. De outro lado, é possível perceber que a ocupação espacial das fábricas em diversas regiões do município correspondeu a uma estratégia de dominação do capital alemão.

Outro aspecto de grande relevância diz respeito à dispersão da força de trabalho industrial levada a cabo pelos capitalistas alemães e que resultou na criação de vários bairros operários em torno das fábricas. Pode-se afirmar que a localização das fábricas em quatro pontos do espaço urbano, próximos aos rios Cônego e Santo Antônio, Village e Praça do Suspiro, levou à dispersão da classe trabalhadora em sua vida cotidiana, dificultando a criação de movimentos sociais. Por outro lado, a essa dispersão da mão-de-obra correspondia uma concentração de capitais nas mãos de um pequeno, porém poderoso, grupo de industriais alemães liderados por Julius Arp.

É interessante ressaltar, ainda, a originalidade do processo de industrialização nesta cidade serrana. A origem do capital, advindo dos setores comercial e financeiro, implantados no Rio de Janeiro, neutraliza, ou melhor, enfraquece a explicação da origem do capital industrial ligada ao setor cafeeiro. A influência das tramas políticas como fator central do processo industrializador é, senão única, ao menos bastante original. Finalmente, o estabelecimento destas fábricas em uma área periférica à capital da República confere grande significado à história econômica do Estado do Rio de Janeiro, e a de Nova Friburgo em particular.

O presente capítulo divide-se em duas partes, a primeira intitula-se De Vila a Cidade, e a segunda tem por título e tema A Indústria em Nova Friburgo. Objetivamos, na primeira, apresentar o município e a cidade de Nova Friburgo em 1890, por ocasião da sua transformação de vila a cidade, e sua própria evolução nos primórdios do novo século. A princípio, a atenção estará voltada para a caracterização em suas bases geográficas, isto é, a configuração do município de Nova Friburgo: sua geografia, seus limites, seus distritos, etc. Posteriormente, iremos demonstrar a configuração de seu espaço urbano, dando ênfase aos aspectos sociais, políticos e econômicos.

Na segunda parte, apresentamos aspectos do processo de industrialização de Nova Friburgo, debatendo e destacando as origens

políticas deste processo industrial. Analisamos tanto as origens do capital, a questão da energia, quanto o impacto da indústria sobre o processo de urbanização de Nova Friburgo.

1 – DE VILA A CIDADE

1.1 - O Município e o espaço urbano

No ano de 1890, o município de Nova Friburgo era constituído de um território composto por um núcleo urbano situado nas proximidades do rio Bengala e por áreas rurais que circundavam esse território. O núcleo urbano era circundado pelas regiões de Rio Grande, Terras Frias e Lumiar, responsáveis na época pela produção de hortifrutigranjeiros e de flores que atendiam ao mercado urbano local bem como a uma parcela do mercado das capitais estadual e federal. Nas proximidades da região do Rio Grande, crescia o núcleo denominado Estação de Conselheiro Paulino que, embora ligado a uma produção rural, ia aos poucos assumindo características urbanas. Este núcleo referia-se a uma região que se urbanizava rapidamente em torno de uma estação ferroviária da Leopoldina Railway²⁴.

²⁴ Conselheiro Paulino constitui-se hoje um Distrito de Nova Friburgo. Naquela época, fazia parte do primeiro Distrito juntamente com Rio Grande, Terras Frias e o núcleo central da cidade. O 2º Distrito era a região de Lumiar, que englobava o atual Distrito São Pedro da Serra.

Localizada a oitocentos e quarenta e sete metros acima do nível do mar, o núcleo urbano de Nova Friburgo estendia-se com suas casas, prédios públicos, pequenas fábricas, ao longo de uma planície a partir do local de formação do rio Bengala (confluência do rio Santo Antônio e Rio Cônego). Observava-se também a existência de um reduzido número de edificações ao longo dos cursos dos rios Santo Antonio e Cônego. As áreas de maior densidade populacional correspondiam às regiões de ocupação ocorrida por ocasião do início da Colônia em 1820, isto é, verificamos, em fins do século XIX, que as regiões do antigo Largo do Pelourinho (Praça Marcílio Dias), Village e Praça XV de Novembro (atual Getúlio Vargas)²⁵, constituíam-se nas áreas de maior concentração populacional.

Segundo a revista *A Lanterna*, publicada no ano de 1907, Nova Friburgo contava com os seguintes espaços públicos:

Quadro1: ESPAÇOS PÚBLICOS DE NOVA FRIBURGO

ESPAÇOS PÚBLICOS	QUANTIDADES
RUAS	24

²⁵ Ao ser construída no século XIX, essa praça recebeu o nome de “Praça Princesa Isabel. Após o advento da República, seu nome mudou para “XV de Novembro”, e, somente após o suicídio do presidente Vargas, a Câmara Municipal de Nova Friburgo mudou o seu nome para “Praça Getúlio Vargas”.

PRAÇAS	4
AVENIDAS	2
LADEIRAS	1
TRAVESSAS	1

FONTE: Revista *A Lanterna*, 1907

O centro do município situava-se em torno da praça XV de Novembro, outrora Praça Princesa Izabel, projetada segundo o arquiteto francês Glaziou, em 1881. Era a praça de maior tamanho e considerada o coração da cidade:

*“Praça XV de Novembro: dividida em duas partes, por dois retiques de eucalyptus gigantes, que medem mais de quinze metros; duas dessas partes estão ajardinadas, tendo no centro grandes gramados onde se acham tanques destinados a receber repuchos. O plano da arborização e ajardinamento dessa praça pertence ao Dr. Glaziou tendo sido levado a efeito em 1884 à expensas do Sr. Conde de Nova Friburgo que com o mesmo despendeu mais de 20.000\$000”.*²⁶

A praça Paissandu, antigo Largo do Pelourinho e atual Praça Marçílio Dias, foi ajardinada por ocasião da Presidência da Câmara Municipal do Dr. Teodoro Gomes (1892-3), e mais tarde reformada pelo Presidente da Câmara Dr Ernesto Brasília²⁷.

²⁶ *A Lanterna*, p. 23, Nova Friburgo, 1907.

²⁷ “No centro desta praça destaca-se uma soqueira de bambus, que sobre uma superfície de cerca de quarenta metros quadrados, belos canteiros de flores, dispostas com arte, completam a ornamentação desse jardim”. *A Lanterna*, *ibid.*

Percebemos, na organização espacial das duas praças, uma concepção de beleza ressaltada por elementos naturais, evidenciados na preocupação com a arborização e o ajardinamento. Destacamos também o uso de plantas como o eucalipto, possivelmente utilizado como elemento importante na drenagem dos pântanos e na purificação do ar. Tudo indica que, por exemplo, na construção da Praça Princesa Izabel, centro da cidade, além da beleza, o construtor preocupou-se com o ar insalubre e com o solo pantanoso. Quanto à Praça Paissandu, podemos perceber uma preocupação maior com a estética verificada com o plantio dos bambus e das flores.

Outra praça importante, construída em 1904, por ocasião do governo municipal de Ernesto Brasília de Araújo, foi a Praça do Suspiro, localizada ao lado esquerdo do rio Bengala, onde evidencia-se a preocupação com a ornamentação e a estética.

“Alli se vêem bellas pontesinhas, umas imitando madeira roliça, outras bambus e pedras, em frente à entrada está collocada uma estátua de Minerva, de mármore, que tem mais de 150 anos de existência, essa estátua foi encontrada em uma fazenda de serra abaixo, em local que tinha sido jardim de uma grande fazenda, abandonada há mais de 60 anos, e oferecida à cidade de Nova Friburgo pelo Dr. Farinha Filho”²⁸.

²⁸ Idem, ibidem.

Da praça 1º. de Março, localizada próximo à saída em direção a Cantagalo, não existem registros descritivos. Situada em região pouco nobre, tinha, em suas proximidades, habitações pobres e por isso atraiu pouca atenção de autoridades e de jornalistas.

A rua General Argollo, (atual Avenida Alberto Braune), principal artéria da cidade, iniciava-se na Praça XV de Novembro e terminava nas proximidades do rio Santo Antonio, possuindo quinhentos e setenta metros de extensão e era aí que se localizava o maior número de edificações da cidade. Era cortada ao meio pela linha da ferrovia que se alongava em direção a Cantagalo e Sumidouro. Em toda a extensão dessa rua fixaram-se as principais casas de comércio e, em seu término, fora construída a estação da E. F. Leopoldina Railway: ponto de chegada de populações provenientes da capital e ponto de partida daqueles que iam em busca dos “ares civilizados” na cidade do Rio de Janeiro²⁹.

Além do papel econômico, principalmente comercial, desempenhado pela rua General Argollo, mencionamos o seu papel de elo condutor para aqueles que chegavam de outras plagas em busca de um ar saudável e que eram levados em direção à praça XV de Novembro. Por outro lado, era pela rua General Argollo que os moradores poderiam

²⁹ Julio Pompeu. Álbum de Nova Friburgo. Petrópolis, Oficinas Graphicas L. Silva & C, [1922].

embarcar nos trens em direção ao maior centro político, financeiro, artístico e cultural, a capital da República.

A Avenida Nova Friburgo, (atual Comte Bettancourt), com novecentos e sessenta metros de extensão, beirando a parte inicial do rio Bengala, constituía-se na segunda artéria mais importante da cidade. Ligava-se à rua General Argollo e à Praça XV de Novembro através de pequenas ruas como rua Jacome, rua Dona Umbelina, rua Duque de Caxias e rua Riachuelo, ponto final desta avenida. Além destas, citamos, mais ou menos próximo a elas a rua Sete de Setembro, rua Cantagalo e Avenida Santos Dumont, nas proximidades da antiga Village do Alto e, na parte final da rua General Argollo, citamos a rua Barão do Bom Retiro, (atual Moisés Amélio), rua Mac Niven e a rua Leuenroth, onde havia uma ponte cruzando o rio Santo Antonio³⁰.

Pelo exposto, podemos perceber que o rio Bengala sempre teve papel fundamental na vida municipal. Sua formação provinha da junção do rio Cônego (nascido no alto da Cascatinha, atravessando os atuais bairros do Cônego e de Olaria), com o rio Santo Antônio, (nascido no alto da serra, em Teodoro de Oliveira, atravessando os atuais bairros de Mury, Ponte da Saudade e Ypu). Além de ter sido ponto de referência para imigrantes, tropeiros, foi ainda fundamental no fornecimento de

água e peixes aos habitantes de seu entorno. O rio Bengala, entretanto, foi também elemento condutor de tragédias e medo. Na estação de verão, suas enchentes avançavam as águas muito além de suas margens, provocando destruições e pavor³¹.

Nos primórdios do regime republicano, Nova Friburgo alargava seus espaços e aos poucos assumia foros de cidade separando-se do mundo rural. O crescimento do número de praças, ruas e avenidas, projetadas e construídas pelo poder público, evidenciava algumas características importantes daquela conjuntura. O mais freqüente contato com maiores centros, como Rio de Janeiro e Niterói, intensificado com a construção da linha férrea, apontava ao poder municipal a necessidade de novas construções de ruas, avenidas e praças, denotando a preocupação e o compromisso com o embelezamento e com certos aspectos da modernidade.

Em fins do século XIX, os atuais bairros Cônego e Olaria eram pouco habitados e pouco incorporados à vida da cidade. O Cônego permanecia como uma grande fazenda com significativa produção de hortaliças. Por outro lado, Olaria fazia jus ao nome, pois constituía-se num pequeno vale onde a família Clemente Pinto (Barão e Conde de

³⁰ João Raimundo de Araújo. *O processo de urbanização da "Suíça Brasileira" 1890-1930*. Niterói: Programa de Pós-Graduação em História, ICH/UFF, 1992. (Dissertação de Mestrado).

Nova Friburgo) produzia telhas e tijolos para construção de seus palacetes, como a mansão que hoje é a sede antiga do Country Club, a sede antiga do atual Sanatório Naval e o antigo Solar da Baronesa, onde até recentemente situava-se a Câmara Municipal.

1. 2 - O município, a economia e a sociedade

A entrada de Nova Friburgo na última década do século revelava uma cidade ainda apresentando traços de uma continuidade do mundo rural: era comum, segundo jornais da época, o trânsito de animais como porcos, cavalos, galinhas, pelas praças e ruas do espaço urbano. Revelava já elementos característicos de um mundo urbano. A partir de 1890, Nova Friburgo possuía uma Câmara Municipal, um cartório de registro civil, uma cadeia, uma agência de Correios, sete escolas públicas, uma agência da Caixa Econômica.

No campo da produção, encontramos ainda pequenas fábricas, oficinas e lojas comerciais:

Quadro 2: NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS EM 1898

ESTABELECIMENTOS	QUANTIDADES
CASAS COMISSÁRIAS	3
EMPREITEIRAS CONSTRUTORAS	11

³¹ A imprensa da época, principalmente nos meses de Dezembro a Março, registrava os problemas advindos das enchentes. Ver especialmente o jornal *A PAZ*.

FÁBRICAS	7
OLARIAS	2
OFICINAS	32
LOJAS COMERCIAIS	81

FONTE: *Indicador Fluminense*, 1898, Pró-Memória da P.M.N.F.

Pelo quadro acima, evidencia-se o número maior de casas comerciais em relação aos outros estabelecimentos. Tratava-se de lojas fornecedoras de secos e molhados, fazendas, armarinhos, ferragens, louças, calçados, fumo, chapéus e fogos³². Além destes estabelecimentos, existem indícios da presença de um comércio ambulante bastante ativo. Pelas ruas da cidade circulavam os ambulantes proferindo pregões anunciadores de lenha, vassouras, verduras, quitutes variados e doces que faziam a alegria da criançada.

O Código de Posturas municipal, aprovado no ano de 1893, refere-se ao assunto em vários de seus capítulos e artigos. No capítulo intitulado “Sobre matanças de rezes, venda de carnes e gêneros corruptos”, especialmente no artigo número 48, estabelecia-se que “*O comércio ambulante nas ruas da cidade só poderá existir com autorização da Câmara Municipal*”. O mesmo código, no seu artigo 101, dizia: “*O comércio de ambulantes deverá ocorrer com licença*

14 GUIMARÃES, Arthur. *Um Inquérito em Nova Friburgo*. RJ, Typographia do Jornal do Comércio de Rodrigues e Cia, 1916.

autorizada pela Câmara municipal, exceção para lavradores que vendem seus próprios produtos”. Os artigos 102, 103, 107 e 123, traçam normas e regulamentos variados no que concerne ao melhor controle do poder público sobre o comércio ambulante.

Sobre as oficinas, registradas no *Indicador Fluminense*, encontramos vários tipos como: alfaiatarias, marcenarias, sapatarias, ferrarias, serralherias, funilarias, colchoarias, tipografia, chapelarias e selarias, tudo isso revelando uma sociedade em processo de urbanização.

Quanto aos estabelecimentos fabris, a mesma fonte nos informa sobre suas atividades:

Quadro 3: ATIVIDADES DOS ESTABELECIMENTOS FABRIS

ESTABELECIMENTOS	ATIVIDADES
A . de Beauclair & Cia	cervejaria
Bastos & Cia	cervejaria
Américo Samuel & Cia	destilação de bebidas
Antonio Henriques	tamancaria

Carlos Dumans & Cia	torrefação de café
Luís José de Souza	torrefação de café
Carlos Dumans & Cia	refinaria de açúcar

FONTE: *Indicador Fluminense, 1898*

O número pequeno de fábricas revela-nos, a princípio, que nesse momento Nova Friburgo ainda era uma cidade com produção industrial bastante reduzida. De outra sorte, é também possível considerar que tais fábricas se destinavam quase integralmente à produção de alimentos e bebidas requerendo tecnologia de pequena sofisticação. A única fábrica de tamancos, tendo em vista as próprias características do produto, não deveria utilizar técnicas mais avançadas. Por outro lado, o uso de mão-de-obra nesses estabelecimentos fabris se fazia em pequena quantidade e com pouca qualificação.

Quanto ao setor de serviços entregues à iniciativa privada, o *Indicador Fluminense* revela-nos:

Quadro 4: LISTA DE SERVIÇOS EM NOVA FRIBURGO – 1898

ESTABELECIMENTOS	QUANTIDADE
HOTÉIS	8
ESCOLAS	8
RESTAURANTE	1
CASAS DE PASTO	9
BOTEQUINS	16
CAFÉS	2

KIOSQUE	1
BILHARES	5
LOJAS DE BARBEIROS	8
CHAPELARIAS	2
PADARIAS	5
CONFETARIAS	2
DEP. DE FUMO, CIGARROS E CHARUTOS	4
JOALHEIROS	2
COSTUREIRAS	4
RELOJOARIAS	3
PAPELARIAS	1
DEP. DE MATERIAIS	1

FONTE: *Indicador Fluminense*, 1898.

Nesse momento em que Nova Friburgo aparecia como cidade de clima saudável, possuidora de reconhecidas belezas naturais, acentuando progressivamente seu aspecto de cidade acolhedora de uma crescente população adventícia, devemos nos deter sobre a importância de seus hotéis, restaurantes, casas de pasto, bem como de suas escolas. Os dois principais hotéis da cidade - Hotel Engert e Hotel Leuenroth - assim como o “Restaurante da Estação”, pertenciam a um único proprietário, Carlos Engert. São importantes também os seguintes hotéis: Salusse, Central, Friburguense, Hotel do Prata, Hotel do Comércio, Pensão Braga.

Quanto às escolas da cidade, seu número expressivo revela-nos possibilidades interessantes. De um lado, pode se perceber que havia uma certa qualidade destes estabelecimentos de ensino, o que incentivou a

animação intelectual da cidade. Por outro lado, o número de internatos era relativamente grande, o que nos leva a crer que Friburgo abrigava um número razoável de alunos de outros municípios:

Quadro 5: PRINCIPAIS COLÉGIOS DE FRIBURGO (SETOR PRIVADO)

ESCOLAS	FUNDAÇÃO	TIPO	CLIENTELA
Colégio Friburguense	1891	1 e 2	meninas
Lyceo Nacional	1880	1 e 2	meninos
Colégio Anchieta	1886	1	meninos
Colégio Braune	1864	1 e 2	meninas
Externato América	–	2	meninos
Colégio das Dorotéas	1893	1	meninas
Externato Santana	–	2	meninas
Externato Carvalho	–	2	misto

TIPOS: internato (1); externato (2).

FONTE: *Indicador Fluminense*, 1898.

Se somarmos o número de hotéis, restaurantes, casas de pasto com o número de escolas particulares que adotavam o regime de internato, podemos ter como resultado a possibilidade de Nova Friburgo receber, de outros municípios, uma quantidade significativa de pessoas em busca dos serviços desses estabelecimentos. As famílias com certas posses, ao trazerem seus filhos para se internarem em escolas friburguenses, tinham necessariamente que utilizar-se dos serviços de hotelaria e restaurantes. É possível também concluir que o nível dos serviços educacionais dessa cidade gozassem de fama bastante favorável.

Isto talvez explique a existência de cinco escolas com internato, num total de oito estabelecimentos.

Pelo quadro obtido a partir da fonte acima mencionada, podemos inferir algumas conclusões gerais sobre a construção do espaço urbano friburguense. Fica claro para nós que, na década de 90 do século XIX, a cidade via crescer suas funções de centro comercial, ponto de passagem de mercadorias que saíam das áreas rurais do centro-norte fluminense em direção às grandes cidades da baixada litorânea. O reverso também é verdadeiro: os produtos provenientes de Niterói e Rio de Janeiro em direção a Cantagalo, Sumidouro, necessariamente passavam por Nova Friburgo. Por tudo isso, registramos, também, a existência de circulação de comerciantes, mascates, ambulantes, nos espaços dessa cidade.

O papel de cidade que assume um papel de receptora de população proveniente de outros municípios, em busca de tranqüilidade, clima saudável, bons serviços inclusive para a educação de jovens, fica também consignado.

1. 3 - O município, população e vida

Ao estabelecermos uma análise sobre as características da população de Nova Friburgo, no período entre 1890 e 1910, buscaremos

a princípio os dados fornecidos pelos dois censos demográficos efetuados nos anos de 1890 e 1900. Sabemos, entretanto, que tal procedimento deve ser cercado de alguns limites, sendo analisados criticamente. Por outro lado, devemos lembrar que o município de Nova Friburgo teve seu território reduzido em virtude da desanexação da freguesia de São José do Ribeirão em fins do ano de 1892. Portanto, partiremos da análise dos censos, sem esquecer as modificações sofridas pelo território friburguense entre 1890 e 1900³³.

Comparando-se o censo de 1890 com o anterior do período imperial, realizado em 1872, notamos algumas modificações importantes. A população em termos absolutos parece ter diminuído, em 1890, pois, no Censo de 1872 verificamos um total de 20.656 habitantes. Em 1890, a população de Nova Friburgo totalizava 18.287 habitantes. Isto se deveu à desanexação da freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Paquequer, (atual município de Sumidouro) de Nova Friburgo. Registra-se pelo Censo de 1900, que Nova Friburgo ocupava a 3ª posição em termos populacionais dentre os municípios do centro-norte fluminense, com um total de 16.117 habitantes. A aparente redução populacional é explicada

³³ Conforme *Radiografia de uma cidade*, op. cit., a região correspondente a São José do Ribeirão foi desanexada de Nova Friburgo no início da fase republicana, constituindo-se num distrito do município de Bom Jardim.

pelo desligamento da região de São José do Ribeirão (anexada a Bom Jardim) e da região de Sebastiana (anexada a Teresópolis)³⁴.

É exatamente na sede do município, no distrito de São João Baptista de Nova Friburgo, que o censo de 1890 revela o maior crescimento populacional. O aumento das atividades urbanas, assim como a expansão do espaço ocupado leva-nos a concluir sobre o aumento populacional, tendência crescente e que se verificou também no censo de 1900. Podemos afirmar que a população de Nova Friburgo entrava na década de 90 em processo de expansão. A diversificação de atividades econômicas verificadas no espaço interno da cidade - comércio ambulante, lojas comerciais, botequins, padarias, barbearias, lojas de bilhar, confeitarias, etc. - confirmam os dados obtidos no censo do início da década. Assim, devido a fatores econômico-sociais, como a diversificação das atividades econômicas e urbanização, a população saltou, de pouco mais de nove mil habitantes em 1890, para dezesseis mil em 1900, perdendo em termos absolutos apenas para as áreas cafeeiras como Cantagalo e Itaocara.

A análise do censo de 1900 confirma o que vimos afirmando sobre o aumento populacional constante de Nova Friburgo. Esta já era, então, a terceira cidade do centro-norte fluminense em termos

³⁴ Verificar os Censos de população de 1872, 1890 e 1900 do IBGE. Pró-memória, PMNF.

populacionais. Friburgo torna-se um centro receptor das populações que migravam das áreas cafeeiras decadentes, inclusive da região do Paraíba Oriental, por exemplo, negros recentemente libertos da escravidão.

Os aspectos sociais desse conjunto de fatos - urbanização, diversificação de atividades econômicas, aumento populacional, recepção de imigrantes pobres e negros - devem agora ser ressaltados. Valemo-nos de fontes jornalísticas para tentar apreender o significado mais profundo dessa conjuntura. O estranhamento provocado pela presença de negros pobres em Nova Friburgo pode ser verificado nesse texto:

“Chamamos a atenção do Dr. Delegado de polícia para uma preta que reside na praça V de Itaboraí e que constantemente pronuncia em voz alta palavras imorais desrespeitando as famílias que aí residem e o público em geral. Esperamos providências a bem da moralidade ofendida”³⁵.

As práticas sociais dos negros, como a expressão de sua religiosidade, seu lazer, bem como a desocupação dessa mão-de-obra adventícia, eram encaradas como perigosas e indesejáveis como se vê nos excertos transcritos abaixo:

³⁵ Jornal *A Sentinela*, 1898, do Pró-Memória da PMNF. Todas as citações a seguir são da mesma fonte, o jornal *A Sentinela*, datando de 1898, sendo retiradas, porém, de diversos números do jornal.

“Solicitamos à polícia acabar com as reuniões de negros praticando canjerê, o que é um incitamento ao roubo e ao furto.”

“(…) os vadios andam a granel pelas ruas da cidade, animados com a indiferença das autoridades policiais que não lhes pedem contas do modo de vida.”

“É sempre a nossa polícia. Cega! Sempre! Bandos e bandos de menores, vagabundos, passam dias inteiros entregues ao vício do jogo, tão degradante, atendendo a idade deles sem que lhes oponha o menor embargo. Isto vai sem comentários.”

O crescimento populacional desordenado de Nova Friburgo acrescido do fato de muitos negros ex-escravos terem vindo para esta cidade, a influência das idéias de modernização europeizante existentes no Rio de Janeiro da “*belle époque*”, cuja influência sobre Nova Friburgo era enorme, tudo isso provocou a reação da classe dominante no burgo serrano, expressa nos artigos de jornal. No período de aprofundamento da inserção do Brasil no contexto capitalista mundial, em que o valor da força de trabalho estava em alta, em que a indústria vinha associada a modernização, a “vadiagem” dos negros e dos pobres em geral era desprezada e mesmo temida. Várias são as notícias sobre a ocorrência de pequenos roubos publicados na imprensa local:

“Os vadios andam a grande pelas ruas da cidade, animados com a indiferença das autoridades que não lhes pedem contas do modo de vida. Não há muitos dias os sr. Antonio Lages de Sá foi vítima da audácia de alguns gatunos, mais tarde as Irmãs Dorotéas. A polícia que

*parece estar de mãos dadas com a Câmara Municipal, atendendo-se no pouco caso com que trata dos interesses do povo, vive a dormir placidamente, enquanto que os amigos do alheio exercem seu proveitoso ofício.*³⁶”

A natureza dos assaltos fica patente com esta notícia, também transcrita em “A Sentinela”: “Chega ao nosso conhecimento que furtaram do quintal do sr. Anselmo Chaves muitas peças de roupa que ali estavam estendidas e assaltaram o galinheiro de Dona Dulce Braune, fazendo provisões de perus e galinhas.”

Outros episódios encontrados no noticiário jornalístico atestam o crescimento da cidade proveniente de uma população ainda acostumada a um modo de vida tipicamente rural.

“Chamamos a atenção do Sr. Carl Engert, dos senhores fiscais e finalmente qualquer funcionário encarregado da fiscalização municipal, para a grande quantidade de animais que pastam livremente pela Praça 1^o. de Março.”
*“Na Praça do Suspiro, à doce luz das estrelas, pascem placidamente alguns mansos representantes das raças muar, cavalar, bovina. Se alguns dos senhores fiscais quizesse ali transitar de quando em vez à noite, concorreria com uma boa renda para os cofres municipais tão onerados com empregados que recebem 14.000\$000 anuais.”*³⁷

Pelo que podemos depreender das inúmeras informações acima percebe-se, pelo ano de 1898, a existência de uma parcela da população

³⁶ Jornal A Sentinela, 1898.

de Nova Friburgo vivendo alijada do mercado de trabalho da cidade, marginalizada e, por isso, identificada com a vadiagem, vivendo de expedientes como roubos e assaltos. Constituía, tal parcela, uma reserva de mão-de-obra em disponibilidade para as empresas já instaladas na cidade, bem como aquelas que se instalarão a partir de 1911, o que contribuiu para abaixar os salários da força de trabalho³⁸.

O processo de urbanização e modernização dessa cidade conviveu, pois, com a existência dessa população pobre e marginalizada que os capitais alemães vão aproveitar e enquadrar numa estrutura fabril bastante autoritária. Como raiz mais profunda, esse fenômeno sustentou-se num autoritarismo rural, tradicional e portanto histórico.

1.4 - A E. F. Leopoldina: um trem passa por Nova Friburgo

Estudando a expansão do capital cafeeiro e suas relações com a grande empresa de serviço público, a partir da segunda metade do século XIX, Flávio Saes³⁹ procura enfatizar a profunda relação entre aquele capital com a criação e expansão do transporte ferroviário em São Paulo. Flávio Saes ressalta que a ligação entre a expansão da ferrovia e a

³⁷ Jornal *A Sentinela*, no. 2, 23/01/1898, Pró-Memória de Nova Friburgo.

³⁸ Em 1898, verificam-se registros na imprensa local de um movimento “paredista” de trabalhadores em pequenos estabelecimentos locais cujos motivos eram ínfimos salários pagos de três em três meses.

produção cafeeira vai aos poucos deixando de ser importante. Verifica que, a partir de 1915, o café perde aos poucos sua função de gerador de outras atividades (indústrias, ferrovias, bancos), assim como tem início um processo de autonomização desses setores da economia, gerando acumulações próprias.

A estrada de ferro Leopoldina foi inicialmente resultado da expansão cafeeira no Paraíba Oriental, na segunda metade do século XIX, mas sobreviveu à sua decadência, adquirindo dinâmica própria, durante longas décadas do século XX.

O trem veio exercer um papel importante nas transformações sociais em curso na cidade dos primórdios do século XX. Se até então a ocupação do espaço urbano friburguense se fazia ao longo das margens do rio Bengala, com a chegada da ferrovia, e sua extensão em direção a Porto Novo do Cunha e a Cantagalo, constatamos um novo direcionamento da população, acompanhando a linha férrea.

Em seguida, pretendemos levantar algumas análises quanto ao papel desempenhado pela ferrovia no que concerne ao estabelecimento da influência marcante nas definições do modo de vida da população no município. O elemento de contato com o Rio de Janeiro, os horários de passagem dos trens, a estação como espaço de chegada e saída de

³⁹ Flávio Saes. *A Grande Empresa de Serviço Público na Economia Cafeeira 1850-1930*. São Paulo: HUCITEC, 1986.

autoridades, as novidades trazidas pelos comboios, o trem como condutor de vida e morte, tudo isto que o trem transporta em sua existência significava importante influência sobre a vida da população.

De início, coube ao primeiro Barão de Nova Friburgo, Antônio Clemente Pinto, as primeiras iniciativas e gestões junto ao imperador Pedro II no sentido de iniciar a construção da Estrada de Ferro Cantagalo. Tratava-se de um momento de expansão cafeeira na região do Paraíba Oriental e a construção de um ramal ferroviário a partir da estação de Porto das Caixas, na Baixada, tornaria mais ágil o transporte daquele produto até o porto do Rio de Janeiro. Em 1873, sob a orientação do segundo Barão de Nova Friburgo é concluído e inaugurado o trecho ferroviário que ligava Cachoeiras de Macacu a Nova Friburgo.

Evidenciava-se a estreita ligação entre a lavoura cafeeira e expansão ferroviária, com a criação da Estrada de Ferro Cantagalo. Podemos afirmar que, até a década de 80 do século XIX, essa dependência da ferrovia com relação à aristocracia rural cafeeira ficava caracterizada, pois o escoamento da produção cafeeira ficava garantido por este meio de transporte moderno e eficaz.

Entre 1870 e 1890, consolidava-se a posição de Nova Friburgo como centro de dispersão ferroviária. É que a via férrea prolongava-se

para além da estação localizada na rua Gal. Argollo. Os trilhos se estendiam por esta rua, passavam pelo lado da Praça XV de Novembro, atingia a avenida Santos Dumont, onde se construiu um pontilhão atravessando o Bengala, chegava à localidade de Duas Pedras e daí, quase em linha reta, se dirigia à estação de cargas de Conselheiro Paulino.

Da estação de Conselheiro Paulino, a linha férrea se dividia em duas direções. Em 25 de abril de 1871, o governo provincial autorizava o prolongamento desta via até Santa Maria Madalena, passando por Cantagalo, ramal este inaugurado em 1878. Em 1889, inaugurava-se o ramal de Sumidouro, cujos trilhos se estendiam pelas estações de Rio Grande, Dona Mariana, Murinelly, Barão de Aquino e finalmente Vila de Sumidouro. Os dois ramais faziam parte da Estrada de Ferro Cantagalo que, em 25 de agosto de 1887, era vendida pelo Barão de Nova Friburgo à Companhia Leopoldina Railway⁴⁰.

Destacamos o fato acima por tratar de um momento em que a estrada de Ferro Cantagalo construída e controlada, até aquele momento, pelo Barão de Nova Friburgo, passava ao controle de uma companhia de capital inglês, até certo ponto não vinculado diretamente ao setor cafeeiro. Acreditamos ser este momento de rompimento na relação café-

ferrovia, passando esta a ter maior autonomia relativamente àquele setor que a originava.

Os atritos entre os produtores regionais e a companhia inglesa não demoraram a aparecer. O jornal *O Friburguense*, em seu número 26, publica matéria onde consta reclamação contra os trens da Companhia Leopoldina em virtude das “*demoras na entrega como café, etc.*” registrando-se ainda críticas contra as irregularidades quanto a prestações de serviço cometidas pela Leopoldina Railway, pois trariam prejuízos ao comércio, à lavoura e ao povo, segundo o articulista⁴¹. As reclamações acerca da demora do trem, causadora de prejuízos, não paravam por aí:

“Informaram-nos que os produtos das lavouras, como o café, que é o principal dos municípios do Carmo, Sumidouro e parte de Nova Friburgo, são conduzidos por esta estrada com grande demora, ficando completamente cheias as estações de Bella Joana, Sumidouro, Barão de Aquino, Murilnelly, Dona Marliana, Conselheiro Paulino. Sendo alguns desses gêneros expedidos a custa de muitas rogativas dos remetentes que não poucas vezes testemunham a depreciação dos seus gêneros. (...) os fretes de bagagens são elevados excessivamente e as taxas que pagam os transeuntes são fabulosas comparando-se com as de outras vias similares”⁴².

⁴⁰ Edmundo Siqueira. *Resumo Histórico de The Leopoldina Railway Company Limited*, RJ, Gráfica Editora Carioca, 1938, p. 134.

⁴¹ *Jornal O Fribuguense*, n.º. 106, 23/09/1892.

⁴² *Idem*, n.º. 102, 28/08/1892.

Para alguns, o trem significava a chegada de amigos e familiares, um reencontro de alegria e felicidade. Tratava-se, ainda, através das conversas com os recém chegados de manter contato com o “mundo civilizado”, com o que havia em termos de “última moda”, com as “tricas e futricas” que se estendiam pela capital da Província e pela capital nacional.

Era, ainda, a estação da Leopoldina um local onde festas e manifestações populares ocorriam em certas ocasiões. A vinda de políticos importantes em nível estadual e federal possibilitava sempre a afluência de pessoas e aí se faziam comícios e discursos. É bom lembrar que o único restaurante existente na cidade, conforme o *Indicador Fluminense*, era o Restaurante da Estação, onde realizavam-se jantares organizados pelas elites, em momentos de expressar apoio a personalidades políticas que passavam pela cidade.

As manifestações religiosas freqüentemente tinham início na Estação da Leopoldina: a partir desse ponto, organizavam-se as procissões em direção à Igreja Matriz, localizada na Praça XV de Novembro. A festa, a manifestação popular, as manifestações políticas e religiosas, tinham o seu ponto de partida na estação ferroviária da Leopoldina Railway. Inegavelmente, a empresa ferroviária significava

um determinado espaço que condicionava o pulsar da vida em Nova Friburgo.

Contrapondo-se à alegria das festas, o trem constituía-se, também, num veículo condutor de tristezas, apreensões, preocupações. Notícias de mortes eram às vezes publicadas nos jornais da cidade, envolvendo moradores do “frio burgo” e o trem. Os jornais que circulavam na cidade constantemente apontavam as desgraças trazidas pelo trem: descarrilamentos, desastres, atropelamentos ocorridos na via férrea⁴³.

Em 1895, um grande pesadelo ameaçava a vida da população friburguense. Tratava-se do cólera que se alastrava em Porto Novo do Cunha e que poderia chegar a Nova Friburgo através da estrada de ferro. As autoridades, reconhecendo o perigo, tentam alertar a população, como fêz o médico da Câmara Municipal, Dr. Alfredo de Castro:

“Pede-se aos moradores desta cidade e aos proprietários de hotéis que hospedarem em suas casas pessoas vindas de Porto Novo do Cunha participarem ao abaixo assinado a fim de serem elas evitadas diariamente durante o prazo conveniente”⁴⁴.

Portanto, além da festa, sinônimo de vida e alegria, a ferrovia também era capaz de trazer a preocupação, a doença, a morte. É inegável,

⁴³ Jornal *O Friburguense*, pró-Memória de Nova Friburgo: “Sobre o leito da via férrea, foi encontrado um indivíduo de cor preta. Foi levado a uma farmácia, depois para a cadeia, onde morreu”.

pois, a importância desempenhada pela Companhia Leopoldina Railway para o desenvolvimento econômico e para a vida social de Nova Friburgo. Desde a sua criação até meados do século XX a ferrovia continuou exercendo papéis importantes, já que distribuía mercadorias, transportava pessoas, promovia encontros e despedidas, enfim, participava ativamente do pulsar da vida da população friburguense. O seu declínio e sua extinção na década de 60 denotam a adoção de novo modelo de modernidade neste país - a rodovia - onde não cabia mais o transporte ferroviário.

Resta apenas na lembrança daqueles que perceberam a importância do trem nas suas vidas. Como nos saudosos versos de Maria José Braga:

*“Cadê a moça do trem
e a velha estação do trem?
O próprio trem onde está?
Quero ir ao Paraná,
embarcar pra Bom Jardim,
correr estradas sem fim.
Cadê a linha do trem,
cadê o apito do trem?
Quando eu morrer quero o trem
me levando para o Além.”*

2 -A INDÚSTRIA EM NOVA FRIBURGO

⁴⁴ Jornal *O Friburguense*, nº 313, 24/01/1895.

2. 1 - Nova Friburgo: capitalistas alemães sobem a serra

A chegada de empresários de origem alemã, Peter Julius Ferdinand Arp e Maximilian Falck em Nova Friburgo a partir do ano de 1910 e o início das atividades industriais a partir de 1911, após a criação das firmas M. SINJEN e Cia e M. FALCK e Cia é inegavelmente um marco na história do município. Tais eventos se associam também à criação da Companhia de Eletricidade com o conseqüente controle do fornecimento de energia pelo empresário Julius Arp.

Alguns fatores devem ser arrolados como causadores das empresas industriais nesta cidade. Em primeiro lugar, é possível pensar a industrialização friburguense como um aspecto da expansão do capitalismo mundial em sua fase imperialista. Em seguida, verificamos os fatores propriamente internos a Nova Friburgo e que a levaram a industrializar-se.

Muitos são os fatores que explicam a escolha dessa cidade para a instalação das fábricas dos empresários alemães: vantagens fiscais; proximidade dos grandes centros consumidores, aos quais Nova Friburgo estava ligada pela via férrea; isenção da taxa de transporte das matérias-primas; energia elétrica em vias de ser instalada⁴⁵.

⁴⁵ Helloisa Serzedello Corrêa. *A Industrialização de Nova Friburgo*. Niterói, ICHF, UFF, 1986 (Dissertação de Mestrado)

Além das vantagens acima mencionadas, outros fatores estão relacionados com determinadas especificidades do Estado do Rio de Janeiro e a proximidade da Capital Federal, podendo ser assim resumidos:

a) o Rio de Janeiro seria o principal mercado consumidor dos produtos fabricados em Nova Friburgo - rendas, passamanarias, filó, etc. - artigos de complementação das fábricas de tecidos cariocas e que exigem um mercado consumidor mais amplo do que Nova Friburgo constituía àquela época.

b) a princípio, Julius Arp tinha a intenção de implantar a fábrica de rendas em Santa Catarina e, para isso, encomendara máquinas e equipamentos da Alemanha. O Governo do Estado de Santa Catarina exigia determinados impostos, inexistentes no Estado do Rio de Janeiro. Desse modo, seria mais vantajoso abandonar o projeto catarinense e implantar-se em Nova Friburgo.

c) em Nova Friburgo, existia uma pequena colônia alemã, criada desde 1824 e constituída com uma certa solidez. Desde o século XIX, já existia na cidade a Igreja Luterana e um cemitério alemão. Além disso, a cidade possuía alguma infra-estrutura urbana propiciadora de certo conforto⁴⁶.

⁴⁶ Helloisa Sersedello Corrêa, op. cit., cap. "A fábrica e seus donos", p. 79-120

Quanto à origem dos capitais, acreditamos ser de grande importância historiarmos o surgimento e a formação dos empresários Julius Arp e Maximillian Falck.

Peter Julius Arp nasceu em 26 de Março de 1858 em Fahrem Holstein, na Alemanha, e era filho de Joachim Arp e Gretze Klindt Arp. Aos 23 anos veio para o Brasil, chegando ao Rio de Janeiro em 9 de Janeiro de 1882. Inicialmente fixou-se na cidade de Santos, dedicando-se ao comércio de café, retornando mais tarde ao Rio de Janeiro, empregando-se em uma empresa de importação de máquinas de costura, brinquedos e armas⁴⁷. Tratava-se da firma M. Nothmann & Cia, pertencente a Maximillian Nothmann e à sua esposa Clara Nothmann. Em 1895, após a morte de M. Nothmann, tal firma foi transferida para uma nova firma, ARP & Cia, tendo como sócio Julius Arp, participando com um capital equivalente a cento e oitenta contos de réis, e José Ribeiro de Araújo, este participando com capital equivalente a cem contos de réis. A nova empresa situava-se na rua do Ouvidor número 68, no Rio de Janeiro. No mesmo ano de 1895 a junta comercial do Rio de Janeiro concedia a Julius Arp a carta de comerciante matriculado.

Em 10 de Junho de 1898, a firma ARP & Cia registrou o aumento do seu capital inicial para quinhentos contos de réis, cabendo a Julius Arp

⁴⁷ C. R. Fischer. *Uma História em Quatro Tempos*. Nova Friburgo, Tipografia da Fábrica de Rendas Arp, s/d, p. 80-1.

participação com duzentos e oitenta contos de réis e a José Ribeiro de Araújo uma participação com os restantes duzentos e vinte contos de réis. Após a saída de José Ribeiro de Araújo, em 16 de Janeiro de 1902, a sociedade absorveu novos sócios, Fritz Korke e Hugo Belingrod, mas é interessante notar que Julius Arp amplia sua participação para trezentos e noventa contos de réis.

No ano de 1900, a empresa Arp & Cia entra no ramo industrial associando-se em Joinville a Ottomar Kaiser, dono de uma fábrica de meias e fundador da empresa Kaiser & Cia. A produção dessa indústria seria comercializada, na cidade do Rio de Janeiro, pela empresa Arp & Cia, sócia oficial do empreendimento. Em Joinville, Julius Arp conheceu o caixeiro viajante Markus Sinjen, funcionário da empresa importadora Ernesto Beck e Cia, contratando-o, mais tarde, para gerenciar a Arp & Cia no Rio de Janeiro. Markus Sinjen tornar-se-á um dos sócios de Julius Arp nos empreendimentos situados em Nova Friburgo.

Os primeiros contatos com Nova Friburgo aconteceram através do amigo pessoal e corretor da Bolsa de Valores, o alemão Maximilliann Falck, sócio da empresa Dennis e Falck que adquirira, em 1911, o Sítio Ypu. Falck, nascera em Berlim, no ano de 1865 e teria vindo para o

Brasil, aos vinte e seis anos de idade, como funcionário do Brasiltanische Bank Fuer Deutschland.⁴⁸

A aproximação dos empresários Falck e Arp, assim como as dificuldades percebidas junto ao governo catarinense para instalação da fábrica de rendas em Joinville, fizeram com que os planos de Julius Arp tenham sido modificados no sentido de transferência daquele empreendimento para Nova Friburgo⁴⁹.

A análise da pequena biografia de Julius Arp e M. Falck não nos deixa dúvidas quanto às origens dos capitais responsáveis pelo processo industrial de Nova Friburgo. Cremos ser bastante evidente que tais capitais provieram dos setores comercial e financeiro. Estes investidores alemães se fizeram empresários através de empreendimentos ligados ao setor comercial de importação e exportação, bem como atividades ligadas à Bolsa de Valores⁵⁰.

2. 2 - Nova Friburgo: a indústria como questão política

⁴⁸ Reafirmamos que os empresários responsáveis pela implantação das principais indústrias de Nova Friburgo são de nacionalidade alemã, porém os mesmo não podemos afirmar sobre a origem dos capitais. No caso de Julius Arp, fica claro a origem do capital decorrente de uma acumulação proveniente do setor comercial na cidade do Rio de Janeiro; no caso de M. Falck, embora não tenhamos obtido comprovação mais firme, é possível que o capital tenha sido originário do setor financeiro.

⁴⁹ Helloisa S. Corrêa, op. cit., p. 103.

⁵⁰ Análise baseada nas obras de Eulália L. Lobo. *História do Rio de Janeiro: do Capital Comercial ao Capital Industrial e Financeiro*. RJ, IBMEC, 1978; Marcos A. Reis Guarita. "A Indústria de transformação do Rio de Janeiro no Século XX". Dissertação defendida na UFRJ, 1986.

Estudar os fatores econômicos que levaram à implantação da indústria nesta cidade é importantíssimo, pois aponta para a originalidade do processo de industrialização friburguense, mas a análise econômica por si só não dá conta da complexidade deste processo. Para isto, devemos atentar para as questões políticas e sociais do município. A industrialização de Nova Friburgo foi, antes de mais nada, o resultado de tramas políticas, de lutas no interior das elites locais em confronto na busca de hegemonia no âmbito do município. Procuraremos, então, expor as condições políticas que vieram favorecer ou retardar a consolidação do processo industrial em Nova Friburgo. Em suma, nossa preocupação estará centrada nas políticas econômicas implantadas, ou sugeridas, pelas elites locais.

O confronto político entre o grupo representado por Galiano das Neves Junior que, em 1911, dirigia o poder municipal como Presidente da Câmara dos Vereadores, contra o grupo liderado por Dr. Galdino do Valle Filho, líder da oposição naquele momento, agitava os meios políticos friburguenses, por ocasião da chegada dos empresários alemães na cidade. Ficavam evidentes, em toda a discussão sobre o papel da indústria, as divergências apontadas sempre para a problemática política acerca do poder estadual. Se Galiano Jr., no plano municipal, representava a situação, no plano estadual verificamos, naquele

momento, a derrota eleitoral de Alfredo Backer, aliado de Galiano Jr, e a conseqüente vitória de Oliveira Botelho o qual, em Nova Friburgo, era aliado a Galdino Filho. Desse modo, as discussões sobre a questão industrial neste município apontavam sempre para a questão política estadual. O jornal *A PAZ*, de propriedade de Galdino do Valle, afirmava, em seu editorial, em janeiro de 1911:

“Quando ainda a derrocada do malsinado governo do Sr. Backer era um sonho que somente povoava os sonhos dos visionários, propugnávamos, já destas mesmas colunas, pela prática de medidas que já julgávamos, como ainda hoje julgamos, elementos imprescindíveis ao desenvolvimento material desta terra”⁵¹.

Ao mesmo tempo, percebemos críticas contundentes ao grupo que dirigia os poderes municipais, nomeando-os como responsáveis pelo atraso e “inércia” existentes no município. Esse grupo da situação seria responsável pelo atraso verificado durante vários anos em que dominavam o poder, permitindo a perpetuação de uma aristocracia local, desinteressada de implementar medidas que beneficiavam a população como um todo. No mesmo editorial de *A PAZ* lê-se:

“Não podemos nos conformar com o estacionamento deste município bem fadado, mas que o destino cruel acorrentara a direção dos homens cujo horizonte administrativo não ia além da satisfação de

⁵¹ Jornal *A PAZ*, nº 153, de 29/01/1911, Pró-Memória da PMNF.

pequenos gostos materiais, a custa deste generoso torrão. Aqueles que se tem sucedido na direção política local, vem com religioso respeito, guardando as práticas rotineiras que há 50 anos procuravam trancar as nossas fronteiras à invasão da indústria, à sanha avassaladora de toda ordem de progresso. Mostramos já com a criação de disposições legislativas municipais, a viva preocupação dos nossos governadores em afastar dessa cidade toda a sorte de indústria que viesse quebrar a linha aristocrática dos nossos concidadãos. Pretendeu-se sempre fazer pairar a nossa encantadora urbs em elevada esfera de nobreza, inatingível para quem não fosse bem aquinhoado na divisão dos proventos materiais.”(sic). A PAZ, 29/01/1911.

A defesa da indústria como sinônimo de progresso, bem-estar material, deveria estar associada às condições de salubridade, beleza e encantamento, encontrados em Nova Friburgo. Essas condições naturais, típicas deste município, deveriam se ligar ao crescimento industrial, responsável pela criação de uma base sólida e indestrutível. Até mesmo outros municípios que não possuíam os atributos encontrados em Nova Friburgo viviam situações decorrentes da implantação industrial:

A questão do progresso, condição de felicidade, é vista como consequência da implantação da indústria. O jornal de Galdino do Valle Filho assumia a bandeira do ideal progressista necessariamente decorrente da fixação da indústria na cidade, encerrando o editorial com estas palavras: *“Apellamos para um iconoclasta, viesse de onde viesse, que destruisse os ídolos e abrisse para esta terra uma era de progresso e*

felicidade, que tivesse como base sólida, indestrutível, o trabalho e a honestidade”.

No processo de criação industrial a questão da energia, responsável pela movimentação das máquinas, exerce um papel fundamental. Em Nova Friburgo, a discussão sobre a implantação de uma usina hidroelétrica remonta aos fins do século XIX e somente em 1906 a Câmara Municipal concedera ao empresário Coronel Antonio Fernandes da Costa o direito de explorar este serviço. A construção da usina pelo Coronel Fernandes sofreu alguns problemas não conseguindo o empresário cumprir os prazos determinados.

Em princípios de 1911 Julius Arp iniciava a construção da Fábrica de Rendas e, ao mesmo tempo, manifestava o desejo de obter a concessão para operar a usina de eletricidade em substituição ao Coronel Fernandes. Eis um momento dos mais interessantes da história friburguense. A disputa entre Coronel Fernandes e Julius Arp pelo controle do fornecimento de eletricidade aponta para um conflito mais amplo entre duas facções das elites friburguenses em confronto também pela direção política do município. A defesa da manutenção da concessão ao Coronel Fernandes era feita pela Coronel Galiano das Neves Jr. que chefiava o grupo ora dirigente da Câmara municipal. De outro lado, a

defesa da transferência da concessão ao empresário alemão era feita pelo jovem político Galdino do Valle Filho.

2.3 - O dia do quebra-lâmpioes

A PAZ, de 21 de Maio de 1911, relata os fatos ocorridos no dia 17 deste mês, que são emblemáticos da vitória da corrente industrialista em Nova Friburgo.

“Tas resoluções tomou o Sr. Arp na última quarta-feira, depois de haver sido grosseiramente recebido pelo presidente da Câmara, o qual procurara com o fim de ultimar as negociações. Diante do fracasso de tão promissora iniciativa, a população começou a agitar-se e pouco a pouco se foram agitando os ânimos. O facto era comentado com grande indignação notando desusado movimento nas ruas e em menos de uma hora uma multidão enorme se aglomerava na Praça 15 de novembro. Sem a força precisa para manter a ordem, pois que cinco praças apenas constituíam o destacamento, três das quais prestavam guarda à cadeia e duas ao quartel, o Delegado de Polícia, com auxílio de oito comissários e de alguns populares procurou acalmar os ânimos não o conseguindo em vista de haver a multidão se subdividido em diversos grupos que se destacaram para diferentes pontos da cidade, em enorme algazarra, danificando no trajeto os lâmpioes da iluminação pública, escapando somente os dous que se acham localizados em frente à cadeia”.

Lâmpioes danificados, cidade às escuras, a multidão voltou-se contra a Câmara Municipal ,segundo a mesma fonte:

“Uma vez a cidade completamente às escuras e sem a possibilidade do menor policiamento, os grupos reuniram-se novamente em frente à Câmara Municipal formando uma multidão de mais de quinhentas pessoas, que aos vivas à empresa Arp e morras ao presidente da Câmara, apedrejaram o edifício municipal, arrombando em seguida as portas e janelas do mesmo, em cujo recinto penetraram destruindo por completo os móveis e utensílios ali existentes.” A PAZ, 21/05/1911.

Consignamos que o dia 17 de maio de 1911, conhecido como “dia do quebra-lâmpios”, significou um momento determinante para a mudança da postura dos membros da Câmara Municipal no que tange à concessão dos direitos de exploração da energia elétrica na cidade.

Os fatos acima relatados simbolizam a defesa da modernidade representada na destruição física dos lâmpios a gás. Em seguida, a invasão e conseqüente destruição do prédio da Câmara simbolizava os estertores de um poder municipal nitidamente oligárquico e sua substituição por uma nova elite que, embora fosse conservadora, era defensora de novos interesses identificados com a indústria, sinônimo de modernidade. Em conclusão, torna-se necessário reiterar que o processo político friburguense, evidenciado no momento do episódio do “quebra-lâmpios”, possibilitou a associação entre o fato econômico (implantação industrial) com o fato político (vitória da corrente política representada por Galdino do Valle Filho).

2.4 - Eletricidade e modernidade conservadora

Vencida a batalha, o empresário Julius Arp pode vangloriar-se de nova conquista quando, mais tarde, assina com a Câmara Municipal o contrato de fornecimento de energia. A análise deste contrato, assinado em 20 de Novembro de 1911, possibilita-nos entender as condições excepcionais obtidas por Julius Arp após o episódio do “quebrar-lâmpadas”. Em sua cláusula primeira o contrato estabelecia:

“A Câmara Municipal de Nova Friburgo garante e concede aos contratantes Julius Arp & Cia, sociedade em comandita, o direito de explorarem o serviço de iluminação pública e particular e força dentro de uma circunferência que tenha de raio seis quilômetros e por centro a rua General Argollo ao sahir da Praça 15 de Novembro”⁵².

Analisando outras cláusulas deste contrato constatamos a evidência de benesses obtidas pelo grupo empresarial Arp ao longo de um prazo definido por trinta anos de concessão. Por exemplo, a Câmara concedia isenção de *“impostos, alvarás, e quaisquer contribuições municipais que estejam em sua alçada cobrar e lançar”* a este grupo na vigência do contrato, bem como *“interceder perante ao governo do*

⁵² Conforme E. Fischer. *Uma História em quatro tempos*,

Estado a fim de que por si ou pelo governo da União, conceda isenção de impostos aduaneiros para o material que fora importado e que tivera que ser empregado na instalação do serviço”⁵³.

Além destas vantagens evidentes, destacamos ainda a parte do contrato garantidora de direitos excepcionais ao novo empresário da eletricidade. Vejamos a cláusula 26:

*“Os contratantes terão o direito:
a) de desapropriação, a custa dos contratantes e segundo as leis do Estado, para os terrenos e imóveis que forem indispensáveis aos serviços das instalações elétricas e de suas dependências destinadas à iluminação pública;
b) de fornecer eletricidade para força motriz ou outro qualquer fim, além do limite da iluminação pública a qualquer industrial ou particular que dela se queira utilizar...”*

Os poderes conferidos à empresa contratante são de enorme magnitude, conforme a cláusula acima, podendo definir desapropriações de terrenos, imóveis, consideradas indispensáveis. Vemos aí o poder privado assumindo funções cabíveis ao poder público que estrategicamente se afastava de decisões concernentes à esfera pública. Por outro lado, o item b da cláusula 26 conferia o direito ao empresário de fornecimento de energia e iluminação fora dos limites estabelecidos

⁵³ Idem, ibidem.

inicialmente pelo contrato. Estranhamente, não se tratava de um dever da empresa, o que nos leva a concluir que o contratante é que julgava a validade ou não do atendimento ao solicitante. Esta cláusula, em seu inciso b, permitia a Julius Arp e Cia o direito de escolher aquelas empresas que poderiam se instalar no espaço friburguense. Inegavelmente, esta cláusula aponta as condições excepcionais em que foram se instalando as novas empresas na cidade, assim como clarifica o enorme poder concedido pela Câmara Municipal especificamente ao empresário Julius Arp. Em suma, em se tratando de indústrias modernas que necessitavam de energia elétrica, sua implantação em Nova Friburgo dependia da aceitação de um empresário do setor privado.

Concluindo, é possível estabelecer aí as origens históricas do papel hegemônico desempenhado pelos empresários de origem alemã na terra friburguense. A empresa de eletricidade, já iniciando suas operações a partir de 1911, passou a exercer um papel de grande importância no processo de implantação de novas empresas e no direcionamento da ocupação do espaço municipal. Por outro lado, percebemos a presença crescente de empresários alemães na economia de Nova Friburgo. Como se pode verificar, por exemplo, na lista de sócios da própria empresa de eletricidade, que tinha Julius Arp como sócio majoritário, e como sócios minoritários os seguintes empresários: Maximilliann Falck, H.

Mutzenbecher, H. Grube, Alfredo Von Sydon, Markus Sinjen, Johannes Haasis, B. Wallnelt⁵⁴. Gostaríamos de lembrar que desta lista, além de Arp, Falck e Sinjen terão um papel importantíssimo na implantação da indústria em Nova Friburgo.

2.5 - A implantação das indústrias

Após garantir o controle do fornecimento da energia elétrica, Julius Arp adquiriu terras dos herdeiros do Barão de Nova Friburgo, às margens do rio Cônego e próximo à Praça Paissandu, dando início à Fábrica de Rendas M. Sinjen & Cia. É bom lembrar que Markus Sinjen era gerente e procurador de Arp & Cia além de acionista da companhia de eletricidade. Em junho de 1911, chegam as primeiras máquinas alemãs, iniciando-se a produção de rendas, com 36 empregados. Em 1913, há uma diversificação da produção, quando a empresa importa da Alemanha um pantógrafo que produzia rendas bordadas em filó grosso de sete jardas. Para esse setor da produção, foi contratado o alemão Afons Grabers, encarregado da manipulação e operacionalização do novo maquinário. A princípio, a direção desta empresa estava a cargo de

⁵⁴ E. Fischer, op. cit. p. 104.

Ernesto Kappel, e para dirigir a empresa de eletricidade foi contratado, em 1915, o empresário alemão Heinrich Hans W. Schmidt⁵⁵.

A Guerra Mundial que explodira em 1914 provocou algumas dificuldades nas relações entre Brasil e Alemanha e, conseqüentemente, tal fato implicou o surgimento de dificuldades maiores no que concerne à importação de novas máquinas para as empresas de alemães em Nova Friburgo. Um fato digno de nota foi a apreensão de navios alemães pelo governo brasileiro em 1917 e, nesta ocasião, a tripulação dos navios foi feita prisioneira. Em Nova Friburgo, foram internados 227 alemães em duas casas de alvenaria e quatro barracões de madeira. A esses prisioneiros era permitido empregar-se nas empresas da cidade, desde que fosse mediante comunicado à 1ª comissão militar. Alguns prisioneiros foram empregados nas fábricas de Nova Friburgo, destacando-se a figura do oficial Richard Hugo Otto Ihns o qual, em 1919, assumiu a direção da Fábrica de Rendas, tornando-se, logo a seguir, sócio da empresa, sendo um dos seus diretores até 1960.

Aliás, o quadro de diretores da fábrica M. Sinjen & Cia confirma a significativa presença de empresários alemães na direção da empresa ao longo dos anos. Possivelmente, esta presença baseou-se em laços de solidariedade, fundados na unidade cultural, religiosa e, por que não,

⁵⁵ Os dados sobre a Fábrica de Rendas foram tirados da obra de E. Fischer, op. cit., p. 104-106, especialmente.

também nacional. A listagem dos principais diretores desta empresa, ao longo dos anos, demonstra a presença alemã na condução de seus negócios:

Quadro 6 : **DIRETORES DE M. SINJEN & CIA (1911-30)**

DIRETORES	PERÍODO
ERNESTO KAPPEL	1911-1915
HEINRICH H. W. SCHMIDT	1915-1917
WOLF WERNER WISZOMIRSKI	1917-1919
RICHARD HUGO OTTO IHNS	1919-1960

FONTE: E. Fischer - *Uma História em Quatro Tempos, s.d.*

Paralelamente à criação da Fábrica de Rendas, nesta mesma conjuntura da história do município, verificamos a criação da Fábrica M. Falck & Cia, produtora de passamanarias, de propriedade de M. Falck. Associando-se a Julius Arp, Falck, que comprara o sítio Ypu, criou esta empresa, em 1912, às margens do rio Santo Antônio. Inicialmente, foram instalados quatorze teares importados da Alemanha, num barracão, sendo contratados doze funcionários dando início à produção de passamanarias em junho desse ano.

A expansão da Fábrica M. Falck e Cia se deu de forma bastante rápida, pois já em 1917 possuía 155 funcionários⁵⁶. A tabela abaixo

⁵⁶ Boletim Comemorativo dos 75 Anos da Fábrica Ypu, Arquivo do Pró-Memória da P.M.N.F.

mostra-nos um quadro revelador do crescimento desta empresa entre 1919 e 1925:

Quadro 7: NÚMERO DE EMPREGADOS DE M. FALCK & CIA

ANO	JAN	ABRIL	JULHO	OUT	DEZ
1919	92	105	182	240	250
1922	---	---	374	404	336
1923	336	418	420	439	409
1924	428	313	421	429	363
1925	370	338	318	253	---

FONTE: Livro de Funcionários de M. Falck & Cia

Por sua vez, o aumento do número de empregados no período compreendido entre 1919 e 1925, está ligado à ampliação e diversificação das atividades produtivas da empresa. Na década de 20, M. Falck & Cia passa a ter, além de passamanarias, tecelagem, trançadeira, tinturaria, engomagem, tipografia, cartonagem, oficina mecânica e carpintaria. Neste processo, a fábrica aumentou e diversificou a produção, passando a produzir suspensórios elásticos, por exemplo. Por outro lado, a sociedade entre M. Falck e J. Arp neste empreendimento vem corroborar o que afirmamos anteriormente sobre a presença e imbricação dos interesses alemães nos negócios no município friburguense.

Em janeiro de 1925, era fundada em Nova Friburgo a Fábrica de Filó S/A instalada em um grande terreno na Vila Amélia, nas

proximidades da Estrada de Teresópolis, próximo também à Praça do Suspiro. Sua criação em Nova Friburgo está ligada à crise capitalista vivida pela Alemanha na conjuntura dos anos 20, assim como às negociações incrementadas por Julius Arp com o intuito de atrair novas empresas para esta cidade. Ernesto Otto Siems, filho do proprietário de uma fábrica de filó, localizada em Plauen, Alemanha, encontrara-se com Arp num cruzeiro marítimo e este o convencera a instalar uma fábrica de filó em Nova Friburgo. Foi, então, criada a fábrica de filó, nesta cidade, como sociedade anônima, produzindo filó liso, *jacquard*, rendas valencianas e derivados destes artigos, tecidos de estofamento e decoração, além de madras. O capital inicial da Fábrica Filó S/A fora registrado em três mil contos de réis, divididos em três mil ações, no valor de um conto de réis cada. Vejamos a composição dos principais acionistas da empresa.

Quadro 8 : **ACIONISTAS DA FÁBRICA FILÓ S/A – 1925**

ACIONISTAS	AÇÕES	%
GUSTAV SIEMS	1629	54

DEUTSCHE SUDAMERIKANISCHE BANK	328	11
ARP & CIA	275	9
J. RUENNING	200	6,5
L. BREUTTINGER	100	3
L. EISSENGARTHEN	100	3
M. FALCK	50	1,5
H. RERTI	50	1,5
BERNARDO BARBOSA	50	1,5
ED. RURZVERG	50	1,5
ENRST OTTO SIEMS	30	1
JANIES MAGNUS	20	0,6
GUSTAV ERLO	15	0,5
WENER BECK & CIA	15	0,3
RUD RNOTH	10	0,3
FR. HENNINGER	10	0,3
ALFRED HANSEN & CO	10	0,3

FONTE: *Diário Oficial*, de 01/02/1925, Imprensa Oficial

Como podemos observar, analisando o quadro acima, os acionistas da Fábrica Filó S/A eram, em sua maioria, de origem germânica. A começar por Gustav Siems que, juntamente com seu filho Enrst, controlavam 55 % das ações da empresa. A presença do Deustsch Sudamerianische Bank acentua ainda mais a importância dos empresários alemães em Nova Friburgo, em termos de participação e controle dos capitais industriais. Não devemos deixar de comentar a participação acionária de Julius Arp, o que demonstra a sua presença em todos os empreendimentos de porte nesta cidade. Quanto à Fábrica Filó, Julius Arp participa da primeira diretoria como primeiro Vice-Presidente da

empresa. A imbricação dos interesses de Arp e Siems aparece no quadro abaixo:

Quadro 9: **DIREÇÃO DA FÁBRICA FILÓ S/A - 1925**

DIRETOR	CARGO
GUSTAV C. SIEMS	PRESIDENTE
JULIUS ARP	VICE-PRESIDENTE
ERNST OTTO SIEMS	GERENTE-DIRETOR

FONTE: *Diário Oficial*, 01/02/1925

Percebemos que Nova Friburgo torna-se, gradativamente, um espaço urbano dominado, em seus empreendimentos de porte - indústrias, empresa de energia elétrica - pelos capitais provenientes de empresários de origem alemã, cujos negócios misturavam-se, pois o filó da fábrica de Ernst Siems servia como matéria-prima da Fábrica de Rendas, a energia gerada na empresa de Julius Arp era empregada nas demais fábricas, Arp era acionista da Fábrica de Filó e sócio da Ypu.

Mas o processo de implantação industrial em Nova Friburgo só se completou em 1937 quando, mais uma vez a partir de iniciativas e contatos de Julius Arp e os engenheiros Hans Gaiser e Frederico Sichel, outra fábrica de propriedade de alemães veio se instalar em Nova Friburgo. Desta vez, cria-se no bairro Village a Fábrica de Ferragens Hans Gaiser, uma metalúrgica, localizada à margem direita do rio

Bengala, utilizando cerca de dez operários e especializada em artigos de metalurgia. Com esta fábrica ficou completado o quadro da implantação industrial em Nova Friburgo com capitais pertencentes a alemães.

A direção da Fábrica de Ferragens Hans Gaiser é mais uma prova do que antes afirmamos acerca do domínio dos alemães sobre o capital industrial em Nova Friburgo e fora assim constituída a princípio:

Quadro 10: **DIREÇÃO DA FÁBRICA DE FERRAGENS H. GAISER - 1937**

DIRETORES	CARGOS
HANS GAISER	DIRETOR-PRESIDENTE
SILVIO DE BEAUCLAIR	DIRETOR-TESOUREIRO
ANTÓN HERMAN PRUME	DIRETOR-SECRETÁRIO
FREDERICK SICHEL	DIRETOR-TÉCNICO

FONTE: *Boletim Informativo da Ferragens Haga, s.d.*

Outras indústrias de menor porte se instalam no espaço friburguense e tiveram certo dinamismo no período que estamos analisando. São empresas menores e que não têm a expressão daquelas criadas pelos capitais alemães. O sociólogo Arthur Guimarães, em sua obra publicada em 1916, dedica um capítulo ao relato acerca da presença destas pequenas indústrias. A importância do uso de bicicletas na cidade ensejou a criação de uma fábrica, a Casa Oreste e havia outras fábricas ligadas ao ramo alimentício:

“[A Casa Oreste] fabrica bicicletas, mandando vir as peças da Itália, com a circunstância de ter introduzido melhoramentos no aparelho em geral. (...) Há fábricas de macarrão e macarronete, com regular vendagem. (...) Na Ponte da Saudade, outro estabelecimento industrial se fundou, uma charcuteria, fabricando com perfeição salsicharias e demais preparados do gênero: salames, mortadellas, lingüiças, morcillas, etc.”⁵⁷

Outro setor que floresceu em Nova Friburgo foi aquele ligado ao próprio desenvolvimento urbano, no caso a produção de telhas e tijolos.

Arthur Guimarães assinalava essa produção em seu livro:

“Florescem fora dos limites urbanos um cortume e várias olarias, sendo a principal, quase abandonada, a do caminho do Cônego, fundada pelo Barão de São Clemente. Aberto um enorme galpão, coberto de telhas de zinco, ali instalou o ilustre titular uma fábrica de tijolos e telhas, que segundo dizem pouco durou em suas mãos, passando às dos suíços-alemães Srs. Thurler.” (sic)⁵⁸

Já afirmamos, neste capítulo, que as condições que favoreceram a implantação da empresa de eletricidade, no que concerne ao contrato assinado por Julius Arp e a Câmara Municipal, propiciaram a este empresário e, futuramente, a todo um conjunto de empresários alemães, vantagens excepcionais. Ao longo do período analisado, os empresários

⁵⁷ Arthur Guimarães. *Um Inquérito em Nova Friburgo*. RJ, Typographia do Jornal do Comércio de Rodrigues e Cia, 1916, p. 145/6.

⁵⁸ Idem, *ibidem*, p. 145.

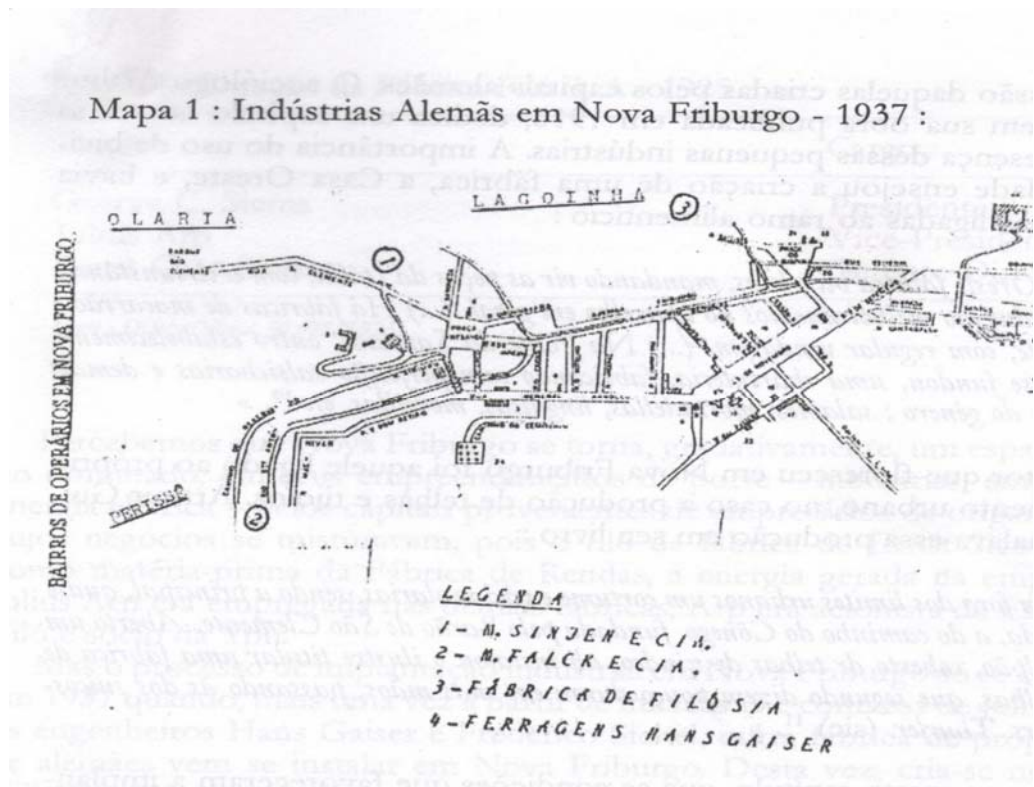
industriais, liderados por Julius Arp, assumiram a condução do processo de industrialização na cidade. Se partirmos do pressuposto que o discurso modernizador naquele momento, procurava associar o ideal de “progresso” ao desenvolvimento industrial, podemos afirmar que os grupos alemães, chegados a Nova Friburgo a partir das iniciativas de J. Arp, passaram a ser percebidos como os verdadeiros criadores de uma nova Nova Friburgo.

2. 6 - O domínio industrial sobre o espaço urbano

Detectar a existência das indústrias alemãs em Nova Friburgo não é o bastante para o presente trabalho. Torna-se igualmente necessário entender a relação entre a distribuição espacial dessas indústrias e suas conseqüências na organização social neste município serrano. É muito interessante considerar que estrategicamente tais indústrias ocupavam áreas que, percebidas no conjunto do espaço urbano, tinham um significado especial. Para aquelas que operavam no ramo têxtil, especialmente, era fundamental serem implantadas nas proximidades de pequenas bacias fluviais:

FIGURA 1: INDÚSTRIAS ALEMÃS EM NOVA FRIBURGO – 1937

Mapa 1 : Indústrias Alemãs em Nova Friburgo - 1937 :



Ao lançarmos nossos olhos sobre o mapa 1, percebemos que as ruas e praças se concentravam principalmente à margem direita do rio Bengala, em extensa planície desde o encontro do rio Santo Antônio e o

rio Cônego - proximidade da praça Paissandu - até o final da Avenida Santos Dumont - nas proximidades da Praça 1º. de Março. Nota-se ainda a rua Gal. Argollo, principal artéria da cidade, ligada diretamente à Praça 15 de Novembro, centro de Nova Friburgo.

Verificamos ainda que as indústrias principais, de propriedade dos empresários alemães, situam-se em quatro extremos diferenciados do hipotético quadrilátero. A indústria M. Sinjen ocupava um terreno nas cercanias do rio Cônego, próximo também do encontro dos rios. A indústria M. Falck & Cia localizava-se à margem esquerda do rio Santo Antônio, igualmente perto do rio Bengala. Na outra extremidade do núcleo urbano, e próxima à praça do Suspiro, situava-se a Fábrica de Filó S/A. Finalmente, a Fábrica de Ferragens Hans Gaiser localizava-se à margem direita do rio Bengala, ao final da Avenida Santos Dumont.

Portanto, é possível verificar que as indústrias mais importantes da cidade ocupavam as quatro extremidades do núcleo urbano, como se executassem um grande abraço em torno da cidade. Inegavelmente, as indústrias envolviam todo o espaço correspondente ao núcleo urbano, o que possibilitava um controle estratégico sobre o que era na época o núcleo urbano⁵⁹.

⁵⁹ Joao Raimundo de Araújo, *Nova Friburgo: O Processo de Urbanização da Suíça Brasileira*, op. cit.,

É possível afirmar, portanto, que a implantação industrial no território friburguense obedeceu a determinados critérios de controle e dominação que os empresários alemães montaram estrategicamente para Nova Friburgo. Não nos parece que tais assentamentos industriais tenham sido feitos de uma forma aleatória. Acreditamos que, num momento de expansão capitalista, o controle do espaço urbano exercido pelo grupo de alemães possibilitou-lhes condições excepcionais no tocante ao domínio sobre todo o processo. A cidade de Nova Friburgo surgira num meio tipicamente rural, tivera acelerado crescimento quando acentuara suas funções comerciais e assumia, a partir de 1911, contornos de cidade industrial. A era do capital industrial se iniciava pela ocupação de áreas que facilitavam consolidar suas estratégias de dominação.

Quando afirmamos que as indústrias pareciam abraçar a cidade, concretamente queremos dizer que o capital industrial representado pelos alemães desenvolveu mecanismos de controle e direção da ocupação do espaço urbano em Nova Friburgo. O controle do fornecimento de energia e iluminação através da Companhia de Eletricidade e a organização estratégica do espaço urbano, são elementos fundamentais no processo de dominação exercido pelos capitais alemães na terra friburguense.

Uma segunda observação importante é que não se percebe uma concentração industrial em Nova Friburgo, no que tange à ocupação

territorial. Os espaços que separavam as principais indústrias correspondiam a distâncias consideráveis. Na verdade, não se pode afirmar que uma região da cidade, ou mesmo um bairro, pudessem ser considerados industriais. Mas pode-se verificar que a cidade como um todo sofria os efeitos da industrialização. A própria localização das fábricas nos indica uma dispersão da força de trabalho pelos quatro cantos do quadrilátero. Conseqüentemente, os contatos entre os operários das várias empresas ficavam prejudicados, de forma tal, que a disseminação de idéias que pudessem perturbar o andamento do processo industrial seria dificultada pela dispersão espacial dos operários⁶⁰. A desconcentração industrial, se por um lado significava uma dispersão da força de trabalho, visando impedir contatos sociais e difusão de idéias entre eles, por outro lado, não significava desconcentração do capital que, como vimos, era bastante concentrado nas mãos de alguns poucos empresários alemães. O capital permanecia mantendo grande unidade representada pela pessoa jurídica da Empresa de Eletricidade - centro gerador e irradiador de energia - e na pessoa física de Julius Arp.

A dispersão das indústrias e da mão-de-obra industrial resultou na inexistência de bairros tipicamente operários nesta cidade, ou seja, não havia um único bairro que abrigasse a população trabalhadora das

⁶⁰ João Raimundo de Araújo, op. cit.

fábricas. Acompanhando e fazendo-se nos terrenos próximos às indústrias, verificamos a formação de vários bairros ocupados pela população trabalhadora. Desse modo, a M. Sinjen & Cia teria direcionado a ocupação dos terrenos próximos ao Parque São Clemente, atingindo a região onde anteriormente se estabelecera a antiga Olaria do Cônego. Formava-se gradativamente o bairro de Olaria ocupado pela população voltada para o trabalho naquela indústria. A pequena distância percorrida entre o bairro de Olaria e a fábrica de rendas era feita a pé ou utilizando bicicletas. Daí a importância da fabricação de bicicletas pela Casa Oreste, como vimos acima, cuja demanda crescia paralelamente ao crescimento da fábrica de rendas.

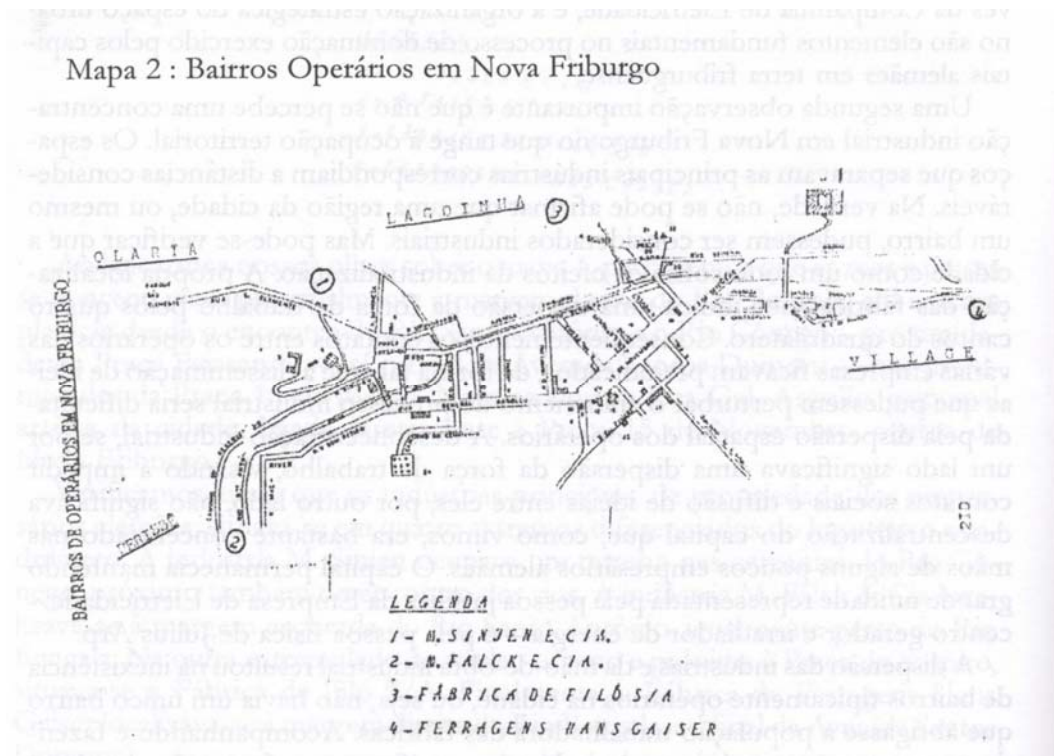
Próximo à Fábrica Ypu, percebemos, subindo os morros, o assentamento da população de trabalhadores, constituindo o bairro Perissê.

A partir de meados da década de 20, teve início a ocupação da região urbana em torno da Fábrica Filó S/A, o que significou o assentamento de moradias nos terrenos do bairro que mais tarde será denominado Lagoinha.

Finalmente na década de 30, com a criação da Fábrica de Ferragens Hans Gaiser (HAGA), o bairro da Village, (uma das localidades mais antigas da cidade, ocupada com a chegada de parte dos

imigrantes suíços em 1820), intensificou o povoamento com o assentamento dos operários daquela empresa. Pelo mapa abaixo (figura 2) é possível observar a localização das principais fábricas em Nova Friburgo e os respectivos bairros operários que foram se formando em suas proximidades.

FIGURA 2: BAIRROS OPERÁRIOS EM NOVA FRIBURGO



Olhando o mapa é possível visualizar a dispersão dos bairros operários e compreender melhor a origem de algumas dificuldades de organização da classe operária. Essa desconcentração das moradias, ou seja, a inexistência de um bairro tipicamente operário, prejudicou, a nosso ver, a formação de um movimento operário forte e unido em Nova Friburgo. A dispersão das moradias dos trabalhadores, se por um lado não contribuiu para a formação de movimentos operários, por outro ajudou a manutenção do domínio do capital industrial.

A aparente desordem espacial na prática provocava a implantação de uma ordem capitalista, onde o domínio do capital sobre a força de trabalho tornava-se bastante evidente, pois espraiava-se para os espaços de moradia dos trabalhadores, ultrapassando os limites da fábrica.

Em conclusão, podemos considerar primeiramente, que o capital industrial foi o responsável pelo direcionamento da expansão e ocupação populacional em determinados territórios do espaço friburguense. Em segundo lugar, é necessário também afirmar que esse direcionamento obedeceu a critérios montados pelo empresariado alemão, cuja estratégia de disciplinarização da força de trabalho tinha como elemento importante a manutenção da dispersão dos trabalhadores, evitando com isso maiores concentrações operárias geradoras de possíveis “distúrbios”.

Lentamente, ao longo de quase todo o século XIX, Nova Friburgo foi se transformando, assumindo definitivamente aspectos diferentes. Ainda fortemente impregnada de elementos característicos de um passado rural, a área urbana do município, no início do século XX, apresentava já novos aspectos relacionados a um mundo moderno. Além da ferrovia - no Brasil da época, símbolo da modernidade - Nova Friburgo possuía novos bares, cafés, restaurantes, hotéis, escolas (internatos para meninos e meninas), sem falar nos aspectos de suas belezas naturais, cantados em verso e prosa pelos novos habitantes que nela chegavam, através do trem.

Em seus aspectos internos, a cidade se modificava. A circulação de animais por suas ruas e praças ia, aos poucos, sendo restringida, no momento em que algumas autoridades proferiam discursos em favor do ordenamento dos espaços e da higienização municipal. Com isto os “maus odores”, típicos de um mundo rural, foram sendo afastados e substituídos pelos “bons odores” dos jardins e das flores.

Em fins do século XIX, Nova Friburgo se modificava também em termos políticos. A autonomia adquirida em princípios de 1890 foi resultado de um arranjo político envolvendo setores conservadores da “Velha Província”, é bem verdade. O poder municipal, centrado na Câmara Municipal, era também representativo dos interesses rurais que

usavam e abusavam do chamado “voto de cabresto”. É interessante ressaltar que a Câmara Municipal, até 1916, assumiu funções legislativa e executiva, já que o Presidente desta Câmara era também o chefe do poder executivo.

O período da história friburguense após 1910 traz um novo impacto modernizante. Os capitalistas alemães trouxeram a eletricidade e indústrias de maior porte, e o fizeram associados a novas elites políticas. Esta associação entre capital alemão e lideranças políticas promoveu alterações fundamentais no panorama friburguense.

Não poderíamos deixar de retomar, nesse momento da análise, o aspecto da política municipal que envolveu a criação e a expansão da indústria em Nova Friburgo. Inegavelmente, o papel desempenhado pelo grupo político chefiado por Galdino do Valle Filho, assumindo posições ideológicas que associavam os empresários alemães ao progresso desejado para a cidade, fora de grande importância. Os embates políticos contra setores da elite municipal, empenhados em criar obstáculos à fixação dessas empresas no território de Nova Friburgo, atingiram níveis de enorme seriedade por ocasião da “Dia do Quebra-Lampiões”. Afirmamos que é possível determinar historicamente que a fixação e a expansão das empresas alemãs ocorreram em determinados momentos em que se evidenciava concretamente a presença no poder municipal, ou

no estadual, de representantes afinados com a prática política do Dr. Galdino do Valle.

Finalizando, gostaríamos de enfatizar que o processo de industrialização friburguense, empreendido por empresários alemães, capitaneados por Julius Arp, significou a dominação capitalista sobre o espaço urbano, entendida, tal dominação, não só pela ocupação dos territórios à beira das bacias dos rios do município, mas também e principalmente, pela estratégia destes capitalistas em dispersar a força de trabalho em torno das fábricas que envolviam a cidade, dificultando sua organização enquanto classe trabalhadora.

Tal domínio do capital industrial sobre a cidade, bem como a dispersão planejada dos operários por vários bairros, assumiu contornos políticos. Tratava-se, então, de criar uma justificativa para a implantação do capitalismo industrial, com capitais alemães, em Nova Friburgo.

Creemos que os discursos de Galdino do Valle, assim como os editoriais do seu jornal *A PAZ*, identificando indústria à modernidade constituem aspectos importantes de tal justificativa. Ocorre, que a implantação e expansão da indústria nesta cidade deu-se na conjuntura da primeira guerra mundial, onde, obviamente, os alemães eram inimigos dos brasileiros. Daí a identificação da indústria com os suíços, não com os alemães. Contudo, nossa hipótese central é a de que a ideologia da

“Suíça brasileira”, cujos traços iniciais surgiram ainda no século XIX, é componente essencial da aceitação da dominação capitalista em Nova Friburgo. O capítulo seguinte abordará o aspecto da identificação do capital industrial à modernidade e ao progresso, assim como apresentará as origens da ideologia de Nova Friburgo, a “Suíça brasileira”.

CAPÍTULO 2

A MODERNIZAÇÃO DE NOVA FRIBURGO: VERSO E REVERSO

*“A cidade está no homem
quase como a árvore voa
no pássaro que a deixa.
Cada coisa está em outra
de sua própria maneira
e de maneira distinta
de como está em si mesma.
A cidade não está no homem
do mesmo modo que em suas
quitandas, praças e ruas”.*

Ferreira Gullar. **Poema Sujo**, 1977

A INDÚSTRIA COMO FATOR DE PROGRESSO

A partir do ano de 1911, Nova Friburgo passou a viver um processo de grandes mudanças, de progresso e de modernização percebido claramente em sua configuração física, como também na alma de seu povo. Como nos versos acima, cidade e homem, isto é, Nova Friburgo e seus habitantes, vivem um longo momento de transformações, iniciado com a industrialização patrocinada por empresários alemães e assumido por um setor de suas elites, liderado por Galdino do Valle Filho.

Um discurso produzido e defendido pelo grupo galdinista, que se tornou hegemônico no período, enfatizava a relação industrialização-modernidade isto é, que a indústria além dos benefícios diretos da

produção e de novos empregos para sua população, constituía-se num elemento capaz de arrancar Nova Friburgo de sua letargia; de sua total paralisia transformando-a numa cidade moderna à imagem e semelhança de grandes centros da Europa. Por outro lado, corroborando com o discurso da modernidade, era interessante buscar nas raízes históricas da cidade isto é, no passado de colônia suíça, elementos para justificar o caráter diferente desta cidade encravada no interior da Serra dos Órgãos. Tem início neste momento, a construção do discurso que coloca ênfase nas raízes helvéticas de Nova Friburgo, quando lhe é dada a alcunha de “Suíça brasileira”.

Juntamente ao exercício de reconstrução do seu passado histórico, é possível perceber referências a suas belezas naturais, a seu clima ameno em evidente contraste com as temperaturas tórridas do país tropical. Percebe-se também, a construção do outro lado da “moeda friburguense”. O turismo passa a ser incentivado, requerendo naturalmente, a criação de um conjunto de elementos capazes de fornecer serviços de qualidade àqueles que procuram a cidade em busca de descanso, lazer e tranquilidade. Na construção do ideal de cidade turística, torna-se perfeito o casamento entre a história - o passado de origens suíças - com a geografia - o planalto que propicia um clima ameno e suas belezas naturais.

Não poderíamos ainda, deixar de mostrar no interior desta cidade, cuja história é tão original, a organização e divisão de seu espaço urbano, acompanhando o movimento de sua população. É ela que ao fazer parte de uma localidade faz pulsar a vida da cidade com seus hábitos, com sua cultura, com suas crenças e suas contradições. A divisão do espaço urbano e o movimento social decorrente das lutas do povo friburguense durante a construção de seu modelo de modernidade, constituem-se aspectos relevantes desse trabalho que visa explicar as origens, a sistematização e a consolidação do mito da “Suíça Brasileira”. Concluindo, podemos afirmar que a modernidade em Nova Friburgo não pode ser dissociada da elaboração do discurso de “Suíça brasileira”, a partir da existência na cidade de dois ângulos indissociáveis, o da cidade industrial e turística. A presença ativa do homem friburguense, é, assim, parte intrínseca da construção da vida da cidade.

1 - A MODERNIZAÇÃO EM NOVA FRIBURGO: VERSO

1.1 - Industrialização, progresso, modernização

A industrialização processada em Nova Friburgo a partir de 1911 significava, nos discursos da nova elite liderada por Galdino do Valle a ponte necessária para que a cidade pudesse atingir um momento de

progresso e conseqüente modernidade. O jornal *A PAZ*, semanário dirigido pelo jovem médico e político, é bastante incisivo, em seus editoriais e artigos, no sentido de constantemente associar esses elementos, isto é, indústria, progresso e modernidade. Vejamos o artigo publicado neste semanário em 26/01/1911:

“Em breves dias, pois, a nossa cidade experimentará pela primeira vez, a sensação de estremecimento de seu solo pela força propulsora da indústria moderna. Afigura-se-nos que o momento atual, era o início de uma era nova para nossa cidade, cremos firmemente que o espantalho plantado a sua porta não resistirá ao movimento de progresso que se opera atualmente. E é justo que tal aconteça, Friburgo não pode por mais tempo, sofrer indolente o seu atrelamento à rotina atroficante dos seus músculos de gigante, ela tem que caminhar e caminhará. A fábrica Arp será na nossa história futura o marco glorioso de nosso progresso e como tal receberá as nossas bênçãos.” (sic) A PAZ, 26/01/1911.

Este texto é curto, porém traça uma boa síntese do que o Autor considerava importante para Friburgo: a noção de progresso vem indissoluvelmente ligada a indústria, pois esta seria a “força propulsora” anunciadora de uma “nova era” e capaz, por isso, de espantar a letargia que tomara conta da cidade. Por outro lado, a “indústria moderna” que estremecerá, pela primeira vez, o solo friburguense era a do Sr. Arp,

capitalista alemão, cuja atuação em Nova Friburgo foi analisada, anteriormente, em “**A Indústria em Nova Friburgo**”.

Fica evidente também, com a referência a uma “nova era que se aproxima”, a relação um tanto maniqueísta entre o passado rural, tradicional, identificado com o “atraso”, enquanto que o “progresso”, isto é, o novo, o moderno, identifica-se com a indústria criada pelo grupo de capitalistas alemães. A contraposição entre o velho e o novo está presente no discurso, evidenciando ainda a necessidade de banir o primeiro e assim abrir passagem ao novo, sinônimo de moderno.

Devemos lembrar, ainda, que no plano mais geral do contexto republicano, bem como no plano mais restrito da “Velha Província”, as antigas oligarquias rurais exerceram a hegemonia⁶¹, mesmo sabendo do incremento das atividades industriais em alguns pontos do território brasileiro. Trocando em miúdos, a República brasileira foi uma República de coronéis, embora se perceba o crescimento de uma burguesia industrial, no momento ainda frágil no que tange à possibilidade de assumir o poder.

⁶¹ O conceito de “hegemonia” será usado ao longo desta tese em um sentido mais restrito, isto é, como “liderança”. No entanto, consideramos que o pensador marxista Antonio Gramsci emprestou uma conotação mais profunda ao conceito. Ver Hugues Portelli . **Gramsci e o bloco histórico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990; Luciano Gruppi. **O conceito de hegemonia em Gramsci**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1991; Carlos Nelson Coutinho. **Gramsci-um estudo sobre o pensamento político**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999; Antonio Gramsci. **Cadernos do Cárcere**. v.6. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

Em Nova Friburgo, nota-se uma novidade contrastante com a realidade nacional: a partir de 1911, a burguesia de origem alemã ao lado de um setor da elite dirigente local, defensora do projeto industrialista, torna-se hegemônica, muito embora os setores oligárquicos não tenham sido definitivamente alijados da luta política. Podemos admitir certo pioneirismo de Nova Friburgo já que aqui, na segunda década do século XX, o discurso burguês é dominante, verificando-se, ainda, sua correspondência no plano político, no momento em que em todo o país persiste o predomínio rural-oligárquico. Efetivamente, as bases desse poder não se modificam. A clássica expressão “coronelismo, enxada e voto”, cunhada por Victor Nunes Leal⁶², pode ser aplicada à realidade friburguense, embora, no tocante à questão da “enxada”, seja possível substituí-la por “fábrica”.

1. 2- Modernização e turismo

No período da História friburguense que vimos analisando, avulta a questão da implantação fabril com capitais alemães associada a um setor da elite dirigente, liderado por Galdino do Valle. Mas é também nesse período que se aprofunda e solidifica o papel de Nova Friburgo como fornecedora de serviços, especialmente de turismo, voltados para

⁶² Victor Nunes Leal. *Coronelismo, Enxada e Voto*. SP, Alfa Ômega, 1975.

uma população que para ali acorria em determinadas épocas do ano. Além do industrial, configurava-se, então, o modelo de cidade turística, alardeando-se as delícias de seu clima, o conforto das acomodações dos hotéis, a “beleza e o verdor de sua natureza”, a “tranquilidade de sua vida”, a “educação e ordem de seu povo”, nas palavras e expressões da imprensa friburguense . Essas características atuaram no sentido de atrair visitantes e hóspedes para temporadas na serra, mas lembramos que desde a criação da E. F. Leopoldina Railway a questão do transporte entre a baixada litorânea e esta cidade serrana foi bastante facilitada.

Se, por um lado, a natureza bela e o clima ameno atuavam como fatores de atração, por outro há um fator histórico-social que apontava para a originalidade de Nova Friburgo. Suas origens, identificadas com a presença dos imigrantes suíços e alemães constituirão um fator fundamental na construção do modelo turístico desta cidade. Esse passado foi absorvido e reinterpretado por grupos dirigentes do município, em seus discursos, na tentativa de demonstrar que esta era uma cidade que apresentava aspectos totalmente diversos das demais cidades brasileiras.

É nesse momento que tem início a construção da idéia de “Nova Friburgo: a Suíça brasileira”. Tal construção ideológica aponta para as origens européias da cidade e, se aparentemente parece haver uma

contradição entre a prática e os discursos, se a implantação industrial foi feita com capitais alemães, na construção do protótipo de cidade moderna, desenvolvida, no entanto, o papel dos alemães foi escamoteado em função dos suíços que há tempos se ausentaram do perímetro urbano, trabalhando pobremente nas roças na periferia do município. Não se tratava de uma “Alemanha brasileira”, mas sim de uma “Suíça brasileira”.

Acreditamos que a explicação deste fato prende-se à análise da conjuntura internacional referente à segunda década do século XX. A eclosão da Grande Guerra e a posição da nação alemã durante o conflito teria gerado uma animosidade da população brasileira em relação aos germânicos. Nesse momento, portanto, teria sido mais interessante ressaltar as origens suíças e não alemãs da colônia do Morro Queimado. O elemento suíço se prestaria de forma bastante adequada à construção do ideal de cidade européia montada em pleno seio de um mundo tropical. Nova Friburgo tornar-se-ia um pedaço da Suíça - leia-se país adiantado, civilizado, moderno - em meio aos trópicos, onde predominava uma população de origem portuguesa e africana - leia-se regiões como Portugal e África, atrasadas, não civilizadas.

O momento da construção capitalista de Nova Friburgo foi também o da criação das duas faces da “moeda friburguense”: de um

lado, a face industrial e, de outro, a face turística. Empresários alemães aliados a setores da elite local souberam usar e associar o passado histórico friburguense à existência de belezas naturais, construindo assim um modelo de cidade que deveria ser admirada e querida por todos

A tradição suíça em Nova Friburgo passa a ser recriada com o intuito de elaborar uma idéia de cidade diferente do restante das cidades brasileiras, porque sua população era apregoada como sendo branca de origem européia, mas de uma região da Europa tida como desenvolvida, civilizada. Ao pensarmos a questão da “invenção das tradições”⁶³ e ao aplicarmos seus fundamentos à análise da realidade histórica friburguense, podemos admitir, de um lado, o enaltecimento das belezas naturais e, de outro, a busca de um passado recriado a partir das conveniências dos grupos dirigentes. Daí a importância de perceber-se, na construção ideológica da “Suíça brasileira”, a conjugação dos seguintes fatores: a valorização das montanhas em dois sentidos, à semelhança com os Alpes suíços, a serra friburguense tinha um clima propiciador da boa saúde e possuía belezas naturais; o elogio ao progresso, entendido como desenvolvimento fabril, era sinônimo também

⁶³ Eric Hobsbawm. *A Invenção das Tradições*, RJ, Paz e Terra, 1984. “Por tradição inventada entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica (...) uma continuidade com relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado.”

de trabalho árduo e diligente, dos brancos suíços nos primórdios da colônia do Morro Queimado.

A associação entre o espaço geográfico e o passado histórico recriado, reinventado pelos grupos dirigentes, ficou explicitamente caracterizada quando da comemoração do Centenário do Município, realizado no ano de 1918. Tal data se prende à assinatura, por D. João VI, da criação da Colônia do Morro Queimado, e não da chegada dos suíços, o que ocorreu em 1820. Analisemos tal fato com maior vagar.

A comemoração do Centenário da colonização suíça no município, em 1918, contou com a participação, entre outros, de Agenor de Roure, jornalista que, num artigo publicado na imprensa local e numa conferência proferida a 19 de Maio daquele ano⁶⁴, teceu considerações no sentido de que Dom João tinha um plano de “branquear” o Brasil através de iniciativas que visavam instalar colonos europeus no nosso território. Num trecho do artigo afirma:

“(...) [D. João] imaginou, naturalmente, como recurso contra o erro fatal da instituição do trabalho escravo e do tráfico africano, a fundação de colônias européias, núcleos de homens livres, em diversos pontos do país. Mandou ceder terras a irlandeses no Rio Grande do Sul, (...), fundou a colônia Suíça de Friburgo com o

⁶⁴ O Artigo foi republicado no livro de Décio Monteiro Soares. *Terra Friburguense*, Niterói, Imprensa Oficial, 1952; a conferência de Agenor de Roure foi transcrita na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 1918, Tomo 83, p. 243-66, sob o título: “O Centenário de Nova Friburgo”. *Apud* Ricardo da Gama R. Costa. *Visões do “Paraíso Capitalista”:* *Hegemonia e Poder Simbólico na Nova Friburgo da República*. Dissertação de Mestrado, ICHF, Programa de Pós-Graduação em História, Niterói, UFF, 1997, p. 65-9.

*propósito de mandar vir outras famílias de suíços e instalar novas colônias de homens livres. (...) Assim a fundação da Colônia Suíça do Morro Queimado, cujo centenário comemoramos hoje, não é apenas um fato histórico interessando apenas ao nosso Município, porque traduz o início de um belo plano de organização de trabalho livre e adiantado em contraposição ao trabalho escravo, em todo o Brasil.*⁶⁵ “

Comentando as assertivas de Agenor de Roure acerca do plano de D. João de introduzir e desenvolver no Brasil o trabalho livre dos “industriosos” e “instruídos” europeus, capaz de neutralizar as “influências funestas” do trabalho escravo sobre a nacionalidade brasileira, Ricardo G. R. Costa afirma:

“Percebe-se aí a intenção de ligar ao “Plano de D. João VI” uma política de branqueamento da população brasileira. Somente a imigração européia teria podido levar o Brasil à condição de país civilizado, apagando a indesejável marca da cor negra, além de propiciar o seu desenvolvimento econômico, graças à “laboriosa” mão-de-obra dos europeus, mais “capaz” e “inteligente”. A ideologia do branqueamento do povo brasileiro era uma das propostas pertencentes àquele “bando de idéias novas”, hegemônicas em fins do século XIX e início do século XX a que nos referimos anteriormente”⁶⁶.

Ainda em relação ao Centenário da vinda dos suíços, nota-se que, na criação do Hino a Nova Friburgo, que estudaremos no capítulo 4,

⁶⁵ Este discurso de Agenor De Roure será analisado em detalhe no capítulo seguinte desta Tese, do qual constitui a fonte privilegiada. Por ora, nosso interesse centra-se em indicar as bases da invenção da ideologia da “Suíça brasileira”.

⁶⁶ Ricardo Gama R. Costa, op. cit., p. 65-6.

aparece a associação entre o espaço geográfico e o passado histórico glorioso, porque europeu. Daí o apelo a símbolos, hinos, bandeiras, comportamento que a burguesia brasileira tomou emprestado aos franceses. Para o caso friburguense, o hino da cidade, criado por ocasião do Centenário, continha em seus versos elementos importantes para a construção do ideal de “Nova Friburgo, a Suíça brasileira”, pois tanto pelos aspectos geográficos quanto pelas características sociais, este município era apregoado como “diferente” dos demais do território brasileiro⁶⁷.

Outras fontes que apontam a benignidade e excelência da natureza em Nova Friburgo passam a ser analisadas neste capítulo, com vistas à comprovação do que vimos afirmando sobre a ideologia de “Nova Friburgo - Suíça brasileira”. Assim, por exemplo, citamos a “Crônica Semanal” publicada no jornal *A Gazeta de Notícias*, de autoria do escritor Carlos de Laet:

“Nova Friburgo - dela é que desejava contar-lhe - está a cerca de 851 metros acima do nível da Rua do Ouvidor, quando basta para assegurar o pitoresco povoado montezino uma diferença de temperatura não inferior a dez graus centígrados. Nada mais agradável do que sentir, à medida que o solo rapidamente se eleva depois de Cachoeiras a progressiva diminuição do calor

⁶⁷ A Festa do Centenário, em 1918, ocorreu no contexto da implantação industrial com capital de grupos alemães. Nesse período, verifica-se a criação das indústrias Arp e Ypu em 1911; Filó em 1925; e Ferragens Haga em 1937.

que nos enerva e desseca. De manhã, lá em cima, quando o excursionista em passeio matutino tem de enfiar o sobretudo para se resguardar da neblina que o bourifa, só com a mais profunda comiseração pode lembrar-se dos infelizes que a mesma hora tressuam esbaforidos no grande foco da civilização nacional”. (sic)⁶⁸

Na mesma época, o jornal *O PAÍZ* publicava crônica onde se percebe o destaque feito às questões da natureza pródiga, fator de bem-estar para aqueles que procuravam visitar Nova Friburgo:

“Visitamos Nova Friburgo, a antiga colônia suíssa, a moderna cidade fluminense que guarnece a formosura campesina de Serra da Boa Vista, ramificação da Serra do Mar. Era oportuno dizer della alguma coisa, que a população a bastada do Rio de Janeiro foge a canícula e vai procurar algumas centenas de metros acima do nível do oceano, onde não se esfalfem os pulmões nem se estrompe a pelle na disputa do oxigênio e no trabalho forçado dos corações”(sic).⁶⁹

Neste texto, mais do que no anterior, o aspecto da saúde, do clima saudável da serra, é ressaltado. De novo, cidade grande é contraposta à paz e sossego da cidade do interior. A cidade grande, o Rio de Janeiro com suas atrações de capital, é mostrada nos dois textos quase como uma sucursal do inferno: “rua do Ouvidor”, “calor que nos desseca”, “infelizes que tressuam /.../ no grande foco da civilização nacional”; “população

⁶⁸ Carlos de Laet. “Crônica Semanal”, *Gazeta de Notícias*, 1889, in *Nova Friburgo, Impressões, Lembranças*. Pró-Memória da P.M.N.F., 1988.

⁶⁹ *Jornal O PAÍZ*, 31/01/1897, APUD *Nova Friburgo: impressões, lembranças, op. cit.*

abastada do Rio de Janeiro foge a canícula”, “acima do nível do oceano, onde não se esfalfem os pulmões nem se estrompe a pelle /.../ trabalho forçado dos corações”. Alguns elementos constituidores da ideologia da “Suíça brasileira” já aparecem nestes textos, um de 1889 e o outro de 1897.

Já Friburgo, a “antiga colônia suíça” oferece um refúgio e um refrigerio para os esfalfados e acalorados cariocas dotados de algumas poses: natureza e história, dois elementos que se completam na montagem de um ideal de cidade diferente de tudo existente no ambiente tropical brasileiro. Com base nesses parâmetros cunhava-se o título “Suíça brasileira” que, até hoje, acompanha a caracterização de Nova Friburgo.

Ao lado do fator geográfico e na busca de uma demarcação do caráter diferente de Nova Friburgo, procurava-se acentuar as origens históricas do município, remontadas ao episódio da chegada dos suíços à região, em 1820. Na primeira página da revista *A LANTERNA*, publicada com o álbum do Estado do Rio de Janeiro, em seu número dedicado a Nova Friburgo, lê-se:

“Foi aquelle grupo de louros filhos das montanhas, trabalhadores e virtuosos, e os brasileiros delles nascidos, que da modesta colônia de criadores e cultivadores, fizeram a cidade civilisada e bella de hoje,

*essa Friburgo tão singular entre nós, pelos vestígios dos esplendores de nossas mattas, do nosso céu e das nossas cachoeiras”.*⁷⁰

Concluimos que surgiu, ainda em fins do século XIX e início do século XX, a “ideologia da Suíça Brasileira”, verdadeiro mito cultivado pelas elites e certos setores da intelectualidade local. A sistematização deste mito é obra de dois intelectuais friburguenses, Agenor de Roure, membro do IHGB, e Galdino do Valle Filho, político influente e grande incentivador da indústria, como já está estabelecido nesta tese. Tal sistematização é o assunto do próximo capítulo, por isto nos eximimos no momento de realizar maiores considerações.

1.3 - Turistas: que sejam bem vindos

Na montagem do modelo turístico de Nova Friburgo, devemos ainda evidenciar o papel exercido pelos Hotéis que durante essa fase eram responsáveis por propiciarem tranquilidade e conforto à população que visitava ou circulava a serviço, pelo município. É possível perceber também que parte dessa população que circulava em certas épocas do ano por Nova Friburgo adquiria casas, ocupando-as com seus familiares em período de veraneio.

⁷⁰ A *LANTERNA*, Nova Friburgo, 1907, arquivos do Pró-memória da P.M.N.F.

Segundo o *Indicador Comercial de Nova Friburgo*⁷¹, editado em 1930, verificamos a existência de três grandes Hotéis, assim discriminados:

“HOTEL ENGERT

(situação central)

Estabelecimento de primeira ordem, a 5 minutos da Estação, assobradado, o mais acreditado e o mais antigo. Cozinha hygiencica e de primeira classe. Banho e duchas, obedecendo aos modernos princípios da hydroterapia, com quasi 100 quartos. Rigoroso asseio. Água própria e corrente em quasi todos os quartos. Park com bosques e lago. Não recebe doentes.

HOTEL FLORESTA

Instalação moderna e confortável, aposentos encerados,- água corrente em todos os quartos - alimentação de primeira ordem, simples e sadia, água nascente própria, situado dentro de grande jardim, na encolsta de soberba e frondosa floresta, sendo por esse encanto o mais preferido. (sic). Altitude 850 mts. acima do nível do mar. Não recebe doentes.

HOTEL ROMA

Cozinha de primeira ordem, pelo systema italiano e brasileiro. É dirigido pelo seu proprietário”.

Na publicação acima reproduzida, onde os proprietários dos hotéis procuravam propagandear as excelências dos serviços de seus respectivos estabelecimentos, notamos que a questão da boa alimentação era um elemento provavelmente capaz de atrair novos hóspedes para

⁷¹ *Indicador Comercial de Nova Friburgo*, 1930, arquivo do Pró-Memória da P.M.N.F., pasta no. 800.

nova Friburgo. Todos eles afirmavam possuir cozinha de primeira ordem ou classe.

De grande significado também era a questão da higiene mantida nos estabelecimentos. Por isso alardeavam que estes possuíam “*água corrente em todos os quartos*”, tinham “*nascente própria*”, “*obedeciam aos modernos princípios de hidroterapia*”, ao contrário do Rio de Janeiro, onde a questão da falta d’água era um tormento constante. Ainda em contraposição ao Rio de Janeiro, as belezas naturais e a salubridade do clima são acentuados como atrativos especiais: o Hotel Engert possui “*park com bosques e lago*”; o Hotel Floresta, “*o mais querido*”, além de nascente própria e jardim, fica numa altitude de 850 metros, o que garante frescor em pleno verão, situando-se na “*encosta de soberba e frondosa floresta*”, o que constitui o seu “*encanto*”. No modelo turístico, os hotéis são parte importante, pois contribuem para reforçar a idéia da originalidade de Friburgo, cidade serrana, de clima saudável, ameno, com boas águas, apta a acolher os visitantes, especialmente os do Rio de Janeiro.

Quanto ao fato destes hotéis não receberem doentes, isto significa que são hotéis de lazer, e não para o tratamento de tuberculosos, pois Friburgo, graças ao clima de montanha, era considerada cidade de tratamento para os doentes do pulmão.

No livro de hóspedes do Hotel Engert há o registro do movimento de pessoas em busca dos seus serviços no período de 1890 a 1920. A importância dessa fonte prende-se ao fato de que podemos tirar algumas conclusões acerca dos seguintes aspectos: o período do ano em que a cidade era mais procurada pelos turistas; de que cidades provinham os hóspedes; as suas profissões.

A maior afluência de turistas girava entre Dezembro e Março, pois tal período coincidia com a fase em que a temperatura em Nova Friburgo é mais alta do que no restante do ano e, portanto, o clima torna-se mais ameno. Por outro lado, é o período em que, no Rio de Janeiro, o calor é mais intenso, facilitando a proliferação de epidemias como a febre amarela, o cólera, e outras doenças. Por isso podemos entender que a presença de um maior número de turistas em Nova Friburgo, nos meses de Dezembro até Março, decorre da tentativa de fuga das famílias daquelas cidades onde o clima era mais quente, buscando no alto da serra temperaturas mais amenas. Os meses de inverno apresentam as temperaturas mais baixas, atingindo médias reduzidas na serra, o que explica a menor frequência dos hotéis.

Outra razão que explicaria a maior presença de turistas nos meses de verão seria a questão das férias escolares que ocorrem nessa estação. Porém, a análise fria dos números apresentados não nos permite tirar

conclusões mais consistentes que dêem a dimensão exata de toda a movimentação de pessoas hospedadas no hotel, pois o livro de hóspedes só contém o registro do chefe da família.

É possível registrar que estudantes, negociantes, engenheiros, comerciantes, advogados, viajantes, médicos, representavam o maior número de hóspedes do Hotel. Tais hóspedes provinham dos setores médios da sociedade brasileira, em sua maioria. Tal afirmação é importante por caracterizar o Hotel Engert, não como sendo de nível mais alto, pois não atendia a uma clientela representativa das elites econômicas ou políticas. Do mesmo modo, isto não significava que atendesse elementos dos setores populares, impossibilitados de recorrer a serviços de hotelaria. Em conclusão, usando o exemplo do Hotel Engert, afirmamos que Nova Friburgo situava-se na época como cidade turística, uma opção de lazer, descanso para uma parcela da população brasileira que novamente identificamos como setores médios. Provavelmente, Petrópolis continuava sendo a opção turística preferida pela parcela mais poderosa e rica do Rio de Janeiro, e Nova Friburgo tornava-se, portanto, a opção daqueles setores de menor poder aquisitivo, mas que possuíam condições financeiras de realizar viagens de lazer.

Outro elemento fundamental no que concerne à caracterização de Nova Friburgo como centro industrial-turístico é o referente à

constituição de seus estabelecimentos ligados ao fornecimento de serviços educacionais. Desde o século XIX, verificamos em várias fontes escritas, inclusive relatos de viajantes, afirmativas sobre a excelência das escolas existentes no município⁷². Desse modo, o modelo econômico friburguense estava centrado no binômio indústria e serviços, sendo o turismo, neste último setor, a parcela mais importante.

2 - A MODERNIZAÇÃO DE NOVA FRIBURGO: REVERSO

2 . 1 - Sociedade e pobreza

No desenrolar de nossos estudos, pudemos perceber que Nova Friburgo não significava somente progresso, beleza natural, bom clima, amenidade. A existência da pobreza em seu espaço urbano era evidente e, às vezes, aparecia de forma destacada na imprensa local. De forma muitas vezes sutil falava-se em pobres, mendigos perambulando pelas ruas e praças da cidade. Arthur Guimarães em seu livro *Inquérito Social*

⁷² Sônia Regina Rebel de Araújo, **Cotidiano, Cultura e Educação em Nova Friburgo**, in João R. de Araújo e J.M. Mayer,

em Nova Friburgo, publicado em 1916, afirmava a existência de mendigos que, principalmente aos sábados, esmolavam pelas ruas da cidade: “*Orçam por dezenas, de ambos os sexos, acompanhados os cegos, por crianças e guiadores*”. Tratava-se, pois, de uma situação representativa do reverso da “Suíça brasileira”.

Em Maio de 1918, por ocasião dos festejos comemorativos do Centenário Municipal, dentre outras festividades, as elites locais promoveram o “almoço dos pobres”, que será estudado no capítulo 4.

Interessante é, ainda, notar a existência de certos tipos populares, demonstrando atitudes próximas à loucura, circulando pelas ruas da cidade. A brincadeira, a galhofa, especialmente da população mais jovem, eram reações constantes diante desses personagens. Arthur Guimarães revela: “*Não faltam os typos de rua. Alguns gosam popularidade. A garotada persegue-os e, a miúdo lhes faz partidas. O Seraphim, por exemplo, é um doido inoffensivo. Perambula pela cidade, provocando a galhofa dos inconscientes*”⁷³.

A região mais miserável da cidade localizava-se nas proximidades da rua Visconde do Bom Retiro, do lado esquerdo da estação ferroviária. A Leopoldina Railway estabelecia-se como divisor de águas entre riqueza e pobreza. Ao lado direito, estendia-se a rua General Argollo, artéria de

(orgs.) Teia Serrana: *Formação Histórica de Nova Friburgo*, RJ, Ed. Ao Livro Técnico, 2003, pp. 201-16

ligação com a Praça 15 de Novembro, onde estavam as principais lojas e moradias dos grandes comerciantes da cidade. Do lado esquerdo, estendia-se a Rua Visconde do Bom Retiro, de onde saíam becos e ruelas ocupados por habitações de famílias miseráveis. Habitações coletivas, cortiços, compunham o cenário desta região.

Ainda neste lado da cidade, na confluência das ruas General Argollo e Visconde do Bom Retiro, foi criada uma rua onde se estabeleceram as oficinas de consertos dos trens da ferrovia. Inicialmente chamada de Beco das Oficinas, essa pequena rua era um espaço por onde circulavam operários da ferrovia e onde, mais tarde, se estabelecerá a zona de prostituição. De Beco das Oficinas, esta rua passa a ser reconhecida por Beco da Alegria. Defronte a este beco a população friburguense reconhecia uma outra rua, cujo início era denominado de Esquina do Pecado, local onde as pessoas “decentes” não deveriam circular⁷⁴.

É interessante notar que, no imaginário da população, as concepções acerca daqueles locais vinham carregadas de certo conteúdo moralista, mas, ao mesmo tempo, estavam imbuídas de enorme fantasia.

⁷³ Arthur Guimarães, op. cit.

⁷⁴ Júlio Pompeu, *Álbum de Nova Friburgo*, s/d. Nesta interessante obra há uma parte apenas sobre as ruas de Friburgo, na qual nos baseamos.

Alegria e pecado, termos aparentemente opostos, conviviam frente a frente, principalmente na imaginação fantasiosa da população.

2.2 - O operariado: modernização e reações

A formação de uma classe operária em Nova Friburgo tem suas raízes a partir dos fins do século XIX com a criação da Estrada de Ferro Leopoldina e o surgimento de pequenas fábricas, como já foi visto no capítulo anterior. Nesta ocasião, podemos verificar a criação, em 1893, da Sociedade Humanitária dos Operários de Nova Friburgo, tratando-se de um movimento mutualista cuja finalidade básica era promover auxílios variados aos seus filiados. É interessante notar que esta entidade sobrevive até nossos dias, mantendo inalterada sua característica mutualista.

Neste mesmo ano, a imprensa local noticiava um movimento grevista de operários que reclamavam contra o atraso no pagamento de seus salários, durando tal atraso já seis meses. O que podemos concluir é que havia um processo de inserção de Nova Friburgo no capitalismo, já nos fins do século XIX, e as conseqüentes contradições desse fato se apresentavam de forma evidente, isto é, o confronto entre capital e trabalho, embora ainda de forma incipiente.

Com a chegada dos capitalistas alemães, a partir de 1911, a situação relativa à exploração do trabalho aparece de forma ainda mais clara. No último capítulo de sua Dissertação de Mestrado, intitulado “**O Trabalho e a Fábrica**”, Heloísa B. Serzedello Correa relata-nos as condições difíceis dos operários friburguenses, no que tange aos baixos salários, jornada de trabalho extensa e disciplina férrea imposta a esses trabalhadores. Segundo a Autora, os salários pagos nas indústrias de Nova Friburgo, a partir de 1911, eram inferiores aos salários pagos aos trabalhadores rurais da região e igualmente inferiores à média nacional dos salários dos operários industriais. A questão da superexploração da força de trabalho associava-se também à exigência de extensa jornada de trabalho, independentemente do acréscimo de horas extras. As jornadas de trabalho variavam de dez a doze horas diárias e, em muitas ocasiões, eram tais jornadas acrescidas de “serões”. Efetivamente, a opção pelo “serão” significava acréscimo substancial na jornada de trabalho e representava para o trabalhador a única possibilidade de elevação de seus minguados rendimentos.

Um terceiro elemento da exploração do trabalho relacionava-se à disciplina férrea imposta pelos capitalistas aos operários no decorrer do processo produtivo. Além da falta de iluminação adequada, da precariedade da higiene no local de trabalho, e do fato de trabalharem de

pé, os operários eram proibidos de fumar, de conversar na hora do almoço, de tomar cafezinho no horário do expediente e eram controlados nas idas ao banheiro. A vida no interior da fábrica acontecia num quadro de extrema rigidez. Fora da fábrica, a situação não era tão diferente: moradias precárias, baixos salários, alimentos caros, tudo isso deixava a vida do trabalhador friburguense beirando o insuportável⁷⁵.

Movimentos de reação contra essas formas de exploração aconteceram de uma forma bastante precária, espontânea, constituindo-se em movimentos nos quais não se percebe, até pelo menos 1930, a presença de uma organização sindical. Por outro lado, esses acontecimentos apontam para uma situação de reação do operariado friburguense contra as formas de dominação do capital. Em agosto de 1918, o jornal *A CIDADE DE FRIBURGO* publicava a matéria intitulada “Echos do Meeting”, relatando um movimento contra a carestia.

“Conforme um boletim que foi distribuído nesta cidade, realizou-se um meeting contra a carestia de vida. Às dezoito horas compareceu Dr. Bonifácio Figueiredo e, como disse, delegado do povo, proferiu um discurso cujo final foi o pedido de irem todos os presentes às fábricas Arp e Ypu a fim de pedirem aos gerentes das mesmas aumentos de salários. Um grupo de populares juntamente com muitas crianças curiosas tendo à frente o Dr. Bonifácio Figueiredo foi até a fábrica Arp cujo portão foi forçado. Chamado o Sr. Kappel, gerente da

⁷⁵ Heloisa B. Serzedello Correa, op. cit.

mesma, falou o Dr. Bonifácio pedindo aumento de salários. Respondeu o Sr. Kappel que o Sr. Arp já havia feito há dois meses passados, um aumento porém transmitiria a seu chefe o pedido que acabava de ser feito”⁷⁶.

Este artigo revela lances curiosos como, por exemplo, o fato de o cortejo direcionar-se, em seguida, até à fábrica Ypu, o que provocou desmaios de operárias, pois julgavam tratar-se de um assalto. O resultado do movimento pode ser considerado bastante tímido, já que ele teria gerado a assinatura de um abaixo-assinado contendo reivindicações relativas ao aumento de salários.

Em 16 de Março de 1920, explodiu uma greve nas fábricas Arp e Ypu que constituiu um dos movimentos mais significativos do período. A manchete do Jornal *A CIDADE DE FRIBURGO*, de 21/03/1920, estampava os seguintes dizeres: “*A GREVE GERAL DOS OPERÁRIOS DAS FÁBRICAS DE PROPRIEDADE DE M. SINJEN E COMP. E M. FALCK E COMP*”. A matéria publicada neste número esclarecia as razões da greve:

“Era inevitável a insurreição cuja explicação afinal se verificou no momento em que o gerente, um alemão da fábrica do Sr. M. Falck, num gesto de brutalidade, colérico, despedia alguns menores que a elle se dirigiram com uma solicitação de melhoria de salário. Interrompidos ali subitamente todos os trabalhadores

⁷⁶ Jornal *A CIDADE DE FRIBURGO*, nº. 69, 11/08/1918, arquivos do Pró-Memória da P.M.N.F.

sahiram os pobres obreiros, uma grande massa de crianças, mulheres e homens, com destino à fábrica Arp, a fim de obterem a solidariedade dos seus companheiros de infortúnio desse outro estabelecimento”.

A adesão dos operários da Fábrica Arp possibilitou a formação de uma grande passeata que se dirigiu ao centro da cidade, onde se organizou uma manifestação condenando: a) os baixos salários; b) salários diferenciados pagos aos trabalhadores de origem alemã; c) baixos salários pagos às crianças e às mulheres; d) infração dos regulamentos oficiais por parte dos patrões; e) violência patronal no trato com os trabalhadores.

Poderíamos resumir esses cinco pontos a dois, ou seja: em primeiro lugar, uma denúncia dos baixos salários e a concernente à discriminação no interior da classe operária, pois havia uma diferenciação entre os salários pagos aos homens e aqueles de mulheres e crianças, assim como relativamente à nacionalidade, já que os operários de origem alemã ganhavam mais do que os demais de origem brasileira; em segundo lugar, é apontada a violência patronal, que se expressava de várias maneiras, inclusive pelo não cumprimento de regulamentos oficiais. É a denúncia da superexploração que fica aqui consignada.

Em 30 de Abril, os empresários respondem negando as acusações, incluindo a de pagamento de um salário maior aos operários germânicos

e afirmando que, a partir daquela data, os trabalhadores deixariam de ser diaristas passando a horistas, e sobre essas horas seria dado um aumento de dez por cento. A estratégia fora cruel, já que se anunciava a redução da jornada de trabalho para oito horas diárias e, conseqüentemente, este trabalhador teria redução salarial. Pressionados pelos donos das fábricas e por autoridades locais os operários retornaram ao trabalho.

Em 1928, finalmente, aconteceu outro movimento grevista, desta vez na Fábrica Filó, de Otto Siems, com semelhantes reivindicações salariais, inclusive insistindo-se na denúncia da diferenciação salarial dos operários de origem alemã. Patrões e autoridades locais pressionam e, mais uma vez, o movimento foi suspenso sem obtenção de resultados efetivos para os operários.

Mais tarde, principalmente na década de trinta, o movimento operário assumiu um novo comportamento com a criação do sindicato têxtil, que irá fundamentar o movimento em novas bases.

3 - A SUÍÇA BRASILEIRA VAI AO PARAÍSO

3 . 1 - A indústria continuou a progredir

Os anos que sucederam à implantação da indústria têxtil, de propriedade dos capitalistas alemães, presenciaram a consolidação da situação de cidade industrial e turística. Nesse contexto, esboça-se a visão de que Nova Friburgo constituía-se um exemplo de cidade moderna, ordenada, um tanto imune ao contágio das novas “estranhas idéias” que proliferaram no mundo a partir da década de 30.

O comunismo soviético e também o nazi-fascismo germano-italiano se expressaram na cidade através de lideranças sindicais, no primeiro caso, e de grupos de empresários alemães, no segundo caso, que aderiram aos princípios de Hitler e de Mussolini.

De 1930 a 1980, o processo de industrialização se consolidou na cidade. Além das indústrias pioneiras criadas na segunda década do século XX, verificamos a ampliação da indústria têxtil, bem como o surgimento de outros ramos industriais. O crescimento da indústria têxtil foi evidente, mas paralelamente surgiram e cresceram novos ramos como vestuário, plástico e metalurgia. Nas décadas de 60 e 70, acompanhando uma tendência nacional, que redundou no chamado “milagre brasileiro”, foi possível perceber um forte crescimento industrial em Nova Friburgo.

Inegavelmente, verifica-se, até os anos 80, um processo de diversificação dos ramos industriais na cidade. O crescimento das indústrias metalúrgica e mecânica, assim como o aparecimento da

produção de plástico, o confirmam. Tal diversificação contrasta com o quadro industrial precedente aos anos 30. Mesmo assim, a produção de tecidos e a de vestuário permaneceram ocupando a posição de maior destaque no cômputo da industrialização municipal.

Vejam os dados abaixo elaborados em 1987:

Quadro 11: **INDÚSTRIAS DE NOVA FRIBURGO: 1987**

ATIVIDADE	PARTICIPAÇÃO(%)
TÊXTIL	27,2
VESTUÁRIO	29,6
METALÚRGICA	14,1
MECÂNICA	9,1
MATÉRIA PLÁSTICA	7,2
OUTRAS	7,2
TOTAL	100

FONTE: *Nova Friburgo: Radiografia Social de uma Comunidade*, Biblioteca de Estudos Fluminenses, Niterói, Imprensa Oficial.

Até os anos 80, a hegemonia industrial no município permaneceria em mãos dos empresários ligados àquelas indústrias criadas ainda no período da República Velha. Entretanto, nesse processo de diversificação, acima mencionado, outras fábricas vêm ocupando posições destacadas no conjunto das empresas da cidade. O CADERNO TÉCNICO do Departamento de Cultura da PMNF⁷⁷, em 1985, publicava a listagem das maiores indústrias do município.

⁷⁷ Caderno Técnico, Pró-Memória da P.M.N.F., 1985

PRINCIPAIS INDÚSTRIAS DE NOVA FRIBURGO - 1085

- 1 - Fábrica de Filó S/A
- 2 - Fábrica de Rendas ARP S/A
- 3 - Indústria Sinimbu
- 4 - Ferragens HAGA S/A
- 5 - GEMINI Engenharia LTDA
- 6 - HAK - Fábrica de Fusos e Passamanaria LTDA
- 7 - Indústria IWEGA LTDA
- 8 - MITROPLAST Indústria e Comércio de Plásticos LTDA
- 9 - SOTEC - Sociedade Técnica Engenharia LTDA
- 10 - TORRINGTON Ind. e Comércio LTDA
- 11 - Indústria Eletromecânica LTDA
- 12 - Fábrica YPU S/A
- 13 - Indústria THURLEFLEX LTDA
- 14 - STAM Metalúrgica
- 15 - Plásticos e Metais San Juan LTDA

Em fins da década de 80, o setor secundário, isto é, o da indústria e da transformação, permanecia como elemento fundamental na composição econômica do município.

A par disso, Nova Friburgo mantinha-se como importante cidade turística do Estado do Rio de Janeiro. A recorrência a seu passado histórico de origem suíça permaneceria constante até fins dos anos 80. Associado à história, ressaltava-se o aspecto da beleza natural, assim como a semelhança aos Alpes suíços, tudo isso propiciando a criação de novos espaços para a visitação e o deleite dos turistas como: o teleférico,

o mirante de Furnas, a localidade do Cão Sentado, o Pico do Caledônia, e outros de grande relevância turística.

3.2 - A hora e a vez do movimento social

Não só de capitais e de capitalistas industriais viveu Nova Friburgo no período compreendido entre a década de 30 e os anos oitenta. Pode-se constatar no período o surgimento, o crescimento, e por que não a consolidação do movimento social no município.

Iniciando nos primórdios da década de 30, incentivado pelo recém-criado Ministério do Trabalho do governo Getúlio Vargas mas, também, influenciado pela ascensão do movimento comunista internacional, constatamos a criação da União dos Trabalhadores da Fábricas de Tecidos de Nova Friburgo e a União Friburguense dos Trabalhadores na Construção Civil, núcleos embrionários do Sindicato dos Empregados das Indústrias de Fiação e Tecelagem e Sindicato dos Empregados da Construção Civil, respectivamente. Algum tempo depois, surgiu a União dos Empregados em Padarias em Nova Friburgo, origem do futuro Sindicato dos Padeiros⁷⁸.

⁷⁸ Ricardo R. Costa. *Visões do Paraíso Capitalista: Hegemonia e Poder Simbólico na Nova Friburgo da República*, Niterói, UFF, PPGH, 1997.

Desde 1929, havia sido criado, na cidade, o Partido Comunista que será responsável pela fundação da Fração Sindical, obviamente uma entidade mais à esquerda do movimento sindical.

As reivindicações levadas à frente pelo movimento, principalmente do sindicato dos trabalhadores nas fábricas de tecidos, podem perfeitamente ser entendidas como uma continuidade daquelas da década de 20: reajustes salariais, melhoria nas condições de salário e trabalho para crianças, licença maternidade, trabalho igual e salário igual (referência aos melhores salários percebidos por operários de origem européia). Em 1933, estoura a greve na Fábrica de Rendas Arp, propagando-se, posteriormente, pelas demais fábricas têxteis. O ambiente tenso e a desastrada ação da polícia estadual geraram o inevitável enfrentamento, e a decorrente ação repressiva redundou na morte do jovem operário Licínio Teixeira, que participava das manifestações juntamente com outros catorze companheiros, também feridos pelos disparos da polícia. A história do movimento operário e do movimento sindical em Nova Friburgo teve seu início marcado pela tragédia acima descrita⁷⁹. Recentemente, talvez como forma de reconhecimento, uma importante escola pública da cidade homenageou o jovem operário morto ostentando o seu nome.

⁷⁹ João Raimundo de Araújo. *Nova Friburgo: O Processo de Urbanização da Suíça Brasileira*, op. cit., cap. 4

Nos seus cinquenta anos de existência, o sindicalismo têxtil e o da construção civil possibilitaram a ascensão de dois grandes líderes da história da cidade que participaram ativamente de sua vida social, clamando por mais justiça para os trabalhadores. Ao se contar a história friburguense, não se pode omitir a grande contribuição desses dois importantes sindicalistas, que foram José Pereira da Costa Filho, o Costinha, e Francisco de Assis Bravo, o Chico Pimpão, este último, vereador cassado pelos seus colegas vereadores, numa imitação farsesca do que acontecia a nível nacional, após o golpe militar de 64. Se os próceres políticos jamais os reconheceram, e até mesmo tentaram excluí-los da vida desta cidade, a História os resgata nesta oportunidade de reconhecer o muito que contribuíram para o brilho desta cidade.

Como Nova Friburgo fica no Brasil, apesar da aparência européia que suas montanhas conferem e suas elites sempre gostaram de lembrar, sofreu, como não podia deixar de acontecer, os percalços da vida nacional. Assim, nos dois períodos de ditadura que o país amargou, respectivamente, entre os anos 1937 e 1945, e a partir de 1964, o movimento social e o sindical, apesar de mudarem de feição, continuaram como espaços de resistência, pelo menos no que se refere a alguns sindicatos, embora outros tenham adotado conscientemente a estratégia do atrelamento ao Estado, situação conhecida como “*peleguismo*”.

Isso não significou, no entanto, que os sindicatos foram proibidos de funcionar. Outros surgiram, ao longo desse período, como os dos bancários, dos metalúrgicos, dos comerciários, das indústrias de vestuário. No próprio ano de 1964, surgiu o SINPRO, o sindicato dos professores das escolas privadas de Nova Friburgo.

É claro que alguns sindicatos foram fechados, vários líderes atuantes foram presos, mas, via de regra, continuaram abertos, embora a função assistencialista tenha sido hipertrofiada, tanto nos anos 30 e 40, quanto no período militar. A forma de atuação sindical teve de se adaptar, pois as greves foram proibidas, e os trabalhadores tiveram que formular suas reivindicações em outros moldes.

Como Nova Friburgo fica no Brasil, insistimos, as tribulações nacionais repercutiram aqui, nesta cidade, e o movimento sindical foi um termômetro importante para confirmação dessa assertiva.

Em 1978, em plena ditadura, e dez anos após a repressão das históricas greves dos metalúrgicos das cidades de Osasco e Contagem, em São Paulo e Minas Gerais, houve um movimento grevista de grande repercussão nacional e internacional em São Bernardo do Campo⁸⁰. Foi a primeira vez, desde 1968, que operários ousaram expressar suas

⁸⁰ Sobre as greves de Contagem e Osasco, ver: Francisco Weffort, *Participação e conflito industrial: Contagem e Osasco, 1968*, SP: CEBRAP, 1972. Sobre Novo Sindicalismo, ver principalmente: Marcelo Badaró Mattos. *Novos e Velhos*

reivindicações através da greve. Neste mesmo ano, no Rio de Janeiro, foi criado um sindicato de professores da rede pública e, em 1979, o CEP, Centro Estadual de Professores, (atualmente SEPE, Sindicato Estadual de Profissionais de Educação) organizou, em nível estadual, e em Nova Friburgo, a primeira e, por isso, histórica, greve de professores da rede oficial. Neste ano, pela primeira vez, em Nova Friburgo, os professores cruzaram os braços.

Tal fato foi de grande repercussão para o movimento sindical na cidade, pois várias direções sindicais “pelegas” foram defenestradas - a dos têxteis, a dos metalúrgicos - a partir das modificações ocorridas no próprio SINPRO que, por sua vez, se originaram no CEP e seu, então, vitorioso movimento grevista. Os professores sindicalistas friburguenses foram pioneiros também na fundação da CUT (Central Única dos Trabalhadores): em 1981, por ocasião do primeiro CONCLAT, (Congresso Nacional das Classes Trabalhadoras), reunião preparatória em nível nacional para a criação da maior central de trabalhadores do Brasil, sindicalistas professores foram mandados como observadores àquela reunião.

O movimento social em Friburgo, inegavelmente, cresceu nos anos 80 à proporção em que surgia, no país e nesta cidade, uma

consciência cidadã. Historiando um pouco esse fato, em nível nacional, houve, entre 1975 e 1979, o vitorioso movimento pela Anistia aos Presos Políticos. Na década de 80, surgiram as Associações de Moradores, movimentos que congregavam as reivindicações e queixas dos cidadãos quanto às condições de moradia, à vida no bairro, enquanto os sindicatos canalizavam aquelas referentes a salário e condições de trabalho. Em Friburgo, surgiram as Associações de Moradores, sendo uma das mais famosas a dos moradores do Bela Vista, a primeira a surgir. Esse movimento foi forte, nessa época, e ocupou páginas na imprensa. Seu número cresceu bastante a ponto de, mais tarde, ter surgido a entidade COMAMOR que as congrega.

As reivindicações femininas, mais fortes no Brasil a partir das últimas duas décadas, teve em Nova Friburgo importantes repercussões a ponto de ter surgido o SER MULHER, uma entidade que procura, de certo modo, atender e encaminhar as reivindicações e problemas da parcela feminina da população.

Enfim, embora permaneça conservadora, Nova Friburgo vem assistindo, nos últimos vinte anos, o aparecimento de movimentos sociais, de um novo sindicato, em alguns casos bastante atuante e afinado

com o que se chama “*novo sindicalismo*”⁸¹. Isso contrasta com o que uma parcela importante das elites locais apregoa como novo *slogan* para a cidade: “**Nova Friburgo: Paraíso Capitalista**”.

4 - NOVA FRIBURGO: DE “PARAÍSO CAPITALISTA” A “CAPITAL DA MODA ÍNTIMA”

Afinal, Nova Friburgo vai ao Paraíso? Se a pergunta fosse feita a alguns setores das elites políticas e empresariais friburguenses, na década de 80, a resposta seria afirmativa. Pode-se ilustrar com a declaração do empresário de origem alemã Horst Garlipp: “*Nova Friburgo é um paraíso capitalista*”.⁸² Em entrevista publicada no *JORNAL DO BRASIL* de 18 de Setembro de 1983, o então prefeito Heródoto Bento de Mello explicava, em consonância com a ideologia liberal, os motivos do fato de Nova Friburgo ser uma cidade em trânsito da “*Suíça brasileira*” para “*o Paraíso Capitalista*”:

*“A Companhia de Eletricidade de Nova Friburgo não é da ELETROBRÁS, mas da família Arp. A estação rodoviária não é da CPDERTE, e sim dos Quevedo. Lá não há os azulões da CTC, mas os ônibus dos Maia. Com uma previsão de faturamento este ano de quinhentos bilhões em seu parque industrial, o progresso do município está atrelado à iniciativa privada.”*⁸³

⁸¹ Marcelo Badaró Mattos, op. cit.

⁸² Apud Ricardo da Gama R. Costa, *Visões do Paraíso Capitalista: Hegemonia e Poder Simbólico na Nova Friburgo da República*, Dissertação de Mestrado, Niterói, UFF, 1997, p. 214.

A euforia do prefeito era tamanha, naquela ocasião, que contagiava a classe empresarial friburguense. Havia pessoas, como o empresário Edgar Arp, sócio majoritário da Fábrica de Rendas e Presidente da Companhia de Eletricidade, que imaginava Nova Friburgo como uma ilha de prosperidade e afirmava:

“Sem dúvida, uma experiência bem sucedida de capitalismo acontece em Nova Friburgo. Às vezes penso que isso devia ser protegido. Alguma coisa como uma muralha, cercando essa cidade, que tem um clima e uma gente excepcional.”⁸⁴

Fica evidente a postura eufórica, ufanista, dessas elites municipais e, ao mesmo tempo, que enfatizava na construção ideológica uma Nova Friburgo européia, primeiro-mundista, bem descolada do quadro geral brasileiro e, porque não, latino-americano.

Evidentemente, os vaticínios jamais se confirmaram. Nem Suíça brasileira, nem muito menos Paraíso Capitalista, a realidade friburguense, dos fins dos anos 80 aos fins dos anos 90, caminhou para uma situação bem mais modesta. A crise capitalista internacional e a nacional, os problemas trazidos pela globalização, atingiram também a cidade serrana. A desaceleração das grandes indústrias, (processo a que não ficaram imunes nem mesmo aquelas fábricas têxteis, de capital alemão, do início

⁸³ *Jornal do Brasil*, 18 de Setembro de 1983.

⁸⁴ *Apud* Ricardo de Gama R. Costa, op. cit., p. 216.

do século), e o processo de desemprego, geraram a proliferação da pequena indústria, da “fábrica de fundo de quintal”, o crescimento das pequenas confecções de *lingerie*. Na verdade, Nova Friburgo transformou-se na “Capital da Moda Íntima”, ao mesmo tempo em que vem sofrendo um crescimento desordenado propiciando a ampliação de favelas e da violência.

O século XXI encontra o município envolvido com problemas econômicos, sociais, extremamente sérios, mas não impossíveis de serem resolvidos. Evidentemente, a solução não deverá sair da cabeça de indivíduos “iluminados”, mas sim da capacidade solidária do ser humano friburguense, como dizia o texto em epígrafe: “*A cidade está no homem/ quase como a árvore voa no pássaro que a deixa*”.

CAPÍTULO 3

A CONSTRUÇÃO DO MITO DA “SUÍÇA BRASILEIRA”

“O mytho é o nada que é tudo.”

Fernando Pessoa, **Os Castellos - Primeiro/Ulysses**

DO MITO À IDEOLOGIA

Este capítulo pretende abordar a origem e a consolidação da ideologia da Suíça Brasileira, construção mítica, fabulosa, aplicada à Nova Friburgo. Por que surgiu tal ideologia? Quem são os autores do mito da cidade branca, européia, modelo de colônia nos trópicos contraposto ao resto do país, negro e escravocrata?

Abordaremos a sistematização da ideologia da Suíça Brasileira nas primeiras décadas do século XX, a partir de algumas fontes: *Discurso Comemorativo do Centenário de Nova Friburgo, A Abolição e seus Reflexos Econômicos*, ambos de autoria de Agenor De Roure e publicados pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em Janeiro de 1938⁸⁵; *Lendas e Legendas de Friburgo* de autoria de Galdino do Valle Filho, publicado em 1928⁸⁶

⁸⁵ Agenor de Roure. **O Centenário de Nova Friburgo**. Conferência proferida no IHGB em sessão solene da Câmara Municipal de Nova Friburgo, a 19 de Maio de 1918, publicada pela *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro de 1938, pp. 245-65.

⁸⁶ Galdino do Valle Filho. *Lendas e Legendas de Friburgo*, Rio de Janeiro, Gráfica “A Pernambucana”, 1928.

Começamos nossa abordagem por uma discussão sobre Mito e História, pois é de um mito que se trata, uma lenda, a da “*previsão histórica de Dom João VI que anteviu a grande solução para o Brasil, a adoção do trabalho livre do europeu civilizado*”. Nesta oportunidade, achamos relevante definir em que sentido utilizamos o conceito de “mito” e, para tal, nos servimos do ensaio de Moses Finley, **Mito, Memória e História**⁸⁷.

Finley discute em seu texto as apreciações de Aristóteles sobre Poesia e História, preferindo a primeira à segunda porque, a seu ver, a Poesia era mais universal e, neste sentido, mais verdadeira, pois falava de “verdades universais”, enquanto as “histórias” tratavam de fatos particulares, singulares. Em todo o caso, os antigos não se interessaram pela História como disciplina. O seu grande interesse pelo passado refletia-se nas tragédias, por exemplo, onde os feitos dos heróis apareciam destacados. Tratava-se, também, de separar mito de história, porquanto em seus inícios a História parte do mito. Finley, então, utiliza o conceito de mito no sentido de “lenda”, como lenda de Hércules, lenda de Prometeu, etc.

Os gregos antigos, segundo o autor, amavam os mitos e as tragédias porque transmitiam ensinamentos sobre moralidade e conduta,

⁸⁷ M. Finley. **Mito, Memória e História**, in *Uso e Abuso da História*, SP, Martins Fontes, 1989, pp. 3-27

além de fundamentarem os ritos da religião cívica.⁸⁸ Mas *mythos* não se distingue de *logos*, pois ambos significam narrativas, discursos, não havendo entre os antigos, pelo menos, a desvalorização do mito como algo “irracional”, mentiroso, ao contrário.⁸⁹ O autor destaca que a construção mítica continuou presente entre os gregos, pois os ritos atualizavam os mitos, conservando-os⁹⁰.

Igualmente importante para a nossa discussão é o conceito de “tradição” tal como Finley define: “*algo ligado a uma prática ou crença*”. Como as gerações conservaram certas tradições? Para Finley, isto se deveu, na era pós-heróica, vale dizer, do século V a. C., aos interesses das famílias nobres reinantes na cidade em filiar-se a uma tradição que remontava aos heróis. O autor destaca também que, se preciso, os elementos das tradições eram “inventados” para melhor servir aos grupos dominantes a quem tais lendas remontavam⁹¹.

Ora, em Nova Friburgo há inúmeros elementos míticos que reforçam a história da cidade. A nossa hipótese central é a de que, para explicar e reforçar o projeto industrializante da cidade de Nova Friburgo

⁸⁸ Idem, *ibidem*, p. 6.

⁸⁹ Le Goff. **Mitos/Logos** in *Enciclopédia Einaudi*

⁹⁰ Igualmente importantes para o conceito de mito como vimos trabalhando são os seguintes autores e textos: J.-P. Vernant, *Mito e Sociedade na Grécia Antiga*. Rio de Janeiro: José Olympio e Brasília: EDUNB, 1992; Marilena Chauí. *Brasil: Mito Fundador e Sociedade Autoritária*. SP: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2000; Friedrich Nietzsche. *O Nascimento da Tragédia*. SP: Companhia das Letras, 2000; Carlo Ginzburg. *Olhos de Madeira. Nove Reflexões Sobre a Distância*. SP: Companhia das Letras, 2001.

⁹¹ M. Finley, *op. cit.*, pp. 20-3.

- projeto estabelecido com capitais provenientes de empresários alemães - foi necessário recorrer a um passado idealizado, à origem supostamente suíça do povo e da cidade⁹². Na serra fluminense teria surgido uma cidade peculiar, diferente de outras, uma cidade suíça, branca, industrializada, com trabalhadores livres, por iniciativa do rei português. É o teor do discurso do Centenário que Agenor De Roure pronunciou e vamos analisar. Nele fica demonstrado que, se as origens dessa tradição tornada ideologia⁹³ - a “Suíça brasileira” - encontradas neste discurso, estas são perenemente atualizadas por outros atores sociais, como Galdino do Valle Filho, grande chefe político da cidade na primeira metade do século XX, admirador do projeto industrializante alemão.

Em recente obra publicada no Brasil, o historiador italiano Carlo Ginzburg dedica atenção especial para a análise e funções assumidas pelo mito, ao longo da História, mas principalmente dá especial importância à

⁹² Desde os fins do século XIX, percebemos o aparecimento de alguns artigos jornalísticos, publicados em jornais da cidade, dando ênfase às belezas naturais da cidade e também ao seu passado colonial identificado com a vinda dos suíços em 1820. Esses artigos dispersos começam a ser sistematizados após o início da industrialização alemã, em 1911, e certamente constituirão a base daquilo que chamamos ideologia da Suíça

⁹³ Conforme Ciro Cardoso: “(...) uma cultura, tal como uma ideologia (entendida, na linha dos marxistas ingleses, como parte “sólida”, ordenada, estruturada, da visão de mundo de uma classe ou categoria social), pode conter ou retrabalhar mitos. A cultura é certamente uma noção que alude a fenômenos cujas dimensões são muito mais amplas do que as da ideologia, e esta, por sua vez, é mais do que qualquer dos mitos vigentes numa sociedade (e diferentes ideologias, numa mesma sociedade, podem explorar mitos diversos ou opostos entre si). (...) No sentido aplicável ao mundo contemporâneo, isto é, num sentido dessacralizado, um mito pode ser definido como um relato fundador, sem dúvida inventado (ou muito reelaborado), necessário à perenidade e à reprodução de uma ordem social (esta noção se acha tanto em BARTHES, R. *Mythologies*, Paris, Seuil, 1957, quanto em GIRARDET, R. *Mythes et Mythologie Politique*, Paris, Seuil, 1986). O mito constitui uma ilusão partilhada, em que os atores sociais (com frequência, até mesmo os políticos que exploram descaradamente o mito em questão) acreditam, em discursos políticos, mesmo variado no detalhe segundo conveniências estratégicas que mudam no tempo ou de acordo com filiações partidárias, classistas e outras, são da ordem do que Bourdieu chama de *illusio*: “a *illusio* consiste no fato de alguém se ver no interior do jogo, de acreditar que o jogo vale a pena (...) Todo o campo social tende a obter, dos que nele entrem, que manifestem para com tal campo a relação que eu denomino

função do mito na sociedade contemporânea⁹⁴. Para tanto, o autor se vale das reflexões de F. Nietzsche em *O Nascimento das Tragédias*. Segundo este autor, o mundo moderno está calcado na “cultura alexandrina” cuja base era a escravidão. O mundo alexandrino ocultava o fato de basear-se na existência na escravidão usando sempre o discurso da dignidade do homem, da importância do trabalho. Desse modo, para Carlo Ginzburg o mito na Grécia Antiga era um importante elemento de controle social e legitimador de uma estrutura social escravista, e que mais tarde o cristianismo tornou-se o principal herdeiro desta função legitimadora do mito. Somente com as reformas protestantes, é que uma nova posição passa a ser assumida, pois a partir das reformas seria necessário criar novos mitos para melhor controlar a ascensão do proletariado. Desse modo, a religião teve reduzido o papel de mobilizar pessoas, e novos mitos, como o **patriotismo**, é que assumem o principal papel mobilizador, criando às vezes guerras e destruições.

No mundo contemporâneo, o Estado exerce função definidora na construção de seus mitos através do uso da publicidade. A publicidade torna-se uma arma, por exemplo, na construção dos regimes nazi-fascistas. Benito Mussolini, baseando-se nas propostas de Gustave Le

illusio”. (BOURDIEU, P. *Raisons Pratiques*, Paris, Seuil, 1994) Cf. e-mail enviado por Ciro F. S. Cardoso em 1 de junho de 2003, Domingo, 16.57 hs.

⁹⁴ Carlo Ginzburg. *Olhos de Madeira. Nove Reflexões sobre a distância*. SP, Companhia das Letras, 2001, pp. 42 a 84.

Bon (1896), que propunha o uso da publicidade comercial para fins políticos, pôs em prática este princípio, o do uso político da publicidade. Desse modo, tanto os fascistas quanto os nazistas, mas também os soviéticos, criaram publicidade para alardear seus projetos políticos, usando para tal sofisticados mecanismos tecnológicos. Tratava-se assim de utilização de eficientes mecanismos de produção de mitos⁹⁵.

Nesta tese, trabalhamos com a idéia de mito em dois sentidos: o de legitimação de uma ordem existente – a da cidade industrializada por capitalistas alemães – e o do “*mito fundador*” – a cidade fundada no século XIX por Dom João VI, pela vinda de “*obreiros suíços, industriais e ordeiros*” - fábula que agiu também no sentido de legitimação da ordem nesta cidade serrana. As idéias de Ginzburg abaixo citadas resumem os aspectos teóricos em que nos baseamos:

*“O próprio Estado não conhece leis não escritas mais poderosas do que o fundamento mítico”, escreve Nietzsche. Como vimos, de Platão em diante esta idéia foi invocada em benefício de um bem comum identificado ora com uma ordem social a ser fundada, ora com a ordem social existente. Porém, o uso do mito como mentira esconde algo mais profundo. A legitimação do poder remete necessariamente a uma história exemplar, a um princípio, a um mito fundador.”*⁹⁶

⁹⁵ Carlo Ginzburg, op. cit., p. 84.

⁹⁶ C. Ginzburg., op. cit., p. 83.

Marilena Chauí, numa importante obra sobre os quinhentos anos do Brasil, utiliza-se do mito e, em especial, do mito fundador para explicar um tipo de relação que existe entre o povo brasileiro e sua própria história⁹⁷. De início, a autora estabelece seus pressupostos para explicar o mito:

*“Ao falarmos em mito, nós o tomamos não apenas no sentido etimológico da narração pública de feitos lendários da comunidade (isto é, no sentido grego da palavra mythos), mas também no sentido antropológico, no qual essa narrativa é a solução imaginária para tensões, conflitos e contradições e que não encontram caminhos para serem resolvidos no nível da realidade”.*⁹⁸

Logo em seguida, a autora traça caminhos explicativos para a questão do mito fundador e suas relações com um passado que não cessa, o que é pertinente para o estudo do “*mito da Suíça brasileira*”:

“Se também dizemos mito fundador é porque, à maneira de toda fundatio, esse mito impõe um vínculo interno com o passado como origem, isto é, com um passado que não cessa nunca, que se conserva perenemente presente e, por isso mesmo, não permite o trabalho da diferença temporal e da compreensão do presente enquanto tal. Nesse sentido, falamos em mito também na acepção psicanalítica, ou seja, como impulso à repetição de algo imaginário, que cria um bloqueio à percepção da realidade e impede lidar com ela. Um mito fundador é aquele que não cessa de encontrar novos meios para exprimir-se, novas linguagens, novos valores

⁹⁷ Marilena Chauí, *Brasil: Mito fundador e sociedade autoritária*, SP, Fundação Perseu Abramo, 2000.

⁹⁸ Idem, *ibidem*, p. 9.

*e idéias, de tal modo que quanto mais parece ser outra coisa, tanto mais é a repetição de si mesmo.*⁹⁹

Com base nos aspectos acima, consideramos que a questão da Suíça brasileira pode ser vista dentro dos pressupostos acima mencionados do “*mito fundador*”. Tal como diz a filósofa, o aspecto central deste mito é a negação da temporalidade histórica, em outras palavras, sua permanência, utilizando para tal variados meios de afirmação da perpetuidade do passado no presente, o que prejudicaria a compreensão do mesmo. A presença suíça em Friburgo é sempre apresentada como um aparente fato histórico mas, no entanto, esconde o processo que é a essência dessa história. Percebe-se a constante permanência do fato passado de forma estática, imutável, escamoteando as mudanças, o que é o próprio da história. O “*mito fundador*” em geral, e o “*mito da Suíça brasileira*” em particular, constituem-se fatos históricos, porém não constituem história.

1 – A POLÍTICA FRIBURGUENSE: DO CENTENÁRIO AOS ANOS 20¹⁰⁰

A partir do ano de 1911, Nova Friburgo passou a viver um processo de grandes mudanças, de progresso e de modernização percebido claramente em sua configuração física, como também na alma

⁹⁹ Idem, *ibid.*, p. 9.

¹⁰⁰ Este estudo do contexto histórico friburguense está baseado nas seguintes obras: Marieta de Moraes Ferreira. *A República na Velha Província – Oligarquias e Crise no Estado do Rio de Janeiro, 1889-1930*. RJ, ED. Rio Fundo, 1989; Marieta de Moraes Ferreira, *Em Busca da Idade do Ouro: as elites políticas fluminenses na Primeira República (1889-1930)*. RJ, Ed. UFRJ/Edições Tempo Brasileiro, 1994; João Raimundo de Araújo e J. M. Mayer. *Teia Serrana, op. cit.*

de seu povo. Nova Friburgo e seus habitantes vivem um longo momento de transformações, iniciado com a industrialização patrocinada por empresários alemães e assumida por um setor de suas elites, liderado por Galdino do Valle Filho.

A implantação da empresa de eletricidade ocorreu a partir da assinatura do contrato em que a Câmara Municipal concedia a Julius Arp & Cia os direitos de exploração daqueles serviços e coincidia com a situação em que Galdino Filho, afastado da direção municipal, mantinha grande afinamento político com Oliveira Botelho, então Presidente do Estado do Rio de Janeiro. Pelo que já expusemos, a criação das indústrias M. Sinjen & Cia e M. Falck & Cia coincidiu historicamente com o governo de Oliveira Botelho no Estado do Rio de Janeiro e, em 1914, com a ascensão de Galdino Filho na direção municipal¹⁰¹.

Dando-se o afastamento de Galdino do Valle Filho da direção política do município, a partir de 1916, como resultado do choque com Nilo Peçanha, ficou prejudicada a aliança entre os empresários alemães e o poder político municipal, devido ao fato de, nesta cidade, a ligação entre política municipal e processo industrializante ter sido sempre muito íntima e estreita. Conseqüentemente, verificamos que, no período entre 1916 e 1923, correspondente ao alijamento do grupo galdinista do poder

¹⁰¹ Marieta de Moraes Ferreira, op. cit. João Raimundo de Araújo, op. cit. cap. 3.

municipal, aconteceu um certo desaquecimento da expansão industrial em Nova Friburgo. É interessante notar também que os festejos do Centenário e o discurso de Agenor De Roure, naquela ocasião, aconteceram num momento em que Galdino do Valle estava afastado do poder local mesmo sendo ele talvez o criador da idéia comemorativa dos cem anos do município.

Após 1923, com a derrocada de Nilo Peçanha em nível nacional e estadual, identificamos a retomada do grupo galdinista no poder municipal. São realizados novos investimentos na indústria. Exatamente no início de 1925, deu-se a implantação da Fábrica de Filó S/A, resultado de novas articulações implementadas por Julius Arp no intuito de atrair outros empresários alemães para se instalarem nesta cidade. O ano de 1925 é, portanto, um segundo momento da expansão capitalista alemã no município e reflete a redefinição da política municipal acontecida com o retorno do galdinismo, agora dominando a Câmara de Vereadores e a Prefeitura. Para se entender o processo de industrialização de Nova Friburgo é necessário perceber a conjugação de interesses entre o poder econômico, representado pelos empresários alemães, e o poder político municipal, representado por Dr. Galdino do Valle Filho e seu grupo.

Um discurso produzido e defendido pelo grupo galdinista, que se tornou hegemônico no período, enfatizava a relação industrialização-

modernização, isto é, que a indústria, além dos benefícios diretos da produção e de novos empregos para sua população, constituía-se num elemento capaz de arrancar Nova Friburgo de sua letargia, transformando-a numa cidade moderna à imagem e semelhança de grandes centros da Europa¹⁰². Por outro lado, corroborando com o discurso da modernização, seria interessante buscar nas raízes históricas da cidade isto é, no passado de colônia Suíça, elementos para justificar o caráter diferente desta cidade encravada no interior da Serra dos Órgãos.

Neste novo contexto, em que percebemos o alinhamento de Galdino do Valle com o Presidente do Estado do Rio de Janeiro Feliciano Sodré, constatamos a criação de outra obra importante para nossas pesquisas relativas à construção da “ideologia da Suíça brasileira”. Em 1928, é editado e distribuído em Nova Friburgo o livro de autoria de Galdino do Valle Filho intitulado *Lendas e Legendas de Friburgo*.

Os dois principais ideólogos, Agenor De Roure e Galdino do Valle Filho, dedicaram-se a compilar as idéias constantes em textos já existentes anteriormente e que apontam para especificidades do passado de Nova Friburgo. Trata-se agora de demonstrar como esses intelectuais sistematizaram o discurso constituinte da ideologia da “Suíça brasileira”.

¹⁰² Ler os editoriais e artigos do jornal *A PAZ*, do período de 1903 a 1930. Acervo do Pró-Memória da P.M.N.F.

2 - AGENOR DE ROURE E O CENTENÁRIO DE NOVA FRIBURGO: SISTEMATIZANDO O MITO DA SUÍÇA BRASILEIRA

Nascido na Vila de S.João Batista de Nova Friburgo no dia 28 de Fevereiro de 1877, Agenor De Roure era descendente de família francesa que se mudara para Portugal em decorrência da Revolução de 1789 e, posteriormente, migrara para o Brasil acompanhando a Corte joanina nos primórdios do século XIX. A família De Roure teve participação no processo de criação de Nova Friburgo, ocupando o território que, mais tarde, constituiria o Distrito de Lumiar.¹⁰³

Orientado por seu padrasto, o professor José Lopez de Faria Mariz, e em idade conveniente, Agenor dirigiu-se ao Rio de Janeiro, onde apenas freqüentou um curso de estudos básicos preparatórios para a Faculdade de Medicina. Outros impulsos o desviaram para imprensa, tornando-se jornalista especializado em assuntos econômicos. Passou a trabalhar em jornais diários como repórter e colaborador, atingindo por fim, o lugar de redator dos debates da Câmara dos Deputados. Em 1919, o Presidente da República, Epitácio Pessoa, convidou-o para ser secretário da Presidência. Ao concluir seu governo, nomeou-o Ministro do Tribunal de Contas, do qual seria Presidente. Por ocasião da Revolução de 30, foi Ministro da Fazenda interino no início do Governo

de Getúlio Vargas, sendo posteriormente substituído pelo Ministro nomeado Firmino Whitacker.

Já na era republicana, torna-se membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do qual foi sócio efetivo a partir de 31 de maio de 1917. Esta instituição foi criada no século anterior, e preocupava-se com a definição dos fatores responsáveis pela criação de nossa nacionalidade, bem como dos elementos formadores de nossa etnia¹⁰⁴. Não podemos menosprezar esse fato importante ao trabalho de um historiador. Ao proferir a conferência comemorativa do Centenário de Nova Friburgo, De Roure o faz a partir de um “lugar” o que lhe confere melhores condições de aceitação e de credibilidade. De sua autoria são diversas obras que enfocavam assuntos referentes a economia e contabilidade. Faleceu no Rio de Janeiro em 18 de março de 1935. Era um homem da Capital Federal que não perdeu a ligação com a cidade onde nasceu.

É ainda, necessário considerar que tais festejos se fizeram quando já passados 28 anos de sua elevação à categoria de cidade que, até então, ainda não pudera eleger sequer um Prefeito pelo voto direto. Até 1916, o executivo municipal vinha sendo assumido pela Presidência da Câmara Municipal e a partir desta data o cargo vinha sendo ocupado por Interventores nomeados pela Presidência do Estado. Em 1918, a cidade

¹⁰³ Dicionário Biobibliográfico de Historiadores, Geógrafos e Antropólogos Brasileiros. RJ: IHGB, 1993.

era dirigida pelo interventor nomeado Silvio Rangel¹⁰⁵, cuja administração cuidara da organização dos festejos revestidos de certa pompa, não faltando discursos, sessões na Câmara Municipal, missa solene, jantares, bailes.

A conferência proferida pelo intelectual Agenor De Roure ocorrera no espaço interno da Câmara Municipal. Assistida por um numeroso, porém, seleto grupo da elite política friburguense, seu título revelava a razão da comemoração: O CENTENÁRIO DE NOVA FRIBURGO. Cabe ao historiador uma pergunta, possivelmente reveladora do que se comemorava naquele momento. De que Centenário se fazia a comemoração? Não se tratava de festejar os 100 anos a chegada dos colonos suíços à região da antiga fazenda do Morro Queimado. Tratava-se sim, de comemorar, de festejar, o Centenário da assinatura do acordo realizado entre o rei do Brasil D.João VI e Nicolau Gachet que se encarregaria da seleção e do transporte dos futuros colonos. Comemorava-se, pois, em 1918 o centenário de um evento palaciano envolvendo representações diversas das elites luso-helvéticas. Festejava-se sim, o aniversário da criação de uma colônia sem colonos. Os primeiros colonos somente começaram a chegar a Nova Friburgo em

¹⁰⁴ Dicionário Biobibliográfico de Historiadores, Geógrafos e Antropólogos Brasileiros, RJ, IHGB, 1993, pp. 140-1

¹⁰⁵ Administrações do município, p. 127-153, in *Radiografia de uma Comunidade*, op. cit.

janeiro de 1820¹⁰⁶. Aparentemente, essa festa, que se apresenta como resultado de um desejo do povo, na prática constituiu-se num fato pensado, organizado e realizado pelas elites municipais, vindo contribuir substancialmente na construção do “mito da Suíça brasileira”.

Corroborando com tal situação, a evocação do passado histórico e a adoção de uma postura seletiva dos fatos ajudam a realizar montagem do discurso-narrativo mítico. Desse modo, é possível identificar no discurso de De Roure alguns eixos que possibilitam, não só a coerência interna, mas também a afirmação do mito. Inicialmente, o Autor afirma que festejar o aniversário da terra natal constitui um ato de autêntico patriotismo principalmente, em seu caso, filho de estrangeiros:

“... não só porque as festas representariam o tributo de gratidão e amor dos filhos do município, como porque valeriam por uma inequívoca manifestação de patriotismo. Do amor ao torrão natal é que vem o amor à pátria. (...) Descendente de estrangeiros nunca pude compreender o patriotismo hereditário: a Pátria não está no sangue mas no meio em que nascemos e que vivemos.”¹⁰⁷

O ponto de partida é, portanto, o “*amor à terra natal*” base necessária para o “patriotismo” fundamental para a construção da

¹⁰⁶ M. Nicoulin. *A Gênese de Nova Friburgo*. RJ, Fundação Biblioteca Nacional, 1996.

¹⁰⁷ Agenor De Roure Conferência *O Centenário de Nova Friburgo*. 19 de Maio de 1918, publicada pela *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 1918.

nacionalidade. Esse patriotismo naturalista parece ser um dos elos que vem dar sentido e objetividade ao discurso.

Em seguida, o Autor apresenta um segundo elemento que é igualmente básico em todo processo de sua argumentação. Em sua visão, os principais problemas vividos pelo Brasil têm origens montadas no sistema de emigração criado pela Metrópole portuguesa na fase colonial e que deu origem à escravidão de africanos. A iniciativa de D. João VI ao promover a vinda de colonos livres para o Brasil iria iniciar a correção desse mal primeiro. Vejamos a afirmativa:

*“A fundação da Colônia do Morro Queimado, eu vo-lo provarei, apresenta a primeira tentativa de execução de um plano, visando corrigir a a formação étnica da Pátria brasileira, perturbada e viciada pelo sistema de povoamento, até então seguido”*¹⁰⁸.

E em seguida afirma: *“Friburgo fora escolhida como primeiro núcleo de uma colônia inteiramente livre, entregue a sua própria iniciativa e a seus próprios esforços...”*¹⁰⁹

Vemos aí o estabelecimento da dicotomia que norteia todo o discurso de De Roure. Mantendo sempre um certo tom maniqueísta, podemos perceber que, em sua argumentação, a escravidão estaria na raiz

¹⁰⁸ Idem, ibidem

de todos os principais males, enquanto que o trabalho livre seria o ponto de partida para a redenção de nossa Pátria. Desse modo, mais do que iniciar uma colônia, os suíços tiveram o papel de corrigir um erro profundo de nossa formação histórica, assim como de assumir função de nossos redentores. Desse modo, sua ação ultrapassaria o âmbito restrito da região do Morro Queimado e passaria a agir no sentido de corrigir falhas e apontar soluções que atingiriam o Brasil como um todo.

Convenhamos, esse mega destino traçado pelo Conferencista é o resultado direto de sua capacidade imaginativa típica de uma construção mítica, e não tanto da realidade histórica. Talvez aí possamos perceber a dicotomia existente entre o discurso mítico e o discurso histórico, pois suas assertivas estavam longe da verdade histórica.

Num momento da história brasileira em que percebemos que as elites intelectuais e políticas da “Velha República” estavam preocupadas com a criação de símbolos nacionais, com a definição sobre nossos heróis forjadores da Pátria, a fala de Agenor De Roure veio colaborar com esta discussão. Evidentemente, sua posição expressa ou representa determinado ponto de vista que localizava na família Bragança a

¹⁰⁹ Idem, ibidem

“verdadeira” idealizadora do Brasil independente e da nação compromissada com os ideais da liberdade de seu povo¹¹⁰.

Na elaboração da narrativa que constrói o discurso mítico é sempre possível criar um ou vários personagens também míticos. Esse personagem pode ser um povo, como o de nacionalidade suíça que veio para o Brasil com a missão “regeneradora”, conforme afirmou o Conferencista. Embora definida a nacionalidade, a categoria ‘povo’ constitui-se numa massa informe, sem rosto. A invenção daquilo que denominamos “mito da Suíça brasileira” teve como ponto de partida a figura de D. João VI, chamado de “rei liberal” e idealizador desse “grandioso projeto” capaz de extirpar a mancha negra da fase colonial.

Ao longo da exposição, percebe-se a intenção ao Autor no sentido de, mesmo antes de nossa independência, idealizar a construção de um país cuja população, também livre das amarras da escravidão, seria responsável pelo progresso. De certo modo, trata-se de dar à ação real um sentido teleológico, pois teria sido o Rei quem conseguiu efetivar os elementos necessários à liberdade e ao progresso brasileiro. Ao juntar a imigração suíça – homens europeus, livres e progressistas - com a criação de um sistema de pequenas propriedades, Dom João teria alavancado a

¹¹⁰ É significativo que, ao contrário de outros intelectuais republicanos, partidários da corrente positivista, De Roure fale numa nova pátria, identificada, todavia, com a família real portuguesa. É interessante ainda comentar que mais tarde, em

construção de um novo país, como também ocorrera com os Estados Unidos da América. Estranhamente, na visão de De Roure os EUA seriam um modelo a seguir, já que “era uma ex-colônia” cuja economia e sociedade basearam-se no trabalho livre.

Em suma, a Conferência proferida por Agenor De Roure, por ocasião dos festejos do Centenário de Nova Friburgo, é uma narrativa que contém em seu bojo vários elementos que configuram o relato do mito. Essa criação veio se reproduzindo no decorrer do século XX corroborando com a consolidação da representação de uma cidade suíça e brasileira.

2. 1 – A ideologia da Suíça brasileira em textos de Agenor De Roure: uma análise isotópica

Para apreender com o maior rigor possível o teor ideológico do discurso de De Roure sobre a especificidade européia e suíça de Nova Friburgo, optamos por aplicar a seus textos o método de *leitura isotópica*. Mas antes de definirmos isotopia e aplicá-la ao *corpus*, é mister que expliquemos quais os textos que vamos analisar.

Até agora, vimos interpretando o texto referente à Conferência proferida no IHGB em 1918 e publicada em 1938. Acrescentamos a este

1922, as comemorações do Centenário da Independência do Brasil terão um brilho notável em Nova Friburgo., conforme a

outro texto, também publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, alguns anos antes da já mencionada Conferência, intitulado **A Abolição e seus reflexos econômicos**, por considerá-lo elucidativo do pensamento do autor, por um lado, e porque afirma as mesmas idéias que já vimos analisando, podendo com vantagem serem, tais textos, tomados como um só para estudo de uma ideologia.

Os temas encontrados nos artigos de De Roure são: patriotismo; contraposição do trabalho livre ao escravo, valorizando-se sobretudo o primeiro e condenando-se o segundo, demonstrando o atraso e mesmo a estagnação trazidos pelo trabalho escravo; nesse sentido, deu como exemplo de iniciativa individual e progresso trazido pelo trabalho livre, os Estados Unidos da América; o tema do povoamento brasileiro, viciado na origem, pela escravidão de índios e africanos e pelo emprego de degredados, a escória portuguesa, remediado pelo inteligente plano de Dom João VI de povoar de “maneira certa” o solo brasileiro com mão-de-obra livre de europeus, suíços, particularmente.

Provavelmente Agenor De Roure fora influenciado pelas discussões acadêmicas acerca do caminho que deveria seguir a nação brasileira naquela conjuntura republicana. Tudo indica que este autor tenha se envolvido mais proximamente com o tema do ruralismo como

opção sugerida por alguns intelectuais e alguns políticos brasileiros daquela época. Sônia Regina de Mendonça, em importante obra intitulada *O Ruralismo Brasileiro (1888-1931)* afirma que com o advento republicano a discussão sobre a “vocação ruralista” no Brasil   retomada. Estabelece que neste período haverá uma corrente defendida por intelectuais, como o gaúcho Assis Brasil, e por políticos como o fluminense Nilo Peçanha (Presidente de Estado e Presidente da República após a morte de Afonso Penna) que apregoa a necessidade de dar ênfase em termos econômicos a uma política de valoriza o do meio rural. Assis Brasil, defensor da pequena propriedade com produ o voltada para o mercado interno, com vistas ao barateamento da produ o de alimentos e matérias primas; era defensor, igualmente, de uma moderniza o agrícola como vira ocorrer nos Estados Unidos, e não de uma tradi o que enfatizasse a economia agro-exportadora, portanto baseada na grande propriedade¹¹¹.

Envolvido com as grandes questões políticas que determinaram a situa o do Estado do Rio de Janeiro, delineada após a aboli o da escravatura e a crise cafeeira, Nilo Peçanha foi, inegavelmente, durante grande parte da Primeira República, talvez o principal político deste Estado. Ao longo de sua militância política   possível perceber, da sua

¹¹¹ S nia Regina de Mendonça *O Ruralismo brasileiro (1888-1931)*, SP, Ed. Hucitec, 1997.

obra, toda uma intenção no sentido de fazer com que o Rio de Janeiro recuperasse o papel político de primeira ordem que possuía na época do Império. Para tal, defendia a idéia da “vocação agrícola” do Brasil dando ênfase, naturalmente, ao papel do Estado do Rio de Janeiro¹¹².

Nícia Vilela Luz, em *A luta pela industrializa o no Brasil*, discute, no capítulo **O pensamento nacionalista brasileiro**, a importância do debate envolvendo industrialistas versus ruralistas na composi o do pensamento econômico brasileiro republicano. Ao referir-se ao ruralismo, destaca a importância do intelectual e político fluminense Alberto Torres, nascido em 1865, na cidade de Porto das Caixas, e participante dos movimentos abolicionista e republicano. Em sua obra podemos perceber a luta contra a explora o capitalista estrangeira, bem como a cria o de um projeto nacionalista que priorizasse o setor rural da economia. Aprofundando sua defesa do rural, afirmava que era condenável o desequilíbrio econômico e social provocado por uma política industrialista, ocorrida nos fins do século XIX. A civiliza o urbano-industrial era, para ele, extremamente artificial. O verdadeiro caminho natural para o Brasil seria a ênfase no setor rural¹¹³.

¹¹² S nia Regina de Mendonça, op. cit.

¹¹³ Nícia Vilela Luz, *A luta pela industrializa o do Brasil*, SP, Ed. Alfa mega, 1978, p. 96.

Américo Werneck, nascido em Paraíba do Sul, Rio de Janeiro, foi mais um defensor de políticas que destacassem a importância do setor rural na economia brasileira. Com base no pensamento fisiocrata contrapunha a chamada “indústria natural” à “indústria artificial”, isto é, defendia o fortalecimento da economia rural, criticando os defensores do protecionismo enquanto promotores da industrialização¹¹⁴.

A ideologia de De Roure pode ser identificada à condenação à escravidão e enaltecimento do trabalho livre, em primeiro lugar, como fator de progresso. Antiescravista, De Roure nos dois textos, mas principalmente em **A Abolição e seus reflexos econômicos**, defende que a abolição da escravidão criou a pré-condição para o crescimento econômico do Brasil na República. Outro aspecto importante de sua ideologia é a defesa do branqueamento do povo brasileiro e, por isso, do projeto de Dom João VI . Mas não se tratava apenas de estimular a vinda de europeus, mas também de artífices, de profissionais capazes de contribuir para o crescimento e desenvolvimento da cidade de Nova Friburgo e da pátria brasileira.

Em termos ideológicos, destacamos que o texto comemorativo do centenário de Nova Friburgo expressa e sistematiza a “ideologia da Suíça

¹¹⁴ Nícia Vilela Luz, op. cit., p. 85.

brasileira” e, por isso, faremos a leitura isotópica pertinente a estas redes temáticas e axiológicas. Claro está que a base teórica para este tema foi formulada pelo outro texto sobre os reflexos econômicos da abolição da escravidão.

A definição de *isotopia* feita por Algirdas Greimas é a seguinte:

*“Por isotopia, consideremos um conjunto de categorias semânticas que torna possível a leitura uniforme do relato, tal como resultado das leituras parciais dos enunciados e da resolução de suas ambigüidades, guiada pela busca de uma leitura única.”*¹¹⁵

Em outras palavras, trata-se em termos práticos, de ler os dois textos atentamente, procurando perceber, através das palavras repetidas, que são as *figuras ou palavras isotópicas*, a que tema tais palavras se reportam, (pode haver mais de um tema), e então elaborar a *rede temática* correspondente; a seguir, tentar elaborar a *rede axiológica* presente no texto, (de novo, pode haver mais de uma rede de valores), para descobrir os valores ideológicos presentes no texto. Ressalte-se que, tanto para a rede temática quanto para a axiológica, as palavras ou *figuras* nos dão a pista para reconstituirmos tais redes isotópicas. Esclarecemos ainda, já que vamos tomar os dois textos em conjunto para analisa-los em termos

¹¹⁵ A Greimas. *Du Sens. Essais Sémiotiques*, Paris, Ed. Du Seuil., p. 188. Ver também do mesmo autor e J. Courtes, *Dicionário de Semiótica*, SP, Ed. Cultrix, 1976.

isotópicos, que os identificaremos da seguinte maneira: o do Centenário como Centenário e aquele sobre aos reflexos econômicos da abolição da escravidão como Abolição.

REDE TEMÁTICA 1

ELEM. TEMÁTICOS	ELEM. FIGURATIVOS	ELEM. AXIOLÓGICOS
<p>PATRIOTISMO VERDADEIRO</p>	<p>CENTENÁRIO “festas (...)tributo de gratidão aos filhos do município. (...) inequívoca manifestação de patriotismo.” “Do amor ao torrão natal é que vem o amor à pátria.”“(…) amamos o Brasil (...) porque dentro fica o (..) berço (...) a casa.” “a pátria (...) está no meio em que (...) fomos criados, (...) ruas, paisagens, (...) rios e montanhas que nossos olhos primeiro viram.” “ O Patriotismo é uma força natural, sentimento natural, resultado de um meio natural.” “Todo homem fica irresistivelmente ligado ao cantinho onde nasceu (...) foi criado, (...) estão enterrados parentes e amigos, (...) O meio physico e o meio moral é que produzem o sentimento de amor pátrio, como o lar e o amor da família geram o sentimento de intimidade. A aldeia, villa ou cidade – logar do nascimento – é a cellula do organismo pátrio, porque ahi reside a vida do corpo nacional.”</p>	<p>Valorização do patriotismo como fruto natural de amar a terra em que se nasce e se é criado</p>

	<p>“A fundação da Colônia do Morro Queimado (...) a honra e a glória de marcar o início de um programa de povoamento inteligente e patriótico.” “(...) as festas locais têm uma significação altamente patriótica (...) não bairrista. (...) data da fundação da Colônia Suíça do Morro Queimado é mais uma data nacional do que municipal.”</p> <p>ABOLIÇÃO</p> <p>“(...) honrado (...) recinto agosto (IHGB) onde palpita a alma nacional, onde se aprende a amar a pátria, estudando a sua história e mantendo o culto das tradições”</p> <p>“[interesses dos escravocratas deveriam] ser colocados abaixo dos interesses nacionais.”</p> <p>Carlos Peixoto Filho (...) sintetizou (...) idéias (...) documento indispensável nas estantes dos patriotas (...).”</p>	
--	--	--

O tema do patriotismo é a lógica que informa o texto do Centenário. De Rouseff usa tanto no início como no fim da Conferência para justificar o seu aceite ao convite, o que originou a referida conferência, e para enaltecer a festa do centenário da cidade natal como festa nacional, ligando o amor ao lar, à comunidade em que se nasce, à pátria e ao verdadeiro patriotismo.

A rede seguinte a ser verificada é a da contraposição do trabalho livre, claramente euforizado, ao trabalho escravo, disforizado.

REDE TEMÁTICA 2

ELEM. TEMÁTICOS	ELEM. FIGURATIVOS	ELEM. AXIOLÓGICOS
<p>PÉSSIMO POVOAMENTO ORIGINAL DO BRASIL X BOM POVOAMENTO DE COLONOS EUROPEUS LIVRES</p>	<p>CENTENÁRIO “A fundação da Colônia do Morro Queimado (...) representa a primeira tentativa de execução de um plano, visando corrigir a formação ethnica da Pátria Brasileira, perturbada e viciada pelo sistema de povoamento até então seguido.” “Friburgo fora escolhida como primeiro núcleo de uma colônia inteiramente livre. (...) <u>O trabalho escravo infelicitava a nossa terra</u> (...) Era preciso que o nosso imenso território pudesse ter milhares de núcleos coloniais semelhantes ao de Morro Queimado, formados por homens livres e amigos da liberdade, para que <u>a influencia nefasta da escravidão</u> não puzesse, na formação ethnica de nosso povo uma <u>mancha inapagavel.</u>” “[difícil problema do povoamento do Brasil] a Metrópole lembrou-se do aproveitamento dos naturais do país, índios brasileiros. Deu-lhes caça, escravizou-os (...) Não sendo bastante, (...) idéia do tráfico africano: navios</p>	<p>IDEOLOGIA ANTI-ESCRAVISTA IDEOLOGIA DA SUÍÇA BRASILEIRA</p>

	<p> negreiros (...) repletos de pretos (...) roubados às tribus, escravizados (...) prisioneiros de guerra (...) miserável commercio.” “ (...) Metrópole empregou processos bárbaros e cruéis da caça dos silvícolas e dos negros roubados na África, completando a obra (...) [com] transformação da colônia em deposito de criminosos e degenerados (...) vinham degredados [para povoar colônia]” “Posteriormente, a imigração subvencionada trouxe um formidável contingente de escória européia, arrebanhada nos antros de vadiagem de toidas as grandes cidades marítimas. Foi assim que se deu inicio ao povoamento do Brasil, cuja formação ethnica (...) viciada, (...) prejudicou a criação de uma raça e a existência de uma alma brasileira.” “Dom João VI pensou em evitar o mal, corrigindo os erros e os crimes dos antepassados. Os vícios de origem do povoamento não poderiam ser facilmente apagados.” “Dom João VI (...) verificou que o futuro do Brasil (...) dependia da vinda de colonos de outras raças , desde que lhes fosse garantida a posse de terras e a instalação definitiva no paiz. (.) Agiu [Dom João] como </p>	
--	--	--

homem de bom senso, (...) injectar no organismo brasileiro depauperado e viciado pelos maus elementos predominantes no povoamento do solo, o sangue novo de colonos irlandezes, suíços e alemães.” “O fim visado pelo rei era claramente o de introduzir colonos brancos, livres.” “A nossa nacionalidade (...) embrião, com os núcleos de povoamento (...) homens comdenados, indígenas caçados e africanos escravizados, nunca poderia possuir uma alma nobre, capaz de enfrentar problemas (...) ter iniciativa, lutar e vencer, progredindo e civilizando-se. Sem o auxílio de outras raças, fortes e livres, o resultado seria (...) a perpetuação, no Brasil, dos caracteres próprios dos seus primeiros povoadores – homens sem vontade, sem liberdade e sem instrução, humilhados, escravizados e sem qualquer iniciativa. A instalação de colônias européias – suíças, alemãs, irlandesas, açorianas – (...) como queria o rei, de homens capazes, industriais e agricultores, concorreria para um mais rápido progresso do país, pela formação de uma raça forte, como (...) Estados Unidos da América do

	<p>Norte em potencia, (...) orgulho de nosso continente. (...) Para o nosso caso (...) <u>o caminho a seguir era o que Dom João VI havia adotado com a radicação de colonos irlandezes no solo do Rio Grande do Sul e a dos suíços neste valle encantador da Fazenda do Morro Queimado.</u>” “(...) Dom João VI (...) Decreto de 16 de Maio de 1818, destinou a fazenda de Morro Queimado para o assentamento de uma das colônias de Suíços que resolvera estabelecer no Brasil.” “O teor do decreto revela a preocupação de corrigir os erros do processo até então seguido para o povoamento do paiz, sendo intenção de Dom João VI criar diversas colônias de suíços (...)” “Dom João VI havia (...) iniciado o processo de colonização estrangeira, com resultados certos (...) para a formação ethnica do Brasil.(...) [decreto de 16 de maio de 1818] Dom João VI exigindo colonos que conhecessem artes e officios, (...) agricultores suíços para a cultura do trigo, linho canhamo (...) programa de intensificação da lavoura.” “A fundação da colonia suíça de Noiva Friburgo (...) grande significação (...) melhorando e apurando a raça que</p>	
--	---	--

deveria garantir o futuro do paiz.”

ABOLIÇÃO

“[Abolição veio] romper com os vícios iniciais de nossa organização política e econômica. (...) [A metrópole] recorreu ao pior systema de povoar, abandonando o caminho das pequenas concessões de terras, que fixassem famílias (...) Foi esse o vício de origem na organização de trabalho entre nós: donatarios (...) senhores feudais (...) os colonos trabalhavam como escravos e não como homens livres. (...) Veio depois a escravização dos índios (...) caçados e reduzidos ao trabalho forçado (...) triste recurso.” [Portugal] erros fataes à organização do trabalho no Brasil. (..) Solução (...) fez o progresso dos Estados Unidos da América do Norte. (..) A certeza de que a aventura lhes [aos trabalhadores livres] traria o bem estar e a tranqüilidade dava aos imigrantes a coragem precisa para as iniciativas arrojadas; ao passo que, no Brasil, os indivíduos (...) serviam a um senhor poderoso, dono de vastas extensões territoriais, dispunha discricionariamente da vida e do trabalho dos colonos.” “A fundação da Pátria Brasileira teria sido

mais rápida e assentada em bases solidas si em vez de doação das capitãneas a felizes protegidos do Throno, houvesse Portugal alicerçado a construcção econômica da colonia no trabalho livre como os Estados Unidos.” “O trabalho escravo executado por índios e Africanos sem a educação industrial necessária e sem o conhecimento (...) do progresso economico europeu não podia trazer-nos com a independência política, a emancipação econômica.” “Os decretos, alvarás e cartas régias do tempo são a prova de que o rei teve o intuito de estabelecer desde logo núcleos de população livre, com açorianos, Irlandezes, Suissos e Allemans. (...) O rei havia providenciado para que núcleos de população nacional se fundassem com a condição de para elles serem enviados apenas casaes brancos e livres.” (grifos no original). “Dom João VI havia iniciado a execução do único plano capaz de diminuir ou attenuar os terríveis effeitos do trabalho escravo. (...) O plano [de Dom João] creou colônias de estrangeiros ou nacionaes, compostas exclusivamente de homens livres, para (..) anular os o grave erro da Metrópole, encontrou

	<p>apoio em Pedro I. da Regência e de Pedro II.” (...) problema (...) em foco desde o tempo de Dom João VI, o da transformação do trabalho resultava (...) influencia nefasta exercida na formação do character nacional e da alma brasileira pelo systema de povoamento que a Metrópole adoptou.” “Os povos (..) são conduzidos (...) principalmente pelo character e a formação desse character depende da formação ethnica da nacionalidade e do meio social criado pelo povoamento.”</p>	
--	---	--

Verifica-se que um dos males do Brasil constituía-se em seu “pecado original”, um povoamento inadequado, feito por povos e indivíduos “inferiores”: degredados, negros e índios. Coube a Dom João começar a “consertar” o problema do povoamento, colocando o Brasil no caminho da modernidade européia, pela vinda dos industriais, louros filhos das montanhas suíças, capazes de trazer para os trópicos uma forma de agricultura mais avançada, implantar firmemente o regime da pequena propriedade e capazes de impulsionar a indústria. Tudo isto é justificado pela excelência do trabalho livre a que os suíços estavam acostumados. Portanto, o Brasil arcaico era o do latifúndio, monocultura

e escravidão, enquanto Nova Friburgo daria o exemplo para o país inteiro, de um novo povo, branco, europeu, trabalhando livremente a terra em pequenas propriedades¹¹⁶, ou na a indústria, no núcleo urbano.

REDE TEMÁTICA 3

ELEM. TEMÁTICOS	ELEM. FIGURATIVOS	ELEMEN. AXIOLÓGICOS
<p>TRABALHO LIVRE X TRABALHO ESCRAVO</p>	<p>CENTENÁRIO “A instalação de colônias européias – suíças, alemãs, (...) – compostas, como queria o rei, de homens capazes, industriais e agricultores, concorreria para um mais rápido progresso do país, pela formação de uma raça forte, (...) o caminho a seguir era o que Dom João VI havia adotado com a radicação de colonos irlandeses no solo do Rio Grande e a dos suíços neste Vale encantador do Morro Queimado”. “A causa do <u>retardamento</u> da <u>nossa evolução moral e econômica está (...)</u> <u>principalmente na circunstância de trabalharem todos eles</u> – portugueses, condenados, índios e africanos – <u>como escravos</u>. Dom João VI compreendeu bem esse mal quando baixou decretos vários de colonização por <u>homens livres, de cessão de terras a casas livres, a famílias</u></p>	<p>IDEOLOGIA ANTI-ESCRAVISTA IDEOLOGIA DA SUÍÇA BRASILEIRA</p>

¹¹⁶ A base ideológica de De Roure era Alberto Torres, especialmente sua obra *O Nacionalismo Brasileiro*, 1914.

	<p><u>irlandezas, suissas,</u> allemans e açorianas” [Centenário] “ (...) História da fundação da colônia. (...) História de Friburgo – pontos que mais acentuam a evolução rápida desse núcleo inteligente e operoso de estrangeiros (...) progresso local (...) rápido (...) <u>resultado do trabalho livre e do esforço</u> de quem sabia que numa terra de escravos poderia colher pessoalmente o fructo do seu trabalho, adquirindo bens e conquistando conforto (...)” Á similhaça do Brasil inteiro, <u>o trabalho escravo invadiu mais tarde as propriedades ruraes de nosso município, estragando a obra fecunda dos bravos Suissos, que de tão longe tinham vindo implantar, no Valle do Bengala, a civilização européia e a liberdade no trabalho</u>”. “ (...) a 16 de Maio de 1918 o rei Dom João VI tinha lançado a primeira pedra para os alicerces de uma <u>Pátria nova, feita de liberdade</u> e constituída moralmente sobre as bases da doutrina christã e dos <u>princípios de humanidade abolidos do resto do Brasil</u>”. “Numa terra de trabalho escravo, a fundação de colônias livres valia pela construcção de uma Pátria também livre, garantindo a independência da vida</p>	
--	--	--

familiar, garantindo o lar.”

ABOLIÇÃO

“A fundação da Patria Brasileira teria sido mais rápida e assentaria desde logo em bases sólidas, si em vez da doação das capitâneas a felizes protegidos do Throno, houvesse Portugal alicerçado a construcção econômica da colônia no trabalho livre, na fácil conquista de lotes de terra, na entrada de colonos estrangeiros, que para aqui viessem e se installassem livremente como nos Estados Unidos ...” “O trabalho escravo, matando a iniciativa, tornava inútil qualquer esforço individual pelo nenhum lucro dahi resultante, pois que as vantagens seriam dos senhores, algozes da raça victimada. O trabalho escravo executado por Indios e Africanos sem a educação industrial necessária e sem o conhecimento, mesmo superficial, do progresso economico europeu, não podia trazer-nos com a independência política a emancipação econômica” “Dom João VI viu o mal e procurou dar-lhe remédio com a criação das colônias européias, (...) exigência de vinda de homens affeitos às artes e aos officios, à agricultura e ao commercio.” “O rei havia providenciado para que núcleos de população

	<p>nacional se fundassem com a condição de para elles serem enviados apenas casas brancos e livres.” (no original) “Está reconhecido e provado que do simples facto da <u>abolição do tráfico, continuando o trabalho escravo,resultou progresso econômico (...)</u>”A Lei Áurea (...) abençoada, (...) Não se desorganiza sinão o que está organizado, e nós não tínhamos trabalho organizado, porque só tínhamos o trabalho forçado (...) <u>O progresso econômico do Brasil Republicano não é sinão uma consequência lógica da lei de 13 de Maio de 1888.</u>” “O plano, que Dom João VI começou a executar quando creou colônias de estrangeiros ou nacionaes, compostas exclusivamente de homens livres,para aos poucos destruir ou inutilizar grave erro da metrópole, encontrou apoio no governo de Dom Pedro I, da Regência e de Pedro II. (...) Pedro II não se cansava de pedir a introdução de ‘braços livres’ como remédio ao mal tremendo.” “Da situação creada pela Lei Áurea (...) resultou o novo regime do qual devia provir a “regeneração e o aumento das industrias” (grifo no original, citação de Alberto Torres em Abolição) “A Abolição,</p>	
--	--	--

	<p>pois, fez o progresso do Brasil.” “Foi o trabalho escravo que entrou a ação evolutiva do problema econômico. O trabalho livre duplicou o valor da produção no quinquênio seguinte a sua decretação, e seu valor está hoje quintuplicado.” “Só o trabalho livre pode vencer e dar prazer, pelo interesse que desperta e pela certeza de que os frutos colhidos não irão aproveitar exclusivamente aos exploradores do esforço alheio”. “O prazer de lutar para viver, ou de viver lutando, e a imensa satisfação de trabalhar para viver com liberdade e com honra, encham de alegria sadia e nobre as casinhas isoladas nas grotas e nas colinas, em substituição das senzalas alinhadas em volta dos terreiros das fazendas!”</p>	
--	---	--

Percebemos que Agenor De Roure, primeiro sistematizador da “ideologia da Suíça brasileira”, evocou em dois discursos as bases do pensamento anti-escravista, proselitista em relação aos benefícios advindos da difusão da propriedade privada, demonstrando que, se a origem de nossa nação é viciada, tanto pelo povoamento “errado” de degredados, africanos e índios, quanto pelo regime econômico perverso, porque baseado no trabalho forçado de africanos, cabe aplicar-lhe o

“remédio” da abolição da escravidão e da introdução do trabalho livre de “europeus industriais”, como os suíços da colônia de Morro Queimado, a futura e progressista vila de Nova Friburgo. Daí os louvores, nos dois textos, a Dom João VI e sua antevisão iluminada do Brasil.

Resumindo, De Roure toma Nova Friburgo como exemplo para propaganda de suas idéias caracterizadas pelo elogio à pequena propriedade tocada pelo trabalho livre de colonos europeus. Por tudo isso, Nova Friburgo é a própria Pátria, livre, - (embora as contradições de contar, esta colônia suíça, com trabalho escravo, apareçam em seus textos) – industriosa, e progressista, verdadeira célula da nação republicana.

3 – GALDINO DO VALLE FILHO: AS LENDAS E AS LEGENDAS DE FRIBURGO

Outro importante ideólogo da “Suíça Brasileira” foi Galdino do Valle Filho, mencionado anteriormente como incontestado defensor dos capitalistas alemães, patrocinadores da grande indústria em Nova Friburgo.

Nascido em 1879, no município de São Francisco de Paula, hoje Trajano de Moraes, filho do médico e proprietário rural Galdino Antônio do Valle. Aos dez anos de idade, mudou-se para Nova Friburgo, onde fez

seus estudos principais no Colégio Anchieta. Em 1897, mudou-se para o Rio de Janeiro para cursar Medicina na Escola de Medicina do Rio de Janeiro. Formado em 1902, e já casado com Evangelina de Moraes Veiga, filha de proprietários rurais do município de Duas Barras, mudou-se para Mirai, dando início ao exercício da profissão de médico. Após o nascimento da filha, regressa a Nova Friburgo, começando sua clínica médica nesta cidade e, ao mesmo tempo, iniciando-se na carreira política que só terminará bem mais tarde, com sua morte em 1961.

Foi sucessivamente vereador, Presidente da Câmara Municipal de Nova Friburgo, Deputado Estadual, Prefeito de Nova Friburgo, e Deputado Federal. No decorrer da Primeira República, Galdino do Valle construiu sua sólida carreira de médico e de político, já que fora ele o principal defensor do projeto de industrialização efetivado em Nova Friburgo a partir da criação da indústria têxtil nessa cidade. Galdino do Valle, por outro lado, apresentava-se como um político fortemente envolvido nos debates políticos estaduais e nacionais. Seu posicionamento a favor da industrialização como fator de progresso e de modernização da cidade situava-se numa discussão acerca da disputa política no Estado do Rio de Janeiro e do país. No Rio de Janeiro, ele seguia a corrente liderada por Oliveira Botelho, principalmente, opondo-se a Nilo Peçanha.

Como médico, foi um dos criadores da Faculdade Fluminense de Medicina em 1929, quando tornou-se, também, professor da Cadeira de Clínica Médica. Em 1930, posicionou-se contrariamente ao movimento de 30, liderado por Vargas, assumindo posição clara em defesa de Washington Luiz. Por isso mesmo, os anos que se seguiram, e que compreendem o longo período varguista, significaram ostracismo político, auto-exílio em Portugal, e alguns momentos de prisão na cidade do Rio de Janeiro. O fim do período Vargas significou, para Galdino, a retomada da carreira política, quando sua posição liberal torna-se mais claramente definida, caracterizando-se por ser ele um importante nome da União Democrática Nacional (UDN) no Estado do Rio e o principal líder deste partido em Nova Friburgo.

Ao morrer, em 1961, deixou um legado político relevante para a cidade de Nova Friburgo: o pensamento liberal consolidado através de lideranças importantes como a de César Guinle, Heródoto Bento de Mello; e encontrava-se consolidada, principalmente, a “ideologia da Suíça brasileira”, da qual foi um dos principais sistematizadores¹¹⁷.

Em proximidade a Agenor De Roure, também acreditava nas características helvéticas como constituidoras da base do povo que

¹¹⁷ Afrânio Veiga do Valle, “**Galdino do Valle Filho: síntese biográfica**” in Galdino do Valle Filho, *Presidiárias e outras poesias. Obras Póstumas*. Niterói, Clube de Literatura Cromos, 2002. Ver também a dissertação de Mestrado de Elizabeth Vieiralves Castro. *Nova Friburgo: Medicina, Poder Político e História – 1947-1977*, Rio de Janeiro, UERJ, 2001.

habitava o município friburguense. Entretanto, politicamente, afastava-se do pensamento essencialmente ruralista de De Roure para se tornar um defensor da indústria como fator de modernização da cidade e, em especial, quando associada a investimentos de grupos alemães. A idéia de uma “Suíça brasileira”, moderna e desenvolvida, à base de financiamentos de indivíduos de origem germânica, fica bastante evidente nos artigos do jornal *A PAZ* assinados por ele.

Tudo indica que Galdino do Valle fora influenciado pelas discussões dos grandes projetos que visavam a construção da nação brasileira nos primórdios do período republicano. Ao falar do pensamento nacionalista brasileiro, Nícia Vilela Luz descreve o momento inicial da República quando despontavam alguns empresários e intelectuais que defendiam a necessidade do estabelecimento de um Estado que facilitasse o desenvolvimento industrial brasileiro. O mineiro Antônio Felício dos Santos, o potiguar Amaro Cavalcanti e o paraense Inocêncio Serzedelo Corrêa, destacaram-se por proporem um protecionismo alfandegário, visando a criação de uma indústria no Brasil¹¹⁸. E evidente que o protecionismo proposto não se casava com os princípios do liberalismo da época. Entretanto, a idéia inicial de uma indústria como indutora do progresso nacional certamente fora

¹¹⁸ Nícia Vilela Luz, op. cit., pp. 67-101.

apreendida por Galdino, e aplicada a Nova Friburgo. Ao apresentarmos sua postura como tipicamente liberal o fazemos a partir de um processo longo em sua vida, e que aparece plenamente definido a partir de 1945, quando torna-se um incontestado defensor da indústria e da livre iniciativa. O texto abaixo é um ótimo exemplo da importância conferida à indústria por este médico e político:

“Enquanto lugares em tempo algum reuniram os elementos de beleza e salubridade em que é pródiga a nossa terra, despertam, desenvolvem-se, e prosperam, graças ao impulso recebido pelas empresas industriais, que pra lá correm atraídas pelas franquias e vantagens, prodigalizadas pelas municipalidades, secundadas pela população, Friburgo, a bela Friburgo, o valle encantador onde a primavera é constante, arrasta-se atrofiada por tantos anos de inércia.”¹¹⁹

Nos momentos que antecederam a criação da indústria, o artigo de Galdino do Valle, supra, é uma evidência de seu pensamento que via nela a possibilidade de retirar Nova Friburgo daquilo que chamou atrofiamento “*por tantos anos de inércia*”. Ao finalizar este artigo, o autor faz uma veemente solicitação:

“Apellamos para um iconoclasta, viesse de onde viesse, que destruisse os ídolos e abrisse para esta terra uma era de progresso e felicidade, que tivesse como base sólida, indestrutível, o trabalho e a indústria.”¹²⁰

¹¹⁹ Galdino do Valle Filho, *Jornal A PAZ*, no. 153, 29/1/1911, Pró-Memória da P.M.N.F.

¹²⁰ *Idem*, *ibidem*.

Mais tarde, após seu afastamento da política, por ocasião do governo Vargas, Galdino retoma o discurso que o aproximava de Agenor, glorificando as origens helvéticas de Nova Friburgo.

“Aos compatriotas de Guilherme Tell, a nossa gratidão secular, pela contribuição do sangue que é o nosso sangue, plasma que cristalizou e robusteceu a nossa raça, exemplo que moldou as nossas atitudes e inspirou nossos anceios, gratidão eterna e incorruptível pelo ensino que perdura , não se dissipará jamais, do culto à Liberdade e de amor à democracia!

Se nos fosse dado ainda hoje escolher no mundo conturbado de nossos dias uma raça para modelo e paradigma de nossos destinos, tenho a firme convicção que voltaria para a velha Suíça a nossa preferência unânime e entusiasta”.

Percebe-se neste texto, publicado no ano de 1948, isto é, já numa fase madura do médico-político, a permanência de uma postura que mistura a devoção às origens suíças do povo friburguense com uma visão de “raça e sangue” possivelmente originária de um olhar do médico. No entanto, fica claro um posicionamento de glorificação das origens helvéticas de Nova Friburgo, ponto fundamental na construção do mito.

Em 1928, Galdino publicara o livro *Lendas e Legendas de Friburgo*¹²¹, que consideramos mais um fato que se soma ao processo de construção do mito da “Suíça Brasileira”.

¹²¹ Galdino do Valle Filho. *Lendas e Legendas de Friburgo*. Rio de Janeiro: Oficinas Graphicas A Pernambucana, 1928.

Trata-se de um livro de tamanho reduzido, de formato dezessete por doze, o que nos parece ideal para facilitar sua divulgação. Logo de início, devemos considerar que ao visualizarmos a capa (fig.3)

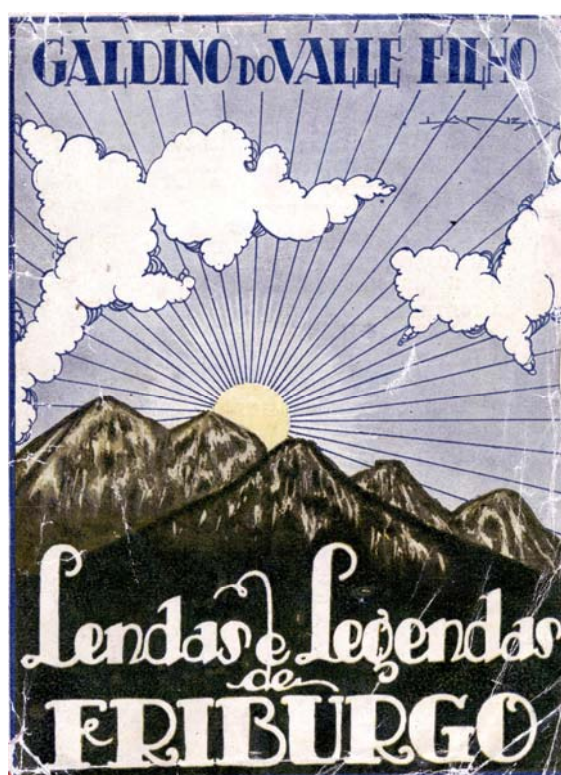


fig. 3

temos noção do seu caráter ideológico. Ao alto está escrito o nome do autor e na extremidade oposta o título da obra. Na parte superior, está desenhado um céu azul, com poucas nuvens brancas,

emoldurando um sol radioso entrevisto por trás das montanhas. Na parte debaixo do desenho situam-se grandes montanhas esverdeadas, salpicadas, ou talvez manchadas, de branco, que podem sugerir reflexos da luz solar ou flocos de neve como acontece nos Alpes suíços. Sem dúvida, acreditamos tratar-se de uma inequívoca tentativa de construção de uma representação natural do que se denominou “Suíça brasileira”.

O livro contém cento e oitenta e três páginas e uma divisão em vinte e cinco pequenos capítulos. Logo após a folha de rosto, encontra-se uma página contendo o retrato do autor, e na página seguinte encontramos a seguinte dedicatória:

“A MEUS FILHOS

Para que não esqueçam nunca a beleza dessas serras e o perfume dessas matas; o encanto lendário dos homens e das cousas desta terra em que nasceram ou se criaram; onde vivemos os dias mais felizes da existência; onde cultivamos a flor de nossas melhores amizades, e em que repousam os entes mais caros de nossa família; onde dorme o sono eterno a santa criatura que foi sua Mãe, e em que espero um dia merecer a graça de repousar para sempre”

Percebe-se já nesse início a clara intenção de realçar as belezas naturais que jamais deverão cair no esquecimento, assim como os entes queridos ali sepultados. Na página seguinte, vê-se a colocação de três epígrafes do livro: ao alto, uma frase em francês de Victor Hugo; abaixo,

uma frase de Machado de Assis; e, no centro, um trecho atribuído a E. P.

Roquete Pinto:

*“La fiction parfois, la falsification jamais” V. H. –
La Légende de Siècle*

*“E se nós, brasileiros, de origem vária, porém já
nacionalizados, não fizermos a propaganda das puras
tradições do Brasil, para que esses moços as conheçam,
as respeitem, as estimem e as abracem, quem velará pela
sorte desse patrimônio moral?” Roquette Pinto*

*“A imaginação torna presentes os dias passados.”
Machado de Assis*

Revela-se nestes textos o caráter moralista e o sentido conservador da obra em questão e, por que não, do pensamento de Galdino do Valle. O livro, pelas epígrafes escolhidas, teria o papel de deixar aos jovens o registro das “verdadeiras” tradições nacionais. Quando falamos em conservadorismo, referimo-nos à idéia de um passado que não cessa, que penetra o presente até anulá-lo, como dá a entender a frase de Machado. A sua intenção ao escrever o livro foi, talvez, a de valorizar as tradições, algumas tradições, possivelmente o passado suíço da cidade de Nova Friburgo, e transmitir o apego a estas aos jovens. Por outro lado, ele demonstra, através da epígrafe de Victor Hugo, o desejo de jamais falsificar a verdade, o que não é contraditório

com a escrita de ficção. A literatura é, ou pode ser, o domínio da ficção, falsificação jamais.

O prefácio, logo a seguir, assinado pelo deputado fluminense Joaquim de Mello, curiosamente intitulado “Palavras Inúteis”, é bastante interessante por inserir a obra num momento da conjuntura política estadual definida por um perfeito alinhamento do deputado friburguense Galdino com o governo do Presidente Feliciano Sodré. O autor lembra, ainda, a conjuntura anterior quando, em 1916, o Presidente Nilo Peçanha praticara um “golpe” intervindo diretamente na política municipal através da nomeação de interventores, que afastava o grupo galdinista do poder em Nova Friburgo.

Em seguida, estão dispostos os vinte e cinco capítulos, entremeados de fotografias tecnicamente de grande qualidade e retratando cenas variadas como: natureza, vista panorâmica, cascatas, cheias do rio Bengalas, personalidades do passado, etc. Aparentemente, os textos e as fotografias podem sugerir certa desordem e alguma incoerência. Um olhar mais atento, entretanto, permite-nos ligar os vários temas constantes na obra às bases ideológicas que sustentam as representações do mito da Suíça brasileira. Estão presentes os seguintes temas: a) natureza pródiga e bela; b) a visão e o papel providencial de

Dom João VI; c) o empreendedorismo e a postura de liberdade dos colonos suíços; d) o catolicismo.

Quanto à natureza, vejamos a seguinte passagem:

Oriundo da convergência no coração da cidade, dos rios confluentes de Santo Antônio e do Cônego, que se despenham tumultuosos ou murmurantes das serras protetoras em que se formam simbolizam para logo, na simplicidade ingênua desse acidente geográfico, a fusão homóloga do sangue dos suíços com o da gente autóctone da mescla brasileira.”¹²²

Ainda sobre o papel da natureza em Nova Friburgo anotamos a seguinte passagem:

“Se é exata a profecia de Ferrero, de que o futuro será dos países ricos em quedas d’água, o Município de Friburgo tem nas suas cascatas a garantia estável de uma imensa riqueza, de um capital imenso a render juros.”¹²³

Não se trata, portanto, apenas de natureza bela, mas pródiga, a sustentar a riqueza do município, a servir de base para sua industrialização pelo potencial hidrelétrico propiciado por suas cascatas, mencionado neste capítulo.

A visão profética e providencialista de Dom João VI fica clara na passagem abaixo. É um dos eixos da “ideologia da Suíça brasileira” o tema da visão de Dom João ao criar uma alternativa à dupla constituída por monocultura e escravidão; ele teria

¹²² Galdino do Valle Filho, *Lendas e Legendas de Friburgo*, op. cit., pp. 32-3.

propiciado, com a vinda dos suíços, uma nova possibilidade histórica pela implantação da pequena propriedade tocada pelo trabalho livre do europeu não lusitano.

“A imigração suíça que num raio luminoso de intuição profética, tinha Dom João VI encaminhado para a então colônia do Morro Queimado, dava à população local uma nota particular e certo perfume de civilização européia. O elemento feminino, que ameniza as mais árduas situações da vida, alli se apresentava com os tons louros que contrastavam as características de nossa gente, atrahindo e seduzindo com o prestígio da novidade.” (Grifos meus¹²⁴)

Observa-se nesta passagem a apropriação de um discurso mais antigo, presente nos jornais locais, sobre “os louros filhos da mata”, os trópicos europeizados do alto da Serra dos Órgãos. Há uma concordância de ponto de vista, pois Galdino também cita Agenor de Roure, quando menciona a “visão profética” de Dom João é todo o programa de colonização européia em pequenas propriedades que o Autor enaltece.

A idéia de povoamento salutar também fica consignada no texto de Valle Filho. Para este médico-autor as características do povoamento de Friburgo, bem como a excelência do clima, são assuntos relevantes¹²⁵. No capítulo intitulado **Verde Velhice** nosso Autor começa afirmando ser o clima temperado ruim para os velhos, a exceção seria Nova Friburgo,

¹²³ Idem, ibidem, p.39.

¹²⁴ Idem, ibidem, p. 28.

cidade propiciadora da longevidade da população. Veja-se o trecho abaixo:

“Verifica-se, entretanto, que na ‘Suíça Brasileira’, são os velhos suíços que mais freqüentemente atingiram a idade centenária. Sóbrios em regra, só o tempo os envelhece; trabalhadores methodicos e tenazes, elles se cream um vigor physico que tão somente o habito do exercício corporal pôde conferir e manter. Com uma extraordinária capacidade vital, é claro que a estadia nos climas altos e tonificantes a que se acostumam, ser-lhes-á antes propicia que prejudicial. (...) O suíço é assim como planta da montanha que degenera na planície. Edelweiss que só vive na neve¹²⁶.

Um dos capítulos mais interessantes deste livro é o referente às **Amas do Imperador**. Galdino do Valle narra um episódio protagonizado por Dona Maria Marquis Thurler, colona suíça, levada para a Corte para ser ama-de-leite do futuro imperador Pedro II. Galdino informa que foram, na verdade, duas as amas-de-leite do imperador, provindas da colônia suíça, Maria Marquis Thurler e Catarina Equey. A justificativa para abordar o tema aparece na página 104, quando o Autor, após traçar o perfil de Pedro II, fala na importância para a formação do seu caráter, da presença das duas amas suíças, alegando a existência de um elo entre a

¹²⁵ Ver o capítulo 2 da Dissertação de Mestrado de Elizabeth Vieiralves Castro, intitulada *Nova Friburgo: Medicina, Poder Político e História. 1947-1977*, RJ: Dep. P. G. História, UERJ, 2001.

¹²⁶ Galdino do Valle Filho, op. cit., pp. 72-3. O Autor cita como exemplo de longevidade a Madame Mariana Salusse.

“*physiologia*” e a formação de “*uma vida preciosa*”, chamando a ama-de-leite de “segunda mãe”.

“É que a mulher escolhida para ‘ama de leite’ de Dom Pedro II foi uma colona suíça das que fundaram Friburgo, a Senhora Maria Marquis Thurler, esposa de Antonio Prothasio Thurler, troncos que são de uma numerosa família de brasileiros, dos mais operosos e mais dignos que resultaram da imigração suíça de 1818”¹²⁷.

Outro exemplo interessante da ligação que Galdino faz entre Nova Friburgo e o Brasil, a exemplo de De Roure, pode-se observar quando ele narra ser o café javanês, plantado no Amparo, a espécie utilizada em São Paulo e que fazia a riqueza do país, ao tempo da escrita desse livro. Ao narrar, ele, mais uma vez, destaca as qualidades de iniciativa e arrojo dos colonos suíços. Segundo seu relato, foi um fazendeiro do Amparo, de origem suíça, Jorge Gripp, “*homem arguto e de arrojadas iniciativas*”, que trouxe uma muda de nova espécie de café, da localidade de Macaé, e que se deu muito bem no solo de Amparo. Segundo Galdino, ele presenteou várias mudas ao Conde de Friburgo, dono da fazenda do Gavião, que se alastraram em Cantagalo e por toda a Província: “*Na realidade, outra não é a variedade, quase exclusiva, que*

¹²⁷ Id., *ibid.*, p. 108.

a seguir se difundiu por todo S. Paulo, onde hoje faz com a sua excepcional opulência, a maior riqueza do Brasil”¹²⁸.

O mito da “Suíça brasileira” está, como se pode observar, difuso por todo o livro, mas o capítulo que agora passamos a analisar é muito significativo no sentido de sistematizar este mito. Intitulado **O Senado da Câmara**, o texto consiste em narrar os arroubos de autonomia local da Câmara da vila, que se auto-intitulou Senado, causando o desgosto do Rei Dom João, que a obrigou a adotar o título de Câmara. Neste sentido, fez o elogio da Conferência de De Roure, proferida em 1918, por ocasião do Centenário da cidade, onde o episódio é narrado, o que demonstra a filiação ideológica de Galdino ao liberalismo de Agenor De Roure. O objetivo é afirmar as origens remotas do apreço dos suíços à liberdade. Veja-se a seguinte passagem:

“A preferência mesmo de gente suíça para a primeira colônia, não deixa dúvidas quanto às intenções do Monarcha (...) de fundar a título de experiência, uma pátria de liberdade em meio á vastidão da vassalagem nacional. Com esse objetivo, era bem para a Confederação Helvetica que teria de dirigir as vistas , ella que, desde 1307, com a barreira de Guilherme Tell, foi sempre a resistência contra a tyrannia” ¹²⁹

¹²⁸ Id., ibid., pp. 116-7.

¹²⁹ Id., ibid., p. 122.

Finalmente, outro elemento desta ideologia é o catolicismo. Nosso autor se refere à religiosidade popular em termos muito interessantes, como os trechos abaixo transcritos deixam transparecer:

“Se se verifica o aniversário de uma pessoa de destaque, o patriarca de uma família numerosa, é das praxes rigorosas que logo pela manhã as festas comecem pela audição à missa, a que comparece nas suas roupagens mais solene e endomingadas, toda uma vasta parentela sendo prova de particular consideração, fazer-se cada qual acompanhar do maior número de filhos, indisciplinados e chorões.(...) Tem o seu santo padroeiro que anualmente recebe a homenagem festiva da população: são as festas religiosas, que em essência (...) pouco variam. Há santos particularmente festivos e barulhentos: são os que se comemoram no mês de junho: Santo Antônio, São João e São Pedro. Em Friburgo, três igrejas se erigiram para a invocação e o culto de cada um: Sto. Antônio, na capela do Suspiro; São João, padroeiro da cidade, na matriz da Praça 15 de Novembro; e S. Pedro, a mais recente, na capela das Duas Pedras.”¹³⁰

Outros capítulos constituem uma propaganda dos bons serviços que a cidade oferecia àqueles que a visitavam, tais como: os hotéis, os colégios, as bandas de música. Efetivamente, Nova Friburgo se apresentava também, de acordo com este autor, além de cidade industrial, de origem européia, como cidade hospitaleira, que sabia receber e encantar os visitantes.

¹³⁰ Id., *ibid.*, pp. 93-96.

Resumamos as questões que vimos levantando até aqui. Agenor De Roure sistematizou pela primeira vez os traços do que vimos chamando nesta tese de “ideologia da Suíça Brasileira”: Nova Friburgo é moderna e progressista porque suas elites, a exemplo do Rei Dom João e dos imperadores, insistiram em criar um modelo de cidade diferente, baseada no trabalho livre de europeus inteligentes e trabalhadores. Galdino do Valle segue-lhe em tudo os pontos de vista, enfatizando as questões das belezas naturais, do povoamento suíço, do caráter cristão do seu povo, do trabalho livre e da pequena propriedade. Este último ponto, tão caro aos dois ideólogos que analisamos, fica consignado no capítulo intitulado **Os Nobres de Friburgo**. Nele, Galdino do Valle relembra a grande obra de Dom João VI ao criar a colônia frisando, desta vez, a questão da pequena propriedade, contrapondo-a ao latifúndio originado na doação de sesmarias.

“Foi elle o seu fundador, material e moralmente falando, [Dom João]porque, colonizando o Morro Queimado pela forma porque o fez, da divisão em pequenos lotes, plasmou o caráter de sua gente, á imagem e semelhança do povo suíço. Ainda hoje é o systema que vigora, não existindo o mal dos grandes latifúndios, nem se conhecendo as grandes fazendas do typo feudal¹³¹

¹³¹ Id., ibid., pp. 129-30.

Ou seja, para Galdino, assim como para De Roure, o futuro econômico do Brasil deveria espelhar os países da Europa: a pequena propriedade rural cercando as cidades industrializadas, e o trabalho livre do branco por toda parte, no campo e na cidade.

O discurso da “Suíça brasileira”, surgido nos fins do século XIX e sistematizado por Agenor De Roure, foi posteriormente, assumido por outros intelectuais locais como Galdino do Valle Filho, Pedro Cúrio, como também por lideranças políticas que, ou o assumiram integralmente ou o modernizaram, alterando-o sem perder a essência. De “Suíça brasileira”, Nova Friburgo tornou-se o “Paraíso Capitalista”, nos fins do século XX, nova versão do mito construído a partir do discurso de Agenor De Roure.

Mas o mito da “Suíça brasileira” não poderia ficar consignado em textos, somente, mas deveria ser introjetado, assumido pela população friburguense. Um meio muito eficaz de perpetuação de mitos que se querem fixar como verdades históricas é ritualizar a sua transmissão. Em Nova Friburgo não foi diferente. No próximo capítulo, abordaremos a Festa do Centenário e os festejos de Maio de 1954 e 1956 como meio de as elites friburguenses divulgarem e consolidarem o “Mito da Suíça Brasileira.”

CAPÍTULO 4

A CONSOLIDAÇÃO DO MITO: FESTAS E COMEMORAÇÕES

*A noite do centenário
Da chegada dos suíços
É noite maior na gente.
Sentir que lá fora estão
Se divertindo fagueiros
Que há risos, beijos, cerveja
E não sei mais que delícias
E eu aqui me torturando
Com tábua de logaritmos...
Vão pro inferno os centenários!*

Carlos Drummond de Andrade – **O Colegial e a Cidade**

“FESTAS DA ORDEM”

O presente capítulo tem por objetivo analisar as festas comemorativas do aniversário de Nova Friburgo, onde seguramente o mito da “Suíça Brasileira” era constantemente trabalhado pelos grupos organizadores desses eventos. Por ocasião das festas é possível constatar um reforço dos elementos constitutivos do mito, verificados quando percebemos que as festas, embora acontecidas em diferentes anos, mantêm características ritualísticas semelhantes.

Os festejos promovidos e organizados pelo poder público municipal podem ser considerados conforme conceito elaborado pelo antropólogo Roberto da Matta, como “festas da ordem”¹³². Nestas festas, percebe-se o papel condutor e organizador das elites políticas ou econômicas que funcionam como agentes condutores de todo o processo.

De outro lado, cabe ao povo a participação apenas passiva, considerando a manutenção de uma hierarquia previamente existente:

*“ Nas festas da ordem, ou seja, das formalidades sociais, em que se celebram as relações sociais tal como elas operam no mundo diário, as diferenças são mantidas. Aqui, ao contrário do carnaval, o que se está celebrando é a própria ordem social, com suas diferenças e gradações, seus poderes e hierarquias. Não se deseja virar o mundo de pernas para o ar, colocando-o de cabeça para baixo, mas o que se pretende é precisamente celebrar o mundo tal como ele é no cotidiano.”*¹³³

Com a intenção de contribuir para uma melhor conceituação das festas da ordem, e usando o método comparativo, Da Matta continua: *“Daí porque, em outro lugar (no meu livro “Carnavais , malandros e heróis”) chamei ao carnavais de “ritos de inversão” e os festivais da ordem de “ritos de reforço”.* Nossa idéia era salientar essas propriedades estruturais de um e outro momento solene: o carnaval promovendo a igualdade e a supressão de fronteiras, e as festas cívicas e religiosas promovendo a sua glorificação e manutenção.¹³⁴

As comemorações do aniversário de Nova Friburgo situam-se, naturalmente, no campo das festas da ordem e, portanto, realizando ritos de reforço. Trata-se ainda de festas cívicas, promovidas e organizadas

¹³² Roberto da Mata, “As Festas da Ordem” in *O Que Faz o Brasil, Brasil?*. Rio de Janeiro, Rocco, 1991, p.81-91.

¹³³ Idem p.82

pelos dirigentes políticos do município, mas também, no decorrer desses festejos, as instituições religiosas (leia-se Igreja Católica e Igreja Luterana) se fazem presentes. É preciso esclarecer que cerimônias cívicas tais como discursos, palestras, paradas, aconteciam juntamente com missas, cultos, etc. A participação popular quase sempre se fazia de forma passiva, isto é, o povo acorria aos eventos para aplaudir ou como participante de alguma atividade esportiva, constante nos calendários dos festejos.

Trabalharemos três momentos distantes no tempo, porém semelhantes no que concerne à organização dos eventos contidos em sua realização: A Festa do Centenário de Nova Friburgo, em maio 1918, e as duas festas de aniversário da cidade realizadas em maio de 1954 e em maio de 1956. Todas elas, embora ocorridas em momentos distintos, mantêm características comuns, típicas das festas da ordem:

“Nas festas da ordem, a ênfase é sempre colocada na ordem, na regularidade, na repetição, na marcha ordeira, no cântico cadenciado, no controle do corpo, que, repito, remete à idéia de sacrifício e disciplina, esses dois ingredientes básicos da promessa. Aqui o mundo é englobado e apresentado pelas posições sociais que a sociedade considera importante. Seu foco é na autoridade: De Deus, Pátria, Saúde, Educação e Instrução.”¹³⁵

¹³⁴ Idem, ibidem

¹³⁵ Idem, p.85.

O que desejamos, pois, comprovar neste capítulo é que, em Nova Friburgo, as festas da ordem, realizadas em momentos específicos de sua história política, constituem inegavelmente momentos de celebração cívico-religiosa do aniversário do município. A programação dos Festejos de Maio, aniversário da fundação da cidade, comemorava a criação da cidade branca, européia e industrial, sem esquecer, no entanto, a importância do setor agrícola da cidade, dos proprietários rurais, como a coroação da Rainha da Lavoura Fluminense atesta. Mais do que isso, estas festas serviram também como instrumento de consolidação do que chamamos o mito da “Suíça Brasileira”.

Assim, a Festa do Centenário, realizada em 1918, procurou ressaltar as origens suíças do município, glorificando os primeiros colonizadores. Estudaremos a sua programação, da qual alguns eventos, como o discurso de Agenor de Roure, já foram mencionados anteriormente, com vistas a perceber como esta se prestou a consolidar o mito da Suíça brasileira.

Os Festejos de Maio passaram a ser realizados regularmente a partir do ano de 1947, estendendo-se tal comemoração até os nossos dias sem interrupção. Em seu retorno, esta celebração visava reforçar o mito

da “Suíça brasileira”, como se pode comprovar pela descrição do jornal A VOZ DA SERRA:

“[Os festejos] tiveram o condão de reavivar nos friburguenses, a lembrança dos intrépidos colonizadores suíços, que em 1818, vieram povoar as férteis terras do “Morro Queimado”, ficando nestas paragens o marco inicial de uma cidade que é hoje a mais bela do Brasil, e uma das mais importantes do Estado do Rio .”¹³⁶

A programação dos Festejos de Maio, deste ano de 1947, incluía uma missa campal, desfile escolar e, à noite, uma sessão solene na Rádio Sociedade de Friburgo, com a presença de autoridades – o Presidente da Associação Comercial, um representante dos estudantes, uma professora, Maria José Braga, pelo magistério friburguense, Nelson Kemp, organizador dos festejos, diretor do Movimento Pró-Friburgo - e música da Banda Euterpe Friburguense. Este padrão modificou-se nos anos cinquenta, e novas atividades foram incluídas, como concursos da Rainha da Lavoura Friburguense, que concorreria com outras candidatas do Estado do Rio ao título de Rainha da Lavoura Fluminense, coroada na praça de Friburgo por uma figura importante da política estadual ou federal; exposição de flores e frutas; exposição de pinturas; competições esportivas. De qualquer modo, as “festas da ordem” em Friburgo uniram

¹³⁶ Jornal A VOZ DA SERRA,, de 25/5/1947, p. 1

o religioso – através da missa do dia do trabalhador, que abria o mês de Maio – o cívico, pela glorificação das autoridades públicas, federais, estaduais e municipais, e a rua, porque a participação popular maciça era imprescindível, embora tal participação, como já apontamos, fosse a de assistência passiva e de molde a aplaudir autoridades e participantes do centro das festas.

Da Matta ressalta que as festas da ordem patrocinadas pelo Estado são mais “legitimadoras do que comemorativas”¹³⁷. São celebrações da fundação de algo, uma nação, (no nosso caso, uma cidade), e por isso são

“eventos paradigmáticos que justificam a importância da data. Aqui estamos diante de um rito de calendário coletivo, um aniversário (e uma formatura) nacional.(...) É também carnaval libertador, cerimonial instaurador e inaugurador. É solenidade profana ligada ao poder e à vontade dos homens, e igualmente rito sagrado onde se agradece a ajuda de Deus pelo desfecho favorável de um movimento de ruptura que geralmente é marcado pela violência.”¹³⁸

As duas festas escolhidas, a de 1954 e a de 1956, trazem um reforço especial no que tange à divulgação da ideologia da “Suíça brasileira”. A primeira tenta mostrar Nova Friburgo como capital

¹³⁷ R. da Matta, op. cit., p.a 91.

brasileira naqueles dias, pois a seleção brasileira de futebol estava treinando nesta cidade, antes de ir para a Copa do Mundo na Suíça, além do fato de numerosas personalidades nacionais estarem hospedadas nesta cidade, como os artistas da Rádio Nacional, os músicos da OSB, regidos por Eleazar de Carvalho e a Banda dos Fuzileiros Navais. Em 1956, o prefeito Feliciano Costa reforçou sobretudo o caráter europeu da cidade, represando o rio Bengala num arremedo veneziano, e montando em praça pública uma maquete do Morro Queimado.

À medida que fomos analisando as festas do aniversário da cidade aplicaremos os conceitos emitidos por Roberto da Matta, para dar conta com maior segurança da estrutura destes festejos. Mas, em última análise, o que é central para os propósitos deste capítulo, é a demonstração de como estas festas consolidaram o “Mito da Suíça brasileira”¹³⁹.

¹³⁸ Idem, *ibidem*, pp. 89-90. Os festejos de Maio consolidam a idéia de rompimento de um passado colonial português, e inauguração da nova ordem suíça, civilizada, baseada na pequena propriedade trabalhada por homens livres, como analisamos no capítulo anterior.

¹³⁹ Sobre o assunto festas, consultamos também o trabalho de Iara Lis Carvalho Souza. *Pátria Coroada: O Brasil Como Corpo Político Autônomo. 1780-1831*. SP, UNESP FUNDAÇÃO, 1999. Em um longo capítulo, a Autora estuda as festas cívicas realizadas no Brasil, no período da Independência até o fim do Primeiro Reinado (1831). Trata-se de um trabalho que analisa a festa como elemento litúrgico e fundamental na consolidação do Império e do poder real. Entretanto, optamos pela linha teórica de R. da Matta porque este trata as “festas da ordem” como criadoras de representações fundamentais para a construção do mito e, conseqüentemente, a consolidação de uma ideologia de classe.

1.- O CENTENÁRIO DE NOVA FRIBURGO EM 1918

1.1.- A CONSTRUÇÃO DO CENTENÁRIO

No decorrer do mês de abril de 1918, o principal jornal municipal “*Cidade de Friburgo*” anunciava a realização dos festejos comemorativos do centenário da cidade que aconteceriam no mês de maio próximo. O clima geral demonstrava euforia e esperanças de êxito:

“As festas comemorativas do centenário desta cidade, a realizarem-se em maio próximo, prometem um cunho de acentuada expressão, conquanto sejam escassos os recursos materiais que lhe podem ser reservados. Há felizmente, para o êxito da consagração do centenário, uma ilimitada boa vontade da parte dos atuais membros da comissão que tomou a seus ombros a tarefa meritória de solenizar, tanto quanto possível condignamente, o grande acontecimento”¹⁴⁰

A continuidade desse Editorial vem mais á frente esclarecer o que pensavam as camadas dirigentes locais sobre o evento festivo. Mais á frente, do texto, encontramos a seguinte informação:

“A sua comemoração tem o destino valioso de despertar o espírito e o coração da nossa população para um culto às memórias dos obreiros honestos que nos legaram através de um século um grande patrimônio social, com alcance moral e forte conquistas práticas.”¹⁴¹

¹⁴⁰ *Cidade Nova Friburgo*, 21/04/1918, n.56, Pró-Memória, Prefeitura Municipal de Nova Friburgo.

Pelo visto, os objetivos básicos da comemoração do centenário de Nova Friburgo já estavam traçados, conforme o trecho do editorial deixa bem claro. Tratava-se de festejar a chegada na antiga Fazenda do Morro Queimado dos colonos suíços, responsáveis por nos legarem “grande patrimônio social, com alcance moral” . Além do problema da datação histórica – os colonos suíços só chegaram á colônia em janeiro de 1820, e portanto a comemoração deveria ser da assinatura do acordo entre D. João VI e o suíço Nicolau Gachet - , é possível perceber o objetivo ideológico contido na realização dos festejos. Tratava-se, pois, de comemorar a colonização suíça e extrair desse fato os valores “morais”, os exemplos edificantes contidos nele. Neste caso, ressalte-se o fato de que o núcleo do texto sublinha que o objetivo da festa era estabelecer “*um culto às memórias dos obreiros honestos*”, significando a afirmação de um aspecto da “ideologia da Suíça brasileira”, o de que os suíços que para aqui vieram eram todos trabalhadores livres, especializados, fruto do capitalismo avançado das nações “civilizadas” como a Suíça.

Já no número seguinte do mesmo jornal, além das notícias e do editorial conclamando o povo a uma participação efetiva nos festejos do centenário, encontramos ainda, um artigo assinado por Eloy Pontes que se constitui num primor relativo á criação daquilo que chamamos de

¹⁴¹ Idem, Ibidem

ideologia da “Suíça Brasileira”.Nesse texto, pode-se também concluir alguma coisa relativa ao tema designado por Marilena Chauí como “mito fundador”¹⁴².

Já de início, Eloy Pontes, utilizando-se das palavras do Padre Perereca, caracteriza como “*glória do Brasil*” o ato de D. João VI assinando o acordo com vistas á criação da colônia de suíços. Tal fato estaria no mesmo patamar de outras realizações do rei português no Brasil, tais como a Abertura dos Portos às Nações Amigas e a transformação do Brasil à categoria de Reino Unido a Portugal e Algarves. A terceira grande “glória do Brasil”, na visão do articulista, constituiu-se sem dúvida no momento da assinatura (dezesseis de maio de 1818) do acordo com o representante do governo da Suíça que promoveria a vinda de cem famílias com objetivo de criar uma colônia de pequenas propriedades no Brasil.

Eloy Pontes ressalta ainda o importante momento de criação da colônia suíça, importando ao rei Dom João, chamado por ele de “homem honesto e bonachão”, as glórias da fundação de Nova Friburgo. Em outro trecho do artigo, o autor afirma ter sido Dom João o criador da nação brasileira:

¹⁴² Op. cit. p.11

“Esse o centenário que um dos municípios mais importantes da terra fluminense festejará dentro de poucos dias. Essas festas que recordam naturalmente o ano de 1818, a infância da formação nacional, quando idéias claras, sinceras e generosas de independência, inspiravam a todos os espíritos, quando o Brasil não se deixara empolgar pelos processos ignóbeis duma política deletéria, analfabeta e estrábica, sanguessuga de suas energias e avantesma (sic) das iniciativas dignas.”¹⁴³

E finalmente o mesmo autor fala da importância da comemoração em Nova Friburgo: *“As comemorações têm, pelo menos, esta vantagem: permitem que se viva um pouco, com o passado, recordando ...”¹⁴⁴*

A leitura deste pequeno artigo, publicado num momento que antecedia a realização dos festejos, nos informa sobre o clima intelectual vivido naquele momento. Festejar o Centenário significava, antes de mais nada, ressaltar o momento da fundação bem como enaltecer os fundadores, criando, a partir deste momento de festas, uma memória do fato e de seus realizadores. Ao se depositar em Dom João VI os créditos da criação de Nova Friburgo, revelava-se o sentido conservador das festas. Na verdade, o centro das homenagens focava-se no rei português e sua “postura clarividente” (daí a comemoração do Centenário em 1918). Comemorava-se a fundação entendendo-a como o ato da assinatura do acordo entre o rei português e o representante suíço Nicolau Gachet,

¹⁴³ Idem, ibidem.

¹⁴⁴ Idem, ibidem.

estranha colônia sem povo, homenageando-se o criador, o rei Bragança. É necessário lembrar que o discurso de Agenor de Roure, pronunciado na Câmara de vereadores por ocasião do Centenário, analisado no capítulo III, ponto máximo de criação do mito da Suíça brasileira, significa a consolidação de uma visão conservadora sobre a História de Friburgo, que já se tornara presente na imprensa local desde fins do século XIX.

Verifica-se, ainda, neste número do *Cidade de Friburgo* a publicação integral do “*Hymno do Centenário de Nova Friburgo*” mais tarde transforma do em Hino de Nova Friburgo, cuja letra é atribuída a Franklin Coutinho e música do maestro Sérvulo Lago. É um bom exemplo da visão sobre a cidade de Nova Friburgo que suas elites propagavam. É um elemento chave da criação do Mito da Suíça brasileira, por isso, talvez, tenha se tornado, posteriormente, hino da cidade.

*“Friburguenses cantemos o dia
que surgindo glorioso hoje vem
nesta plaga onde o amor e a poesia
são como as flores nativos também
escutando os rumores da brisa
refletindo este céu todo azul
o Bengalas sereno desliza
sob o olhar do Cruzeiro do Sul
estribilho
Salve brenhas do Morro Queimado
Que os suíços ousaram varar*

*Pois que um século agora é passado
Vale a pena esse tempo lembrar*

*Do Suspiro na fonte saudosa,
Há três almas que gemem de dor,
Repetindo esta prece maviosa
Da saudade, do ciúme e do amor.
Estas serras de enorme estatura,
Alcançando das nuvens o véu,
São degraus colocados na altura,
São escadas que vão para o céu
Estrilho
Salve brenhas....lembrar*

*Coroemos de versos e flores
A Princesa dos Órgãos, gentil.
Embalada em seus sonhos de amores,
Das aragens ao canto sutil
Em teu seio de paz e bonança
Sonho eterno queremos dormir
Doce anelo de nossa esperança
Esperança de nosso porvir
Estrilho*

Os três elementos constitutivos do “mito da Suíça Brasileira”, a saber, a geografia, caracterizada pela serenidade do rio, pelas altas montanhas; a história identificada com a vinda dos suíços, que “ousaram varar” as “brenhas do Morro Queimado”; e a paz social de uma sociedade sem conflitos, onde os friburguenses podem encontrar “paz e bonança” para dormir um “sono eterno”, estão presentes, como se verifica neste hino do Centenário, conservado como hino da cidade. Esta idéia transparece no Editorial de *A Cidade de Friburgo*, logo após o encerramento dos festejos:

“Desde a missa campal, no dia 19, até serem queimados os fogos no dia 26, não houve na cidade o menor distúrbio e a melhor harmonia reinou sempre em todas as camadas sociais. Só houve uma preocupação, a de cada um, na medida de suas forças, concorrer com seu quinhão para que os festejos estivessem na altura do regosijo popular (sic)”¹⁴⁵

1.2 - A PROGRAMAÇÃO DOS FESTEJOS

Para a confecção desta parte do capítulo, tive como fonte principal um encarte dentro do jornal *O PHAROL*, de 12 de Maio de 1918¹⁴⁶. É importante ressaltar que a estrutura destes festejos foi mantida durante muito tempo, sendo repetida nos anos de 1954 e 1956¹⁴⁷.

CENTENARIO DE NOVA FRIBURGO

Programma dos festejos commemorativos do centenário de Nova Friburgo, a reallizarem-se de 19 a 26 de Maio de 1918.

DIA 19 - DOMINGO

Às 8 ½ horas – Missa campal na Praça 15 de Novembro.

Às 12 horas – Sessão solemne da Câmara Municipal, com discurso oficial pelo Senhor Agenor De Roure, redactor dos debates na Câmara dos Deputados, e inauguração da galeria de retratos dos presidentes da Câmara, no decorrer do Centenário.

Às 14 horas – Grande match de foot-ball no campo do Friburgo Foot-ball Club.

¹⁴⁵ Jornal *A Cidade de Friburgo*, 8 de Junho de 1918, número 60, Pró-Memória da P.M.N.F.

¹⁴⁶ *O PHAROL*, Órgão Crítico, Humorístico, Litterario e Noticioso, Ano V, Nova Friburgo, 12 de Maio de 1918, no. 284. Pró-Memória da P.M.N.F.

¹⁴⁷ Um exemplo: a “Festa Veneziana”, ocorrida em 1918, em que barcos especiais singraram o rio Bengalas, foi repetida pelo Prefeito Dr. Feliciano Costa, em 1956, quando este represou o rio e fez navegarem nele gôndolas à maneira de Veneza.

Às 17 horas – Inauguração do monumento comemorativo da passagem do Centenário e grata homenagem ao saudoso Conde de Nova Friburgo.

Às 18 horas – Abertura da exposição agrícola, industrial e artística.

Das 18 às 24 horas – Cinema ao ar livre.

DIA 20 – SEGUNDA-FEIRA

Às 12 horas – Abertura da exposição pecuária

Às 14 horas – Inauguração das pontes, na Avenida Friburgo e Avenida Santos Dumont.

Às 16 horas – Inauguração do Matadouro Modelo em Duas Pedras.

Das 18 às 24 horas – Cinema ao ar livre.

DIA 21 – TERÇA-FEIRA

Às 13 horas – Lançamento da Pedra fundamental do novo edifício do Paço Municipal, na Praça do Suspiro.

Às 14 horas – Torneio de Lawn-Tennis, no campo do Nova Friburgo Lawn-tennis Club.

Das 18 às 24 horas Cinema ao ar livre.

DIA 22 – QUARTA-FEIRA

Às 14 horas – Match de foot-ball, no campo do Friburgo Foot-ball Club.

Às 19 horas – Conferência Maçônica no edifício da C. Municipal (sic)

Das 18 às 24 horas – Cinema ao ar livre.

DIA 23 – QUINTA-FEIRA

Às 10 horas – Almoço a 100 pobres, oferecido pelas famílias friburguenses, na Praça 15 de Novembro.

Às 12 horas – Apuração do recenseamento do município.

Às 14 horas – Corridas de bicicletas, na Praça 15 de Novembro.

Às 20 horas – Sessão solenne na Sociedade Humanitária dos Operários e discurso pelo jornalista Eloy Pontes.

Das 18 às 24 horas – Cinema ao ar livre.

DIA 24 – SEXTA-FEIRA

Às 13 horas – Préstito e bando precatório em prol da fundação de uma Casa de Caridade nesta cidade.

Às 15 horas – Inauguração do Matadouro Modelo, em Duas Pedras.

Às 18 horas – Parada Militar.

Às 19 horas – Conferência na Igreja Evangélica, na Praça Paysandú, pelo Dr. Henrique Carlos Carpenter.

Das 18 às 24 horas – Cinema ao ar livre.

DIA 25 – SABBADO

Às 14 horas – Match de foot-ball no campo do Friburgo Foot-ball Club

Às 19 horas – Conferencia Militar na praça publica por distincto official do Exercito Brasileiro.

Às 21 horas – Concerto Musical.

Das 18 às 24 horas – Cinema ao ar livre.

DIA 26 – DOMINGO

Às 11 Horas – Conferencia na Igreja Evangélica, na Praça Paysandú, pelo Dr. Luiz Frederico Carpenter.

Às 14 Horas – Encerramento das Exposições agrícola, industrial e artística.

Às 16 Horas – Batalha de flôres.

Às 17 Horas – Te Deum na Igreja Matriz.

Às 18 Horas – Festa Veneziana, terminando com vistoso fogo de artifício.

As exposições artística, agrícola e industrial serão franqueadas ao publico, diariamente, das 9 às 22 horas, e a exposição pecuária, das 9 às 16 horas¹⁴⁸.

Como afirmamos acima, a estrutura desta festa foi mantida nos

anos cinqüenta, por ocasião dos Festejos de Maio e por isto transcrevemos o extenso programa. Basicamente, tais festejos, analisados infra, mantiveram as seguintes atividades: as sessões de cinema ao ar livre; as exposições de flores, frutos e animais; a sessão solene na

¹⁴⁸ Mantivemos a grafia original, no tocante à programação, mas para adiante, atualizamos a grafia para economia de tempo.

Câmara; missas; atividades esportivas; fogos de artifício¹⁴⁹. Em nosso entendimento, essa continuidade no tempo é um indício de conservadorismo das elites da cidade, por um lado, e relevância e permanência do “mito da Suíça brasileira”, por outro.

Gostaríamos de ressaltar, no entanto, ainda sobre a Festa do Centenário, que havia atividades em locais fechados, feitas por e para as elites, e que consistiam o centro dos festejos, e ao público eram oferecidas atividades ao ar livre, ou ao menos em locais abertos, onde se requeria intensa participação popular. Note-se que, em 1918, a grande guerra chegava ao fim. Como havia um grande sentimento anti-germânico entre os brasileiros, convinha ao máximo evitar ligar a origem da cidade aos alemães, daí a conveniência de lembrar os “neutros” suíços como elementos fundadores de Nova Friburgo, deixando de lado os colonizadores alemães, chegados em 1824.

Analisamos, a seguir, em detalhe, os eventos mais significativos destes festejos e que reforçaram o mito da cidade branca, européia, industriosa e sem conflitos, pois em plena República homenageava-se o ato glorioso de um rei Bragança.

1.3 - A REALIZAÇÃO DA FESTA DO CENTENÁRIO

¹⁴⁹ Há uma diferença importante, porém: nos festejos de maio dos anos cinquenta, havia como atividade central o Concurso

As edições dos jornais *Cidade de Friburgo* e *O Pharol*, do início do mês de Junho de 1918, confirmam o sucesso dos festejos do Centenário. De um modo geral, os eventos foram realizados a contento, demonstrando eficiência da comissão organizadora no cumprimento da extensa programação.

Trata-se agora de analisar a consolidação do “Mito da Suíça brasileira” através desta “festa da ordem”, destacando algumas de suas ocorrências mais importantes, com vistas à comprovação de nossa hipótese principal. Vamos analisar os eventos concernentes ao ato na Câmara do dia 19 de Maio, e que deram início aos festejos, e alguns eventos ocorridos ao longo da semana relatados pelos Jornais.

1 . 3 . 1 - . SESSÃO SOLENE DA CÂMARA MUNICIPAL

O projeto organizador desta comemoração quis enfatizar a relevância da colonização suíça como origem máxima da fundação de Nova Friburgo. Por isto, como primeiras atividades, no dia 19, tivemos a missa campal e a sessão solene na Câmara municipal. A missa demarcava

o catolicismo como marca religiosa principal da cidade, e na Câmara procurou-se sublinhar as origens suíças e a grandeza do ato do rei português que criou a colônia.

O ato da Câmara contou com os mais representativos e destacados elementos da vida política e cultural local e estadual. A sessão foi aberta pelo Presidente da Câmara e Prefeito interino Dr. Sylvio Rangel, contando ainda com a presença de todos os vereadores municipais, do presidente da comissão dos festejos, de representantes do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e do Instituto Histórico e Geográfico Fluminense. Após a abertura da sessão, Agenor De Roure proferiu seu discurso, (analisado no capítulo anterior). Em seguida, falou o Encarregado dos Negócios da Suíça, cujo discurso proferido em francês constituiu-se em mais um importante momento deste evento.

Após as palavras iniciais saudando as autoridades e demonstrando satisfação em participar daquela solenidade, este senhor profere pequeno discurso que mesmo com algumas imperfeições históricas constitui em mais um elemento que se somava à construção do mito:

“Quando, em 1818, os primeiros suíços chegaram a esta região, ninguém poderia supor que nestas paragens se construiria a magnífica cidade que hoje comemora o primeiro centenário de sua fundação. A paisagem alpestre, estes altos penhascos, o regato

sulcando o vale pacífico teriam lembrado aos filhos de Planfayon e de Moléson a pátria distante, mitigando a nostalgia que às vezes invadia esses bravos corações suíços.¹⁵⁰”

História e Geografia conjugam-se no discurso do representante suíço cujo objetivo claro é demonstrar as semelhanças que podem corroborar com o fato de que Nova Friburgo é uma continuidade da européia cidade de Friburg, uma legítima cidade suíça. Tudo era válido, mesmo que a realidade geográfica de Nova Friburgo não seja uma cópia fiel da geografia suíça. Principalmente, quando sabemos que, em 1818, nenhum suíço pisara o solo do Brasil e, conseqüentemente, do Morro Queimado, pois aqui chegaram a 13 de Janeiro de 1820.

O discurso continua lembrando e enaltecendo a coragem e os percalços enfrentados pelos Lutterbach, os Monnerat, os Lemgruber, os Salusse. Para mais tarde comparar com a luta dos habitantes de Friburg:

“Friburgo, na Suíça, também teve muitas dificuldades para vencer. Fundada no decurso do século XII, ela teve de cercar-se de muralhas para se defender contra seus inimigos. Hoje em dia é capital do Cantão florescente que tem o seu nome, ela não tem mais necessidade desses muros protetores; eles subsistem, entretanto, em parte, permitem às gerações atuais conservar a lembrança das lutas travadas em prol de sua independência.”¹⁵¹

¹⁵⁰ Jornal Cidade de Friburgo, no. 60, op. cit.

Note-se a tentativa de aproximar a história de Friburgo e de Nova Friburgo, no nítido propósito de afirmar a continuidade histórica entre as duas cidades.

A sessão na Câmara teve continuidade quando por proposta do jovem advogado Júlio Zamith foi tomada a decisão de se enviar um telegrama ao governo de Portugal em agradecimento pela iniciativa de Dom João VI, o que vem comprovar o caráter conservador desta festa e das elites friburguenses, em geral. Momentos depois o texto do telegrama era lido e aprovado por unanimidade:

“Tenho a honra de comunicar a v. ex., que a câmara municipal em sessão solene comemorativa da criação de Friburgo, por proposta do advogado Júlio Zamith, resolveu unanimemente, por intermédio de v. ex. saudar glorioso povo Português, manifestando o seu reconhecimento ao benemérito ato de Dom João VI, de 16 de maio de 1818, criando a colônia do Morro Queimado, hoje município de Nova Friburgo. Respeitosas saudações – Sylvio Rangel, presidente da Câmara e prefeito interino”¹⁵².

A sessão encerrou-se, como estava previsto, com a inauguração dos retratos dos ex-presidentes da Câmara. A seguir, no mesmo dia, representantes políticos do município 15 de Novembro onde se deu a inauguração de um monumento ao Centenário que consistia, nada menos,

¹⁵¹ Idem, ibidem.

na estátua do Conde de Nova Friburgo. Estavam presentes, inclusive, alguns de seus descendentes¹⁵³.

1.3.2 -. ATIVIDADES EM ESPAÇOS EXTERNOS

Uma das mais significativas atividades da extensa programação do Centenário foi a “Festa Veneziana”. Na edição do jornal *O PHAROL*, nos princípios do mês de maio de 1918, encontramos o seguinte convite:

“LLOYD FRIBURGUENSE

De 18 a 26 de maio flutuará no rio Bengalas, entre as pontes da rua 8 de Janeiro e Riachuelo, Avenida Friburgo, uma esquadilha de embarcações artisticamente construídas, que serão alugadas à hora, ou por excursão de ida e volta ao ponto de embarque”(sic)¹⁵⁴.

O poder municipal fechara o rio, propiciando o aumento do volume d’água, onde circulariam barcos imitando gôndolas venezianas, numa tentativa de real aproximação da cidade centenária com um exemplo cultural europeu. O poeta Carlos Drummond de Andrade, àquela

¹⁵² Idem, ibidem.

¹⁵³ O conde de Nova Friburgo é o representante maior da família Clemente Pinto, um dos maiores proprietários de café e de escravos da região de Cantagalo, e cuja família vivera em Nova Friburgo. Foi ele o criador da Estrada de Ferro Cantagalo, mais tarde Leopoldina Railway, que a partir de 1880 ligava Nova Friburgo ao Rio de Janeiro.

¹⁵⁴ *O PHAROL*, 12 DE Maio de 1918, no. 204, Pró-Memória da P.M.N.F.

época interno no Colégio Anchieta, assim se referiu ao evento no poema intitulado “**O Colegial e a Cidade**”:

“(…) *Barcos no rio Bengalas*
Despertam admiração
E mitos venezianos.
Pudéssemos nós levar
Essas meninas nos barcos
E de rio em rio até
As ondas do mar infinito
Para cruzeiros bem longe
Dos padres que nos vigiam.(..)”¹⁵⁵

Efetivamente, a “Festa Veneziana” constituiu-se num momento de grande importância no conjunto dos eventos do Centenário. Embora durante toda a semana fosse possível pessoas passearem pelo rio nas gôndolas, o último dia do evento, conforme a programação, marcou o ápice das comemorações, pois na beira do rio estavam marcados os momentos finais da festa. De acordo com o jornal *Cidade de Friburgo*, além da beleza, esta festa constituiu-se num momento de grande presença popular:

¹⁵⁵ Carlos Drummond de Andrade, *Nova Reunião – Boitempo III*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1973. O poeta foi aluno interno do Colégio Anchieta de Nova Friburgo entre os anos de 1918 e 1919. Mais tarde publicou um conjunto de quarenta poemas intitulado **Fria Friburgo** que significa um relato a partir de sua memória sobre os tempos vividos neste colégio. A maior parte dos poemas refere-se a relatos do dia-a-dia no interior daquele estabelecimento; entretanto, em alguns poemas há referências sobre a cidade. O poema denominado **O Colegial e a Cidade** é uma bela narrativa do último dia dos festejos do Centenário testemunhados e vividos por ele. Ver também, a este propósito, João Raimundo de Araújo. *Nova Friburgo. O processo de urbanização da Suíça Brasileira*. Niterói, UFF, Depto. de História, Dissertação de Mestrado, 1992.

“FESTA VENEZIANA

Os festejos foram encerrados com chave de ouro na avenida, hoje denominada Alameda Conde de Nova Friburgo, às margens do poético Bengalas. Para ali afluíram depois das 18 horas cerca de 15 mil pessoas e na extensão da Alameda estavam postadas oito bandas de música. Pelas águas do Bengalas deslizavam placidamente elegantes barquinhos cujo embarque era disputadíssimo. Às margens do rio, a multidão acotovelava-se e com grande dificuldade os carros podiam transitar pela Alameda.”¹⁵⁶

Considerando possíveis exageros do jornalista responsável pela matéria, a festa veneziana foi um momento de grande afluência popular e certamente de enorme importância no decorrer dos festejos. Tentar transformar Nova Friburgo numa reprodução da bela cidade de Veneza é sem dúvida um ato de imaginação fértil dos organizadores do evento. Mais do que isso: no aspecto da construção do “mito da Suíça brasileira” foi uma interessante iniciativa de aproximar a realidade de Nova Friburgo de uma cidade européia, não portuguesa, naturalmente. Mais uma vez assinalava-se o fato desta cidade serrana, localizada nos trópicos, porém assemelhada ao que havia de mais avançado e belo no “Velho Mundo”.

Duas atividades são analisadas a seguir porque representam um aspecto que os friburguenses da época – ao menos os jornalistas e os organizadores dos festejos – gostariam de sublinhar, a caridade das

¹⁵⁶ Jornal *Cidade de Friburgo*, 16 de junho de 1918, no. 61, Pró-Memória da P.M.N.F.

famílias friburguenses para com os pobres: o “bando precatório” e o almoço dos pobres na praça 15 de Novembro.

O “bando precatório” consistiu na realização de uma coleta de dinheiro implementada por várias pessoas do município cujo objetivo era o de auxiliar a construção de uma casa de caridade. O inusitado feito foi assim apresentado pelo redator d o jornal *Cidade de Friburgo*:

“No dia 24, e à 1 hora da tarde formou-se importante préstito composto de escolas, sociedades locais e grande número de pessoas, o qual partiu do grupo escolar Ribeiro de Almeida, à rua General Osório acompanhado de três bandas musicais, tendo percorrido toda a cidade em busca de óbulos para a casa de caridade. Em carro artisticamente ornamentado representava a Caridade, vestida a caráter, a galante senhorita Alice Leovigildo. Quatro senhoritas conduziam a bandeira nacional aberta, e outras, munidas de sacolas, recebiam as espórtulas,(...)”(sic)¹⁵⁷

O resultado obtido pelo “bando precatório” importou na quantia de 323\$600. O jornal ainda refere-se a uma outra forma de arrecadação conseguida: *“Na sacola confiada à senhorita Ondina Penna, havia também a promessa escrita do senhor Ismael Couceiro filho desta cidade, oferecendo a mão de obra de 15 colchões, 15 lençoes e 15 fronhas.”¹⁵⁸*

¹⁵⁷ *Cidade de Friburgo*, 16 de junho de 1918, no. 61. Pró-Memória da P.M.N.F.

¹⁵⁸ Idem, ibidem.

Outra expressão da caridade constante nesta festa foi o “*almoço a cem pobres*”, oferecido pelas famílias e realizado no dia 23, quinta-feira, em plena praça 15 de Novembro. Embora o evento demonstrasse a ação caridosa das famílias da cidade, é preciso perceber alguns detalhes componentes deste evento. Em primeiro lugar, ao se oferecer um almoço para cem pobres o poder público municipal, a comissão organizadora dos festejos e algumas famílias da cidade, estariam reconhecendo a existência da pobreza no município, questão quase sempre negada em outras ocasiões. A segunda questão a ser observada é o fato de que o almoço foi realizado em praça pública, quer dizer, em espaço aberto, onde se corria o risco de uma chuva inesperada ou de arremesso de detritos que poderiam cair das árvores ou até mesmo das aves presentes. Certamente, a opção não foi pela realização de um almoço de caridade também bucólico, mas tratava-se de um momento de ostentação das elites. Retomamos aí a questão teórica trazida por Roberto da Matta sobre as “festas da ordem”, pois esse evento deveria se constituir numa apresentação das elites de Nova Friburgo como magnânimas, benfeitoras e caridosas.

O jornal comenta com certo estardalhaço o almoço aos pobres:

“No dia 23 foi oferecido na alameda dos eucaliptos, pelas famílias friburguenses, um almoço a mais de 130 pobres. Essa parte dos festejos do nosso

centenário, foi a mais tocante por revelar a caridade dos corações friburguenses que, mesmo no reboiço e esplendores da festa, não se esqueceram dos que mendigam o pão de cada dia, debaixo dos olhos e onipotência divina.”¹⁵⁹

O tema da caridade, associado à questão da religião cristã, se faz presente no comentário jornalístico e no centenário. Dando continuidade às informações sobre esta parte da programação, o jornalista acrescenta:

“O Dr. Rio Apa, promotor público da Comarca, numa brilhante oração, ofereceu o almoço, em nome das famílias friburguenses. O Sr. Armando Negreiros num discurso que foi uma verdadeira obra de arte, agradeceu em nome dos pobres desta terra o banquete que lhes foi oferecido. Por último, falou Monsenhor Miranda, nosso distinto pároco, que bastante comovido, abençoou os organizadores desta festa de caridade. Aos pobres o Cinema Leal ofereceu uma sessão gratuita logo em seguida ao almoço.”¹⁶⁰

Neste breve relato, fica patente a ênfase ao caráter caridoso, porém ostentatório, das “famílias friburguenses”. Percebe-se a clara intenção de centrar o foco na ação dos organizadores e não tanto em matar a fome daqueles que necessitavam. O resumo da fala do Monsenhor Miranda o comprova, quando abençoa os organizadores da

¹⁵⁹ Idem, ibidem.

¹⁶⁰ Idem, ibidem.

festa, transformando os pobres em meros coadjuvantes. Pelo relato, a bênção não se estendeu a eles.

Como vimos, a programação previra várias atividades esportivas, como o torneio de *lawn-tennis*, e várias partidas de futebol, além de uma corrida de bicicletas. Destacamos, contudo, o futebol porque, além da enorme importância que este ocupou na história de Nova Friburgo, sendo freqüente e mesmo indispensável em outros aniversários da cidade, nesta festa específica as partidas de futebol ou, como querem os jornalistas e os organizadores, os *match de foot-ball*, foram atividades quase diárias¹⁶¹.

Em seu poema já citado, e que constitui um interessante exercício de memória, Drummond assim se refere à atividade futebolística no último dia dos festejos:

*“(...) Friburgo Futebol Clube
acolhe nossos dois times.
Por 4 a 1 os vermelhos
Ganharam folgado dos pretos.
Você nem é dos vencidos.
Que faz aí, de boboca?”*¹⁶²

¹⁶¹ Costinha, destacado líder operário a partir dos anos 30, comunista, contou-nos em entrevista realizada em 1989 que existiam nesta época do Centenário dois times de futebol, o Friburgo Futebol Club, de camisa vermelha e cuja torcida era constituída principalmente pelas elites da cidade, e o Esperança Futebol Clube, onde ele, Costinha, participava, e que foi desde essa época um time popular, cuja camisa era verde.

¹⁶² Carlos Drummond de Andrade, op. cit.

O poeta consigna a participação dos colegas anchietanos em várias atividades do centenário, como missas com seu coral, e no desfile militar.

*“Entre os alunos, cantores
de bela voz empostada
na missa campal entoam
motetes bem ensaiados.
Têm seu minuto de glória.
Você não sabe cantar.
Pegou então a espingarda,
Saiu fardado chibante
(não muito, é claro), formando
no batalhão escolar,
Tenente Brasil à frente,
Nessa rude caminhada
Ao ritmo da Pátria Amada.
Dor nas costas! A que vieram
Esses suíços? Fundaram
Sua colônia, e um colégio
Depois se plantou aqui?”¹⁶³*

As informações do poeta levam-nos a perceber que o Colégio Anchieta esteve presente em várias importantes ocasiões das festas do centenário. É possível entender que os anchietanos participaram na abertura da festa, celebrada por uma missa campal, e nos momentos finais, através da parada militar realizada na sexta-feira, na partida de futebol no sábado, e no encerramento no *Te Deum* na Catedral, assim como na festa veneziana.

O encerramento dos festejos, segundo a imprensa local, constituiu-se num momento de grande brilho. Ao final da noite do

domingo dia 26, nas proximidades do rio Bengalas, foi realizada a queima de fogos que, com grande empolgação, foi assim narrada pelo jornalista:

“Às 23 horas subiram ao ar os primeiros foguetões que acompanhavam um lindíssimo balão, prenúncio de que se aproximava a hora de ser queimado o fogo de artifício, que apesar de ter tido algumas peças estragadas pela chuva que caíra à tarde, foi de efeito surpreendente destacando-se os magníficos morteiros de fabricação especial do hábil pirotécnico José Passery que agradaram imensamente. O fogo terminou com um artístico vulcão, cujas centenas de foguetões subidos a um tempo produziram maravilhosa impressão.”¹⁶⁴

O poeta, distante do local dos festejos e obrigado a se recolher no dormitório, dado o adiantado da hora, não viveu o mesmo clima eufórico do jornalista. Do alto da colina onde se instalava o Colégio Anchieta reclamava:

*“Pior ainda na tarde,
pois já se acendem os fogos
da noite festejadora.
Toda Friburgo relumbra
De luzes especiais
E nós só podemos vê-las
Do interior do chatô
Como os cativos de Antero,
Lidos em livros escondidos,*

¹⁶³ Idem, *ibidem*.

¹⁶⁴ *Jornal Cidade de Friburgo, de 16 de junho de 1918, op. cit.*

Contemplam o firmamento.”¹⁶⁵

Que os festejos comemorativos do centenário se traduziram num enorme sucesso parece não haver dúvida. Além dos rasgados elogios da imprensa, é possível atestar esse sucesso, em primeiro lugar, pela presença do grande público, numeroso por certo, mesmo tendo que descontar alguns exageros em matérias jornalísticas. De outro modo, podemos lembrar que no aspecto auxílio à construção e consolidação do mito da “Suíça Brasileira”, sem sombra de dúvidas, o resultado foi bastante alvissareiro.

Observando num tempo de mais longa duração, os outros festejos ocorridos após o ano de 1947, e especialmente nos anos 1954 e 1956, a recorrência aos festejos do centenário foi uma constante. É possível constatar que o que foi programado e realizado em 1918 serviu de base para aquelas realizadas na época da chamada Redemocratização do Brasil”.

1 . 4 -. A CRÍTICA AOS FESTEJOS DO CENTENÁRIO

O sucesso, no entanto, não se constituiu de maneira absoluta. A própria imprensa local, que jamais negou elogios, em certos momentos

¹⁶⁵ Carlos Drummond de Andrade, op. cit.

publicava objeções, ora à pouca adesão de parte da população municipal, ora à própria organização dos eventos.

Ainda na fase de organização foi possível constatar críticas, em virtude de do fato de indivíduos e comerciantes se recusarem a contribuir financeiramente:

“A comissão angariadora de donativos, embora recebida de má vontade por um insignificante número de comerciantes e proprietários, que negaram sua cooperação está seno, no entretanto acolhida cavalheirescamente pela quase totalidade de pessoas a quem se dirigido, concorrendo cada uma delas na medida de suas posses para consecução do fim almejado, o que se evidenciará pelas listas a serem publicadas nos jornais locais”¹⁶⁶

Em outro momento que antecedeu à realização das festas o editorial do mesmo jornal censurava os membros da comissão organizadora dos festejos do centenário por omitirem uma atividade mais solene que deveria se constituir numa homenagem aos mortos que *“muito fizeram por Nova Friburgo”* . A reclamação torna-se além de tudo, bizarra ao afirmar que o cemitério simboliza o progresso:

“O que é de se lamentar é que não se lembrasse a comissão de realizar na nossa necrópole uma solenidade

¹⁶⁶ CIDADE DE FRIBURGO, 21/04/1918. n.56

que mais acentuasse ainda o tributo que devemos aos mortos que nos deixaram o patrimônio que aí está.

Seria uma bela manifestação de cultura. Ninguém ignora o valor moral dos movimentos nesse sentido. O cemitério serve hoje de padrão do progresso das sociedades.

Fica à comissão o nosso apelo a propósito”¹⁶⁷

De uma resposta efetiva da Comissão dos festejos não se tem notícia. Entretanto, o culto aos mortos proposto naquele editorial pode ser entendido também, como uma ação que poderia ativar na memória coletiva a lembrança daqueles que, na visão das elites municipais, foram os criadores de Nova Friburgo. Infelizmente, na matéria jornalística não há referências relativas aos mortos que deveriam ser homenageados. Outrossim, pelo caráter conservador empreendido pela condução do evento o historiador pode imaginar quais mortos seriam agraciados com as homenagens.

Diferentemente do jornal *A Cidade de Friburgo*, que nas edições publicadas em junho de 1918 não poupou elogios a toda a festa do centenário, o jornal *O Pharol*, que se intitulava “*órgão crítico, humorístico, literário e noticioso*” colocava-se em posição oposta. Nos números subseqüentes aos festejos verificamos críticas e desencantos. Em editorial intitulado Lamentável, o jornalista mostra-se inconformado

¹⁶⁷ CIDADE DE FRIBURGO, 8/05/1918. n. 57

com a destruição de canteiros e eucaliptos da praça 15 de Novembro, ocorrida durante o “almoço aos pobres” e na “corrida de bicicletas”.

“Pois bem. Quinta feira última, por ocasião do almoço oferecido aos pobres, bem assim das corridas de bicicletas (entretenimento que só aos basbaques pode fazer perder o siso!) que tiveram lugar nas pitorescas alamedas dos eucaliptos, o recreio predileto dos friburguenses e de seus visitantes, a sala de visitas, segundo alguns de seus assíduos freqüentadores, observamos uma cena de certa deprimencia para os foros de uma cidade.

Os belos eucaliptos, gigantescos para maior felicidade própria, que ladeam as referidas alamedas, tem ao sopé canteiros com flores e diversas plantas de ornamentação, formando o chic daqueles sítios.

Pois aquelas pobres e indefesas plantas, assim como os seus bem cuidados canteiros que sobre o serem pisados põem em receio mesmo os irracionais, foram brutalmente, digamos para maior reforço á indignação daqueles de educação não pavonesca, pisados e amassados de um modo que oferecia dúvida se tal destruição era obra “daqueles” que tem os seus embasamentos férreos.”¹⁶⁸

Interessante é perceber que a crítica, se por um lado, denota preocupação com a natureza e mais especificamente com a praça, “cartão de visitas”, por outro lado, ela se faz apenas com relação aos acontecimentos que envolviam a presença popular. Outros fatos ocorreram na praça como a inauguração da estátua comemorativa do

¹⁶⁸ O PHAROL-26/05/1918, n.206. Pro-Memória, Prefeitura Municipal de Nova Friburgo

centenário. Por se tratar de uma comemoração voltada para as elites, o autor não reclama da destruição de canteiros, flores e eucaliptos.

Em edição posterior o jornal “*O Pharol*” apresentava outra matéria crítica tendo como manchete o título “O REVERSO DO CENTENÁRIO” e logo abaixo; “*Ainda não foi dado a Friburgo o que Friburgo merece*”¹⁶⁹.

O autor neste pequeno artigo tece considerações rápidas sobre o que foi, em sua visão, os festejos do centenário, para em seguida denunciar a precariedade dos prédios públicos de Nova Friburgo. Segundo ele a “*feira de Nova Friburgo, seria aquela que pudesse melhorar as condições físicas dos prédios públicos, o que propiciaria aos habitantes do município um maior conforto e melhor atendimento*”

Ao analisarmos as críticas efetivas em relação aos festejos, não podemos esquecer que nelas estão contidas as idéias básicas da “Suíça Brasileira”. Ao se sugerir um evento no cemitério em homenagem evocativa aos mortos que muito fizeram pela cidade, ao se reclamar da presença destrutiva de pobres num almoço na praça, ou mesmo ao se sugerir uma “feira” de reconstrução dos prédios municipais, o paradigma condutor do pensamento destes autores estava centrado no ideal de criar um modelo de cidade européia, ordenada e sem conflitos. Isto é, um

¹⁶⁹ O PHAROL- 01/01/1918, n207, Pró-Memória, Prefeitura Municipal de Nova Friburgo

estado que mais pudesse “expressar” uma reprodução, mesmo que nos trópicos de uma cidade suíça.

A festa é inegavelmente um momento de conagração de uma população. No entanto, quando se trata de uma “festa da ordem”, os grupos dominantes não permitem perda de controle, ficando atentos para evitar qualquer desvio no que concerne ao propósito básico que gerou o evento. No caso da festa do centenário de Nova Friburgo, ficava bem claro o ideal realizador. Todos os eventos deveriam contribuir para auxiliar na formulação de um ideal de cidade ordeira, cuja população deveria imaginar viver num espaço determinado e bem diferenciado do restante do país. Sem dúvida, o evento que terminamos de estudar constituiu num fator fundamental de construção das bases daquilo que denominamos “mito da Suíça Brasileira”.

Os festejos de aniversário da cidade não voltaram a acontecer durante longo tempo. Somente após o fim da ditadura de Getúlio Vargas e o conseqüente retorno político dos liberais ao poder municipal, sob a batuta de Galdino do Valle Filho, é que os festejos foram retomados.¹⁷⁰

As festas do aniversário da cidade atingirão o auge, em termos de sofisticação e brilho, nos anos de 1954 e 1956, por ocasião do dos

¹⁷⁰ Os liberais assumiram o poder em 1947 representados pela administração do prefeito eleito pela UDN, Dr César Guinle, que dirigiu a cidade de 1947-1951.

governos de José Eugênio Muller e de Feliciano Costa, respectivamente. Os liames entre Nova Friburgo e a Suíça estarão restabelecidos nos festejos, numa trajetória de consolidação do mito da “Suíça Brasileira”.

2 - OS FESTEJOS DE MAIO DE 1954 E 1956

2.1- O RETORNO DAS COMEMORAÇÕES DO ANIVERSÁRIO DA CIDADE

Vimos defendendo, neste capítulo, a importância da festa do centenário da cidade para a consolidação do “mito da Suíça brasileira”. Se no capítulo anterior apontamos o discurso de Agenor de Roure, assim como o livro *Lendas e Legendas de Friburgo*, de Galdino do Valle Filho, como elementos da construção do mito, neste capítulo analisamos as festas do aniversário da cidade como aspectos fundamentais da consolidação deste mito.

A representação de Nova Friburgo como cidade européia, suíça, branca, guindada ao estatuto de ideologia, foi instituída, como demonstrado no capítulo anterior, por dois ideólogos, Agenor De Roure e Galdino do Valle Filho. São elementos centrais desta ideologia a visão providencialista de Dom João VI ao criar uma forma alternativa ao trabalho escravo – o trabalho livre de europeus utilizado na pequena agricultura -, o catolicismo, a natureza bela e pródiga, e a harmonia entre

as classes sociais, pois o povo era tido como ordeiro e trabalhador. As festas do aniversário da cidade reafirmam tal ideologia, quase até o estereótipo, tanto pela programação das atividades das festas, quanto pelos discursos, falados e escritos, surgidos em seu decorrer, e que tudo somado resultou na aceitação pelo público dos pressupostos da “ideologia da Suíça brasileira” como sua visão de mundo.

Os aspectos políticos do município, na conjuntura do pós Segunda Grande Guerra, apontam para a primeira eleição para o executivo e o legislativo municipal no processo de “redemocratização” do país. A vitória de César Guinle, prócer da UDN, com profundas ligações com Galdino do Valle Filho, significou o retorno dos liberais ao poder na cidade e, conseqüentemente, também o do discurso ideológico que enfatizava o “mito da Suíça brasileira”. Isto se confirma pelo fato de, já no primeiro ano de governo, em 1947, o Prefeito César Guinle ter retomado a festa do aniversário da cidade no mês de maio¹⁷¹.

Os festejos foram organizados pelo “Movimento Pró-Friburgo”, liderado por Nelson Kemp¹⁷², mas organizados em seus aspectos

¹⁷¹ Ricardo da Gama R. Costa. *Visões do Paraíso Capitalista: Hegemonia e Poder Simbólico na Nova Friburgo da República*. Dissertação de Mestrado, Niterói, UFF, Depto. de História, 1997, pp. 155-171.

¹⁷² Note-se que Nelson Kemp é o mesmo indivíduo que participou da festa do centenário em 1918. Ricardo da Gama R. Costa, op. cit., traça uma pequena biografia de Nelson Kemp, mostrando que ele era vereador em 1919, e mudou-se definitivamente para esta cidade depois da queda do Estado Novo, onde se dedicou às lides intelectuais, escrevendo sobre a História de Friburgo, e ocupava colunas em jornais, especialmente *A VOZ DA SERRA*, e tinha programa na Rádio Sociedade de Friburgo. Morreu em 1977, aos 96 anos, e nosso interesse em elaborar esta nota reside no fato de que este senhor tornou-se um dos ideólogos do “mito da Suíça brasileira”, juntamente com Júlio Zamith, através da participação na organização dos festejos de maio, bem como nos artigos jornalísticos que escreveu sobre tais festas.

operacionais por Jorge Milward. Este vinha a ser descendente de Roberto Henrique Milward de Azevedo, proprietário do Hotel Engert. Este aspecto é significativo porque associa-se aos interesses dos setores comerciais da cidade e prestadores de serviço que viam no mês de maio um momento de baixa de seus negócios. A realização dos festejos poderia significar a atração de turistas num momento em que tradicionalmente ocorria um número reduzido dessas pessoas em Nova Friburgo¹⁷³.

A festa de maio deste ano de 1947 cumpriu a seguinte programação, que vale a pena transcrever, pois estruturaram os “Festejos de Maio” nos moldes que, em geral, guiaram as comemorações dos anos cinqüenta.

“Missa campal na Praça 15, às 8 horas da manhã; desfile das escolas; às 20 horas, sessão solene no auditório da Rádio Sociedade de Friburgo, onde discursaram o diretor da HAZ, Élio Sólton de Pontes, representante dos estudantes, José Cortes Coutinho, diretor de A VOZ DA SERRA, Nelson Kemp, diretor do Movimento Pró-Friburgo, Professora Maria José Braga, pelo magistério friburguense. Esteve presente também a banda Euterpe Friburguense.”¹⁷⁴

¹⁷³ Na dissertação de Mestrado, João Raimundo de Araújo, op. cit., comentamos no Capítulo III que a história de Nova Friburgo no século XX relaciona-se à criação do modelo industrial-turístico. No aspecto turístico, é estudado o fato de Nova Friburgo ter se constituído numa cidade fornecedora de serviços de qualidade. Neste aspecto, é trabalhada a importância do Hotel Engert como um dos principais hotéis de Nova Friburgo nessa época.

¹⁷⁴ A VOZ DA SERRA, de 25/ 1947.

A ideologia da “Nova Friburgo-Suíça brasileira” está presente num artigo em *A VOZ DA SERRA* de 1947, que começa com a citação do hino da cidade, anteriormente hino do Centenário, como já foi dito, e enaltecendo a atuação do Movimento Pró-Friburgo na organização dos festejos. A “ideologia da Suíça brasileira” pode ser notada no trecho abaixo:

“[Os Festejos] Tiveram o condão de reavivar, nos friburguenses, a lembrança dos intrépidos colonizadores suíços, que em 1818 vieram povoar as férteis terras do “Morro Queimado”, fincando nestas paragens o marco inicial de uma cidade, que é hoje a mais bela do Brasil e uma das mais importantes do Estado do Rio.”¹⁷⁵

O articulista, que usou o pseudônimo de Júpiter, prossegue falando da interrupção das comemorações desde 1918, lamentando-a, e enfatiza a natureza bela e pródiga do lugar a que os suíços aportaram:

“(…)suíços que aqui chegaram (...) tendo em sua alma a certeza de aportarem a terra da promessa”; “ [não comemorar a chegada dos suíços era] esquecer de cantar a beleza incrível das paisagens, a mata verde-escura, formando o quadro maravilhoso que compõe a Princesa da Serra dos Órgãos.”¹⁷⁶

¹⁷⁵ *A VOZ DA SERRA* de 25/5/1947.

¹⁷⁶ *Idem, ibidem.*

Esta passagem da fonte é importante para que se possa comprovar a longa duração deste mito, forjado ainda nas últimas décadas do século XIX, reelaborado e sistematizado por Agenor de Roure e Galdino do Valle Filho, como demonstramos no Capítulo III desta tese. Um dos traços marcantes do mito é a insistência na beleza e fertilidade do Morro Queimado, onde se instalou a colônia suíça, pois um dos problemas enfrentados foi justamente a má qualidade do solo de alguns lotes a eles entregues¹⁷⁷.

Em 1948, o aniversário da cidade – 16 de Maio - foi considerado feriado municipal, decretando a prefeitura ponto facultativo os dias 13, 14 e 15¹⁷⁸. A Comissão organizadora, presidida pelo prefeito José Eugênio Muller, foi composta pelo Presidente da Associação Comercial, Presidente da Câmara de Vereadores, por industriais e comerciantes, pelo Diretor da Companhia de Eletricidade, pelo Delegado de Polícia, por Monsenhor Teixeira, além de outras entidades como o Parlamento Estudantil e o Movimento Pró-Friburgo encabeçado por Nelson Kemp¹⁷⁹.

A narrativa deste festejo específico interessa-nos porque dois episódios denotam o que vimos chamando nesta tese de ideologia ou mito da Suíça brasileira. Um foi o discurso de Galdino do Valle Filho,

¹⁷⁷ J. R. de Araújo e Jorge M. Mayer. *Teia Serrana: A formação histórica de Nova Friburgo*. RJ, Ao Livro Técnico, 2003.

¹⁷⁸ Resolução no. 021 de abril de 1948, apud Ricardo da Gama R. Costa, op. cit.,

¹⁷⁹ Ricardo G. R. Costa, op. cit.,

proferido na Rádio Sociedade de Friburgo e transcrito em jornais, e o outro episódio interessante foi a ida ao cemitério para cultuar a memória dos antepassados fundadores da cidade. Começamos por este fato.

O ponto culminante da festa foi “A Grande Parada”, com a participação dos colégios e da Liga Esportiva e que culminou com a “romaria aos túmulos dos fundadores e das pessoas de relevo na vida friburguense”¹⁸⁰.

Note-se que aquela proposta de culto aos antepassados, indicada por ocasião da festa do Centenário e não realizada naquela ocasião o que, como vimos, gerou críticas na imprensa da época, cumpriu-se trinta anos depois, com a visita aos túmulos dos fundadores e “notáveis” da cidade.

O discurso de Galdino do Valle Filho, proferido na Rádio em 13 de Maio, demonstra que ele era o continuador de De Roure na formulação e sistematização do mito da “Suíça brasileira”. Tal ideologia, significativa na implantação do modelo industrial-turístico das primeiras décadas do século XX, era importante para o grupo liberal ora no poder e Galdino, mesmo afastado politicamente desde os anos trinta, intelectual e ideologicamente era relevante para o grupo político capitaneado pelo prefeito Muller.

¹⁸⁰ Jornal *O FRIBURGUENSE*, de 15/5/1948, apud Ricardo G. R. Costa, op. cit.,

*“[Os agradecimentos deveriam se estender aos suíços, pois] os companheiros de Guilherme Tell, a nossa gratidão secular pela contribuição do sangue que é o nosso sangue, plasma que cristalizou e robusteceu a nossa raça, exemplo que moldou as nossas atitudes e inspirou nossos anseios, gratidão eterna e incorruptível pelo ensino que perdura e não se dissipará jamais no culto à liberdade e de Amor à Democracia! Se nos fosse dado ainda hoje escolher no mundo conturbado de nossos dias uma raça para modelo e paradigma d nossos destinos, tenho a firme convicção que se voltaria para a velha Suíça a nossa preferência unânime e entusiasta”.*¹⁸¹

Tal discurso, como muito bem analisou Ricardo G. Costa, era de molde a atribuir as origens friburguenses aos suíços, “neutros” durante a Segunda Grande Guerra, escamoteando o papel dos alemães na formação da cidade, pois, assim como na conjuntura de 1918, os alemães suscitavam um sentimento de anti-germanismo, mesmo em Nova Friburgo. Portanto, continuava sendo conveniente para as elites econômicas e políticas dominantes nesta cidade a demarcação de suas origens históricas em relação aos suíços, brancos, europeus, civilizados e democráticos amantes da liberdade.

O discurso de Galdino ainda enfatizava, em conformidade com a sua fonte, o discurso de De Roure, a “*lúcida intuição*”, a “*feliz inspiração*” de Dom João VI ao fundar a colônia de São João Batista de Nova Friburgo. Enaltecia, igualmente à semelhança com as idéias de De

¹⁸¹ O NOVA FRIBURGO, de 23/5/1948, apud Ricardo R. Costa, op.,cit..

Roure, o plano “revolucionário” de criar uma colônia baseada no trabalho livre, de pequenos agricultores trabalhando livremente seus lotes. Voltamos a lembrar o conteúdo de lenda desta parte do mito friburguense, pois havia trabalho escravo nas terras do que veio a se constituir a Vila de São João Batista de Nova Friburgo, e a chegada dos suíços, a treze de Janeiro de 1820, não eliminou o trabalho escravo na região, ao contrário! Alguns suíços de mais posses tornaram-se, eles próprios, donos de escravos¹⁸².

Os festejos de Maio de 1954 e 1956, objetos de nossa pesquisa, tiveram sua estrutura como “festa da ordem” delineada nos primeiros anos da década de cinquenta. O centro destas festas foi a coroação da Rainha da Lavoura Fluminense, na praça 15 de Novembro, (a partir de Agosto de 1954, Praça Getúlio Vargas), pelo Governador do Estado. Ora, esta atividade não consta nos anos que retomaram a continuação do Centenário. A explicação reside na política “amaralista” em relação ao interior fluminense: foi uma política deliberada do PSD friburguense, com a invenção, em 1951 da Festa de Coroação da Rainha Friburguense da Lavoura e, em 1952, por ordem expressa do Governador Ernani do

¹⁸² Ver a esse propósito o artigo de Edson de Castro Lisboa sobre escravidão em Nova Friburgo, in *TEIA SERRANA, op. cit.* Ver também José Carlos Pedro. *A Colônia do Morro Queimado: Suíços e Luso-Brasileiros na Freguesia de São João Batista de Nova Friburgo. 1820-1831*. Niterói, UFF, Depto. de História, 1999. As idéias de De Roure estavam baseadas, como já demonstramos no capítulo anterior, em Alberto Torres.

Amaral Peixoto, da Coroação da Rainha Fluminense da Lavoura, em plena praça pública¹⁸³.

A estrutura dos Festejos de Maio ficou delineada da seguinte maneira: havia atividades religiosas, como a missa campal do dia do Trabalhador abrindo o mês de maio; atividades esportivas, como torneios de futebol; atividades culturais diversas, com exposições e audiências musicais; desfiles escolares; bandas de música; concursos de Rainha da Lavoura Friburguense e, logo a seguir, concurso da Rainha Fluminense da Lavoura, coroada por uma autoridade estadual ou mesmo federal, na praça principal da cidade.

Como é evidente a ligação entre tais festas e a política municipal e estadual, logo a seguir analisamos a política fluminense nos anos cinqüenta.

2.2 - AS FESTAS DE ANIVERSÁRIO DE NOVA FRIBURGO COMO ELEMENTOS DA POLÍTICA

¹⁸³ A festa da Rainha da Lavoura Friburguense foi uma invenção local dos políticos e da Associação Rural de Nova Friburgo, liderada pelo sr. José Pires Barroso, do Bairro do Cônego. No ano seguinte, foi apropriada pelo Governador do Estado Ernani do Amaral Peixoto. Em 1951, foi coroada a senhorita Josefina Gripp, do distrito de Amparo. Em 1952, a representante de Cantagalo foi a vencedora, embora o jornal *O NOVA FRIBURGO* de 25 DE maio de 1952 estampasse em sua manchete de primeira página "Decepcionante o resultado final da Festa da Rainha da Lavoura" e informasse que a vencedora deveria ser a representante de Santo Antônio de Pádua, Natércia Gouveia.

Como observamos em momentos anteriores, o discurso elaborado com vistas a implementar a ideologia da “Suíça brasileira” constituiu-se numa invenção dos defensores do pensamento liberal em Nova Friburgo. Esse modo, destacamos a figura de Galdino do Valle Filho como um dos expoentes na construção desse discurso e, conseqüentemente, por ser ele um importante político local, um implementador de medidas voltadas para a concretização política desse ideal.

De outro lado, assinalamos também que, por ocasião dos festejos comemorativos do Centenário, Galdino do Valle fora afastado da política municipal em virtude da ação de Nilo Peçanha, seu adversário político, e que a partir de 1916 implantara a interventoria na prefeitura municipal de Nova Friburgo. De 1916 a 1923, período em que Nilo Peçanha dominava a vida política no Estado do Rio de Janeiro, Nova Friburgo foi governada por vários interventores nomeados pelo executivo estadual.¹⁸⁴ Isso explica que durante as comemorações do Centenário a Prefeitura de Nova Friburgo estivesse dirigida por Sylvio Rangel, indivíduo de confiança e nomeado por Nilo Peçanha. Em resumo, o discurso em favor da presença suíça em Nova Friburgo, associado às idéias de modernização com a implantação da indústria já vinha sendo elaborado por Galdino do Valle

¹⁸⁴ Marieta de Moraes Ferreira.(org.) *A República na Velha Província*.RJ, Rio Fundo, 1989. Ver da mesma autora, *Em Busca da Idade de Ouro. As elites políticas na Primeira República. (1989-1930)* Ed. UFRJ/Tempo Brasileiro, 1994.

Filho que, no momento do Centenário, encontrava-se alijado do poder local.

No período de 1930 a 1945, Galdino do Valle e os liberais de Nova Friburgo mantiveram-se afastados do poder. No entanto, com o retorno das eleições, esses liberais reassumem o poder no município, a partir de 1947, com Dr. César Guinle, que governa até princípios de 1951. Retorna aí a influência política dos liberais, de Galdino do Valle e as comemorações do aniversário da cidade tiveram como referência o 16 de maio de 1818, isto é, o acordo assinado entre Dom João VI e Nicolau Gachet.

A história política de Nova Friburgo consagra para o período pós César Guinle, o que Ricardo Costa denomina “a longa fase populista” compreendida entre 1951 e 1963. É que, no decorrer desses anos, a cidade foi governada por José Eugênio Muller (1951-1955); Dr. Feliciano Costa (1955-1959); Dr. Amâncio Mário de Azevedo (1959-1963)¹⁸⁵. É preciso destacar que esses três prefeitos correspondem a um momento da história friburguense cuja hegemonia era do PSD em clara sintonia com o predomínio do pessedismo na política estadual fluminense. A presença de Ernani do Amaral Peixoto à frente da política estadual do Rio de Janeiro tornara-se já importante por ocasião da

¹⁸⁵ *Radiografia Social de Uma Comunidade*. Niterói, PMNF/Biblioteca de Estudos Fluminenses, 1988.

ditadura do Estado Novo, quando fora nomeado interventor. A partir deste momento, cresce sua posição como elemento fundamental na condução e na orientação dos destinos fluminenses. Neste período suas influências em Nova Friburgo exerciam-se através de seu seguidor, o interventor municipal, Dante Laginestra.

Com a queda da ditadura varguista em 1945, Ernani do Amaral Peixoto, assim como Vargas, sofre um momentâneo afastamento político, mas juntamente com Vargas volta ao cenário estadual, pelo voto, em 1950. Embora Amaral Peixoto fosse criador do PSD no Estado do Rio de Janeiro e eleito nesta ocasião por este partido, e Vargas tenha sido eleito pelo PTB, em Nova Friburgo ambos os políticos participaram de campanhas conjuntas. O candidato ao governo federal pelo PSD, Cristiano Machado, pequena expressão obteve no pleito municipal.

A eleição do empresário catarinense José Eugênio Muller à Prefeitura de Friburgo pelo PSD, além de derrotar o candidato da UDN apoiado pela situação, revelará para os próximos anos a consonância do pessedismo no poder municipal e estadual¹⁸⁶. Os futuros prefeitos e médicos Feliciano Costa e Amâncio Mário de Azevedo também pertenciam aos quadros do PSD.

¹⁸⁶ Ernani do Amaral Peixoto, fundador do PSD em 1945, foi seu presidente entre 1951 e 1965, ou seja, o início de sua presidência coincide com o exercício de José Eugênio Muller na Prefeitura de Nova Friburgo, assim como cobre todo o

O que é interessante verificar é que a ideologia e o mito da “Suíça brasileira” significaram uma elaboração do pensamento liberal, encarnado, em termos políticos, em César Guinle e Galdino do Valle, nesta conjuntura afastados do poder municipal. O que nos parece ter acontecido é que José Eugênio Muller e, principalmente, Feliciano Costa, eleitos ambos pelo PSD, foram com o passar do tempo se aproximando do pensamento liberal, adotando assim a “ideologia da Suíça brasileira”. De certo modo, a força da ideologia parece determinante na realização dos festejos de Maio de 1954 e 1956, assim como fora também nas festas do Centenário de 1918. Cumpre observar que nesses momentos o poder formal não se encontrava nas mãos daqueles portadores da ideologia liberal, porém sua força ideológica se fazia presente mesmo nas administrações daqueles que formalmente não se alinhavam ideológica e politicamente entre os liberais. Em 1954, as festas ocorreram durante a gestão do pessedista José Eugênio Muller e, em 1956, o igualmente pessedista Feliciano Costa liderou a organização dos Festejos de Maio. A conjuntura política nacional e estadual é a estrutura maior que explica as diferenças importantes entre essas duas festas, o que vamos agora analisar.

2.3 - OS FESTEJOS DE MAIO DE 1954

A conjuntura nacional, naquele conturbado ano de 1954, mostrava-se altamente desfavorável ao Presidente Getúlio Vargas. Denúncias de corrupção e de favorecimento a áulicos palacianos, pressão da grande imprensa ligada a interesses internacionais e, por isso, ainda descontente com a criação da PETROBRAS, além da perplexidade do empresariado brasileiro quanto ao novo salário mínimo, anunciado por Vargas estádio de São Januário, em Maio de 1954¹⁸⁷, precipitaram o país e particularmente a estrutura política do Estado brasileiro numa imensa crise, de proporções inimagináveis à época.

Como já foi dito, as “festas da ordem” serviriam de “*ritos de reforço*”¹⁸⁸ e, neste sentido, impõe-se analisar esta festa do ano de 1954, como um “rito de reforço” da presidência de Vargas pois, a nosso ver, esta festa pode ser considerada um dos elementos de uma estratégia maior de reforçar, pelo menos no Estado do Rio de Janeiro, naquele momento governado por seu genro Amaral Peixoto. Evidentemente, o possível brilho dos festejos de Maio de Nova Friburgo, uma cidade de

www.governo.rj.gov.br/historia03.asp, encontrado em 13 de Abril de 2003.

¹⁸⁷ A demissão do Ministro do Trabalho, João Goulart, em 1953, por ter anunciado sua disposição em dobrar o salário mínimo, servira momentaneamente para acalmar o empresariado; eis que, em 1º de Maio daquele ano, Vargas cumpriu o que seu ministro prometera. A literatura sobre tal conjuntura é farta, mas limitamo-nos a citar apenas alguns títulos pertinentes ao tema: Maria Yedda Leite Linhares (org.), *História Geral do Brasil*, RJ, Campus, 1990; Jorge Ferreira. (org.) *OPopulismo e sua História: debate e crítica*, RJ, Civilização Brasileira, 1990; Ângela de Castro Gomes. (org.). *Vargas e a crise dos anos 50*. RJ, Relume Dumará, 1994; Armando Boito Jr. *O Golpe de 1954: a burguesia contra o populismo*. SP, Brasiliense, 1982, (Col. Tudo é história, 55).

¹⁸⁸ Roberto da Matta, *As festas da ordem*, in op. cit., 79-92.

perfil industrial, poderia auxiliar a manutenção do cambaleante Presidente da República, cujo governo demonstrava sinais de esgotamento.

Ajuda-nos a comprovar a hipótese o fato de ter tido esta festa específica um caráter nacional, tanto pelas atividades desenvolvidas, quanto pelas personalidades que compareceram a Nova Friburgo. O estudo da programação desses festejos, bem como a análise do discurso da imprensa local, são fatores relevantes para ajudar a comprovar esta hipótese. A confluência dos interesses locais, estaduais e federais, serviu, ao mesmo tempo, de reforço à manutenção do projeto nacional elaborado por Vargas, auxiliado, no Estado do Rio de Janeiro, pelo Governador Amaral Peixoto mas, principalmente, reforçava ainda mais o projeto municipal expresso pela “ideologia da Suíça brasileira”.

A manchete principal Do jornal *A VOZ DA SERRA*, de 2 de maio de 1954, estampava em letras garrafais “*FRIBURGO AGUARDA A CHEGADA DA SELEÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL*”, e a matéria informava que a seleção chegaria no dia seguinte às 16 horas¹⁸⁹. A primeira página do jornal dava notícias da realização de dois concursos: o de Rainha do Operariado Friburguense, promovido pelo SESI, no dia 25 de abril, na Rádio Sociedade de Friburgo, sendo vencedora Shirley

Martins Alves, candidata pela fábrica Ypu; o de Operário Padrão, vencendo o candidato da HAGA, Ivo Guaraldi¹⁹⁰.

Noticia-se ainda a chegada da Banda Marcial do Corpo de Fuzileiros Navais, “*por especial deferência das autoridades navais brasileiras*”, que tocaria no dia 16 de Maio, dia da coroação da Rainha da Lavoura Fluminense¹⁹¹.

A programação dos festejos ficara assim consignada:

Dia 9 – Orquestra Sinfônica Brasileira (apresentação em praça pública);

Dia 15 – Grande exposição de flores, frutos e produtos agrícolas

Dia 16 – Eleição e coroação da rainha da Lavoura Fluminense, com comparecimento do Governador do Estado e altas autoridades federais e estaduais; desfile da banda dos fuzileiros navais; queima de fogos de artifício;

Dia 23 – Grande show em praça pública, com grandes astros do serviço de recreação operária;

Dia 30 – Show artístico na praça 15 de Novembro com a presença dos grandes cantores da Rádio Nacional¹⁹².

A programação indica, de um lado, a grandiosidade da festa, pois estariam presentes três elementos culturais de peso na cultura nacional: a Orquestra Sinfônica Brasileira, regida por Eleazar de Carvalho; a Banda

¹⁸⁹ Este fato é relevante porque era ano de Copa do Mundo, a ser realizada na Suíça, e a seleção preparou-se durante um mês em Nova Friburgo, o que, a nosso ver, foi proposital e planejado. Cf. *A VOZ DA SERRA*, 2/5/1954, P. 1.

¹⁹⁰ São ocorrências singulares, pois em outros anos não houve idênticos concursos, ao menos não foram noticiados pela imprensa local por nós consultada.

¹⁹¹ *A VOZ DA SERRA*, op. cit., p. 1. Nesta mesma página consta que a organização da festa ficara por conta da S.A. N. F., Sociedade dos Amigos de Nova Friburgo, entidade localizada no Rio de Janeiro, na rua do Acre.

dos Fuzileiros Navais, por sinal presente nos dois anos anteriores, e proclamada como “*a banda que tocou na coração da Rainha da Inglaterra*”; e artistas da Rádio Nacional, os maiores nomes da cena artística nacional na época¹⁹³.

A partir deste ponto, passamos a detalhar a narrativa de tais festejos, feita pela imprensa local, com vistas a comprovar tanto a hipótese de que havia uma tentativa de apoiar o Presidente Vargas, ao menos no Estado do Rio, quanto aquela de houve uma confluência de interesses locais, estaduais e federais, de que se aproveitaram os elementos dominantes na cidade com vistas a reforçar a “ideologia – ou mito – da Suíça brasileira”. Nossa abordagem privilegiará alguns temas presentes na festa, e retratados pela imprensa local: a estadia do selecionado brasileiro; a música, representada pelas Orquestra Sinfônica (destacando-se a atuação de Eleazar de Carvalho) e a Banda dos Fuzileiros Navais; a coroação da Rainha da Lavoura Fluminense; o “mito da Suíça brasileira”.

Ressaltamos, anteriormente, o caráter nacional que esta festividade procurou assumir. A nosso ver, a atividade que mais deu projeção a tal festa em âmbito nacional foi justamente a estadia da

¹⁹² É fundamental observar a semelhança, em termos estruturais, das festas de Maio da década de 50 com a festa do Centenário de 1918.

Seleção Brasileira e dos cronistas esportivos, cuja estada foi paga pelo Prefeito José Eugênio Müller¹⁹⁴.

No dia 16 de maio, aniversário da cidade, houve duas atividades relacionadas à Seleção: um almoço, às 13 horas, oferecido pela Confederação Brasileira de Desportos e pelo selecionado ao Governador do Estado, e aos jornalistas esportivos presentes, seguido de um treino da Seleção, às 15 horas, no campo do Fluminense Futebol Clube¹⁹⁵, alardeado como “*excepcional atuação esportiva*” e onde a Seleção jogou contra um selecionado friburguense.

No dia 23 de maio, *A VOZ DA SERRA* estampava na manchete principal: “*BÔA VIAGEM SELECIONADO DE FUTEBOL DO BRASIL! BÔA VIAGEM DESTEMIDOS SOLDADOS DA CRÔNICA FALADA E ESCRITA BRASILEIRA!*”¹⁹⁶ O mesmo jornal informa que o casal José Eugênio Müller foi homenageado pela imprensa esportiva “*cuja capital no momento está sediada em Friburgo*”. Note-se o caráter nacional de Nova Friburgo, tornada capital brasileira, pois transformara-se no centro da maior atração dos brasileiros, a Seleção Brasileira de Futebol. Não foi o único político homenageado, pois o Governador fora convidado pela CBD e, informa nossa fonte, pelos jogadores de futebol, para um almoço

¹⁹³ Os artistas convidados foram: Marlene, Nora Ney, Jorge Goulart, Adelaide Chiozzo, Carlos Mattos, Eleninha Costa, Gilverto Milfond, Pedro Raimundo, Marly Sorel, os Cariocas Quinteto. *A VOZ DA SERRA*, 23/5/1954.

¹⁹⁴ *A VOZ DA SERRA* de 9/5/1954.

comemorativo e de homenagens. Neste mesmo dia 23 de maio, deu-se a última exibição da seleção em terra friburguense, com entrada gratuita.

Finalmente, a última menção à vinda do selecionado de futebol deu-se no jornal do dia 30 de maio, onde consta que “*aqui estiveram os maiores astros do pébolismo*”(sic!). Concluimos que nesta época, assim como em outras posteriores, havia uma imbricação entre os assim chamados “*cartolas*” do futebol e os poderes constituídos, uns servindo para reforçar os outros. A Seleção foi usada para aumentar o prestígio do Governador, e indiretamente a do Presidente da República, e isto se deu pela mediação do poder municipal, pois financiou a estadia da crônica esportiva nesta cidade, pela atuação dos jornalistas esportivos, e finalmente, mas não menos importante, pela intervenção da Confederação Brasileira de Desportos, antecessora da CBF.

Quanto às atividades musicais realizadas naqueles dias, chamam muitíssimo a atenção tanto o concerto da Orquestra Sinfônica Brasileira, quanto a atuação da Banda dos Fuzileiros Navais.

O concerto da OSB foi saudado por *A VOZ DA SERRA* em manchete principal da primeira página com os seguintes dizeres:
“*IMPONENTÍSSIMA A AUDIÇÃO DA ORQUESTRA SINFÔNICA*”

¹⁹⁵ *A VOZ DA SERRA* de 16/5/1954.

¹⁹⁶ *A VOZ DA SERRA* de 23/5/1954.

BRASILEIRA”¹⁹⁷, no dia 9, e no dia 16 a manchete era: “*SOBERBA, IMPRESSIONANTE, PORTENTOSA E ESPETACULAR A AUDIÇÃO DA ORQUESTRA SINFÔNICA BRASILEIRA*”, realizada na praça 15 de Novembro para mais de quinze mil pessoas e transmitida pela Rádio Sociedade de Friburgo.

Novamente, o caráter nacional é relevado, pois a fonte informa ser “*Friburgo capital da música brasileira*” e, ainda, que Eleazar de Carvalho, seu regente, viera instalar nesta cidade a “*juventude musical brasileira*”, cerimônia realizada na SEF, no dia 16 de maio.

Não foram restritas, apenas ao campo musical, as atividades de Eleazar de Carvalho. Coube-lhe coroar na Rádio Sociedade de Friburgo a senhorita Marly Ribeiro, representante do distrito de Conselheiro Paulino, no concurso de Rainha Friburguense da Lavoura¹⁹⁸.

A apresentação da banda dos fuzileiros navais deu-se no dia 16 de maio, aniversário da cidade e, portanto, dia das maiores comemorações. Houve missa campal, com participação das bandas Euterpe Friburguense e Campesina; audição da banda que desfilou pela avenida principal; sessão solene na câmara municipal, para comemorar o 136º aniversário da cidade; às 14 horas, o Governador e esposa, assim como André Carrazoni, presidente da SANF e organizador destes festejos, visitaram a

¹⁹⁷ A VOZ DA SERRA de 9/5/1954, e de 16/5/1954, respectivamente.

Exposição de flores, frutos, produtos agrícolas e pequenos animais, organizada pela Associação Rural de Nova Friburgo.

O ponto alto do dia foi a coroação da Rainha da Lavoura Fluminense, a representante de Teresópolis, coroada pelo Governador do Estado do Rio, cercado de todo o seu secretariado, mais o Ministro da Agricultura¹⁹⁹. Depois da coroação, viria a queima de fogos de artifício, feita por funcionários da fábrica de fogos Adrianino. Note-se a presença do Ministro da Agricultura, como a reafirmar o caráter maior, não apenas local, desta comemoração.

Outras atividades culturais deste ano de 1954 foram a exposição de pinturas do pintor e professor da Escola Nacional de Belas Artes, Augusto Bracet, inaugurada dia 19, no salão da câmara municipal e, no dia 23, demonstrações aviatórias no campo de pouso de Duas Pedras. A audição dos artistas da Rádio Nacional, provavelmente, foi o que mais atraiu público, pela fama dos artistas convidados, dentre os quais a cantora Marlene recebeu especiais homenagens por ter sido, naquele ano, eleita Rainha do Rádio²⁰⁰.

Deter-nos-emos, agora, nos aspectos concernentes à “ideologia da Suíça brasileira”, particularmente enfatizados naquele contexto. A

¹⁹⁸ A VOZ DA SERRA, 9/5/1954.

¹⁹⁹ Idem, 16/5/1954.

²⁰⁰ Idem, 30/5/1954.

manchete de *A VOZ DA SERRA* do dia 16 de maio dá um bom indício da presença deste fator ideológico: “*SALVE A DATA NATALÍCIA DE NOVA FRIBURGO! QUE DEUS DISTRIBUA LARGA MESSE DE BÊNÇÃOS E DE GRANDES GLÓRIAS AO TORRÃO FRIBURGUENSE E AOS SEUS HABITANTES!*”

O editorial assinado pelo PSD, naquele mesmo número, ressalta o sentido de continuidade do presente em relação ao passo suíço:

“Seus filhos têm dignificado e aprimorado as virtudes dos colonizadores que aqui chantaram (sic) a luz de Cristo e lançaram a semente desta árvore frondosa a cuja sombra se abrigam todos aqueles que pregam o Evangelho da Paz, da Concórdia e do Trabalho.”²⁰¹

Este ótimo texto sintetiza de modo particularmente feliz os principais elementos da “ideologia da Suíça brasileira”. A ligação do presente com os colonizadores suíços é um destes traços, assim como o completo silêncio sobre a participação dos alemães. O catolicismo dos suíços é outro traço importante e bastante ressaltado no texto acima. O projeto iniciado por Dom João VI parecia ter as bênçãos divinas, por isto rezavam-se missas. “Árvore frondosa” remete ao elemento da “natureza dadivosa”, fundamental neste mito. Mas o elemento que gostaríamos de destacar é a ligação entre Paz, Concórdia e Trabalho. Pois o centro do que vimos chamando nesta tese de “Mito fundador” da Suíça brasileira é

a noção, difundida nesta cidade por interesse dos capitalistas alemães, da operosidade do trabalhador friburguense, herdada dos suíços, tanto quanto de sua boa índole, sua bonomia.

No mesmo número, há uma matéria paga pelo líder pessedista Dante Laginestra, muito ligado a Amaral Peixoto, que confirma o que vimos falando sobre ser a festa um “rito de reforço” e, neste caso, de ligação entre o “mito fundador” e a política local, estadual e federal. Ou seja, os líderes empresariais, políticos e intelectuais da cidade usaram o passado suíço da origem da cidade como justificativa e reforço de seus próprios fins: “(...) *apresenta aos descendentes dos bravos colonizadores suíços e a todos que aqui nasceram e aqui vivem as expressões do seu maior apreço e consideração*”²⁰² Observe-se que, embora a “ideologia da Suíça brasileira” tenha sido uma criação dos políticos e intelectuais liberais, os líderes pessedistas se apropriaram desta ideologia, nos anos cinqüenta, e a expressaram nas festas mais brilhantes que a cidade conheceu.

A própria programação da festa, em boa parte propositalmente semelhante àquela do Centenário, é uma reafirmação da “ideologia da Suíça brasileira”. A natureza, outro elemento fortíssimo do “mito fundador” tornado “ideologia da Suíça brasileira” estava presente na festa

²⁰¹ Idem, 16/5/1954.

através da “Exposição de flores, frutos, produtos agrícolas e pequenos animais”. Aberta no dia 15, teria ultrapassado “*todas as expectativas*”.

*“(…) o deslumbrante espetáculo que os homens que cuidam do amanho das terras ubérrimas do território friburguense, proporcionaram ao nosso povo e aos forasteiros, foi deveras maravilhoso, surpreendendo tudo que já foi feito naquele setor em todos os tempos”.*²⁰³

Como foi estabelecido por Agenor De Roure, e confirmado, numa longa duração pelas fontes sobre tais festas, a especificidade de Friburgo centrava-se sobre a pequena propriedade agrícola, com trabalho livre, de europeus com origem diversa da lusitana, cultivada sobre um solo muito fértil.

O exemplar de *A VOZ DA SERRA* de 30 de maio dá um resumo do que foi esta “festa da ordem”, destacando, em primeiro lugar, os próceres locais, o Prefeito José Eugênio Muller, Dante Laginestra e André Carrazoni, presidente da SANF e organizador desta comemoração e enaltecido como “amigo de Friburgo”. Ressalta igualmente as presenças dos “*maiores astros do pébolismo*” (*sic*), dos “*astros da Rádio*

²⁰² Idem, *ibidem*

²⁰³ Idem, 23/5/1954.

Nacional” – (“A Rádio Nacional proporcionou aos friburguenses um espetáculo de agrado total”²⁰⁴).

Ou seja, esta festa, assim como a do Centenário e a de 1956, a ser analisada, tem em sua estrutura atividades com participação popular intensa, de cunho artístico, tanto de artes plásticas quanto de música, missas, jogos e outras atividades esportivas, exposição de produtos locais, agrícolas e industriais, e solenidades fechadas ao público, organizadas pelas e para as elites. Necessitava-se da participação popular para referendar o projeto elitista e liberal, na origem, elitista e pessedista nos anos cinquenta, e por isso pensava-se em inclui o povo para assistir e aplaudir as atividades organizadas com o fito de reforçar a “ideologia da Suíça brasileira”. Vamos agora analisar a festa do aniversário, em 1956, sob a batuta do Prefeito do PSD Feliciano Costa, para dar conta da perpetuidade e glorificação deste mito friburguense.

2 . 4 - OS FESTEJOS DE MAIO DE 1956

Esta festa foi organizada sob a égide do PSD, tanto do prefeito Dr. Feliciano Costa, quanto do Governador Miguel Couto Filho. A referência para a organização foi a festa do Centenário, pois seu ponto alto, tal como esta, foi a “Festa Veneziana”.

²⁰⁴ A VOZ DA SERRA de 30 de maio de 1954.

Antes de analisarmos a programação e a festa propriamente dita, seria bom registrar mais uma vez que tais festejos cumpriam a tarefa de ligar o passado ao presente, com o intuito de glorificá-lo. Mais precisamente, o passado enfatizado era o de uma leitura, feita pelas elites locais, da fundação da colônia suíça e seu desenvolvimento histórico de Vila de São João Batista de Nova Friburgo até o aparecimento da cidade. Concretamente, nos anos cinquenta, houve entre 1951 e 1953 a montagem de arraiais do Morro Queimado em praça pública, o que vai ser rememorado no ano de 1956, com a construção na Praça Getúlio Vargas de uma maquete do Morro Queimado, de um tamanho tal que os visitantes podiam passear dentro da maquete. Ou seja, esta grande festa foi uma síntese de eventos notáveis de outras festas, pode-se dizer, uma reinvenção da tradição para afirmá-la.

Passamos agora à programação geral dos festejos publicada em *A VOZ DA SERRA*²⁰⁵:

“Dia 15 – Início da “festa veneziana” nas Avenidas Rui Barbosa e Comte Bittencourt;

*Dia 16 – Exposições: Flores, Frutos e Produtos Agrícolas; Grande e Pequena Indústria; Fotografias, Selos e Raridades; Jornais e Revistas Fluminenses; Pinturas; Científica, organizada pelo Reverendo Padre Amarante*²⁰⁶

ESPORTE: Futebol, entre os selecionados de Friburgo X Três Rios; campeonato de malha, botão e

²⁰⁵ *A VOZ DA SERRA*, 12 de maio de 1956.

²⁰⁶ Professor de Biologia do Colégio Anchieta e Reitor do mesmo colégio, nos anos cinquenta.

xadrês; gincana automobilística, sob o patrocínio do Automóvel Clube do Brasil; Basquetebol e vôlei; Automóvel Clube de Campos e Escola Naval.

CONCURSO DE RAINHA FLUMINENSE DA LAVOURA: a vencedora será coroada em praça pública pelo Exmo Sr. Governador

Dia 27 – Magistral apresentação folclórica do “Teatro Popular do Brasil” (Conjunto Afro-Brasileiro com 40 figurantes)

Todos os espetáculos serão abrilhantados pelas bandas Euterpe e Campesina de Nova Friburgo e Corpo de Fuzileiros Navais e Corpo de Bombeiros (Rio)”²⁰⁷

A política municipal continuava sob o domínio do PSD, pois se elegera prefeito o Dr. Feliciano Costa, tendo como vice o igualmente pessedista Dr. Amâncio Azevedo. Note-se que, no plano estadual, o Governador pertencia aos quadros deste partido, o médico Dr. Miguel Couto Filho.

Os festejos de maio, como sempre, tinham uma organização político-ideológica. Em termos políticos, tratava-se de reafirmar a hegemonia das elites locais e estaduais, inclusive a de um líder político do bairro do Cônego, o sr. José Pires Barroso, diretor do Clube dos Lavradores e diretor da Associação Rural de Nova Friburgo, organizadora da Exposição de Flores, Frutos e Pequenos Animais e, mais importante, da Rainha da Lavoura Friburguense²⁰⁸.

²⁰⁷ À medida que fomos analisando esta festa apresentaremos um detalhamento da programação. Por ora limitamo-nos a apresentar a programação geral tal como apareceu em *A VOZ DA SERRA*, 6/5/1956.

²⁰⁸ Seu filho, Alencar Pires Barroso, foi vereador, presidente da Câmara e Prefeito de Nova Friburgo, sucedendo Amâncio Azevedo em 1978. Está claro que as atividades do senhor José Pires Barrosos tinham intenções políticas.

Ainda em termos políticos, verifica-se uma menção, em *A VOZ DA SERRA*, de 13 de maio de 1956, que estará presente na cidade, por ocasião dos festejos, uma comissão de deputados da Assembléia Legislativa e o Governador Miguel Couto Filho, que coroará a Rainha da Lavoura Fluminense.

Por outro lado, menciona-se uma homenagem ao ex-prefeito José Eugênio Muller e Diretor Presidente do Banco de Crédito do Estado do Rio de Janeiro, feita durante um banquete a ele oferecido, e a que compareceram autoridades federais, estaduais, e municipais, doze prefeitos, cinco deputados federais, quinze estaduais, três secretários de Estado e mais trezentos e vinte e oito convivas, além do Governador Miguel Couto Filho²⁰⁹.

Portanto esta festa, desde seu reinício em 1947, prestava-se a fins políticos, servindo de cenário para elementos das camadas dirigentes, tanto em nível municipal quanto estadual e federal. Dentro de suas atividades, a coroação da Rainha da Lavoura Fluminense era o centro da festa, o evento que combinava as festividades de grande afluxo de massa popular, (pois à coroação seguir-se-ia a apresentação dos cantores da Rádio Nacional) o jogo político municipal e estadual, bem como

²⁰⁹ *A VOZ DA SERRA*, 20/5/1956

reforçava um aspecto da “ideologia da Suíça brasileira”, o do incentivo ao “lavrador”, o pequeno proprietário de terras.

A comissão do concurso de Rainha da Lavoura era presidida por Nelson Kemp. Como Rainha Friburguense da Lavoura foi eleita a candidata de Lumiar, Ana Maria Brust, no Clube dos Cinquenta. A seguir, no dia quinze, deu-se no Clube dos Lavradores a eleição da Rainha da Lavoura Fluminense, seguida de uma recepção a todas as candidatas na Boate Sans Souci e de um Baile no Clube Xadrês.²¹⁰ No dia 16, às dezenove horas seria coroada a Rainha Fluminense da Lavoura, em praça pública e, às vinte e duas horas ocorreria o baile em sua homenagem, na Sociedade Esportiva Friburguense²¹¹. É interessante notar que a candidata friburguense ganhou o título, naquele ano e especial esplendor da festa máxima da cidade.

Outro concurso feminino foi também realizado e, ao que parece, mobilizou grande parte da população friburguense, já que o critério estabelecido para a candidata vitoriosa não era o da beleza simplesmente. Cada candidata ao título de “Miss Festejos de Maio” deveria vender votos e aquela que arrecadasse maior quantia seria considerada a vencedora. O concurso foi bastante disputado e semanalmente o jornal *A VOZ DA SERRA* publicava resultados parciais relativos ao desempenho

²¹⁰ *A VOZ DA SERRA*, 13/5/1956

comercial das quatro candidatas. É interessante notar que a competição, neste caso, envolvia muito mais os homens que patrocinavam as candidaturas dessas moças do que elas próprias. Em nossa pesquisa, verificamos a existência de entrevistas com esses “cabos eleitorais” em que um deles chega a afirmar – “Eu vou ganhar!”²¹², o que não deixa de ser estranho... Depois de uma disputa renhida, venceu a candidata Clara Bessa, filha do senhor Alvarino Bessa, empresário do ramo imobiliário nesta cidade, e coroada pelo prefeito Feliciano Costa no dia vinte e sete de maio, ao que se seguiu um baile em sua homenagem²¹³.

²¹¹ Idem, *ibidem*, p. 6.

²¹² *A VOZ DA SERRA*, 20/5/1956

²¹³ *A VOZ DA SERRA*, 27/5/1956.



fig. 4 - Coroação da "Miss Festejos de Maio de 1956". Ao centro, Clara Bessa, à direita, o prefeito Feliciano Costa e à esquerda, o empresário Álvaro de Almeida.

O dia dezesseis de maio era o auge dos festejos da cidade. Vale a pena, por tal motivo, verificar a programação desse dia:

PROGRAMAÇÃO DO DIA 16 DE MAIO

*“6 H. Alvorada com salva de 21 tiros no altar da Praça do Suspiro;
8 H. Missa Campal e revoada de pombos;
9 H. Campeonato de tiro ao alvo na Sociedade Sans Souci; também às 9 horas, missa cívica (sic);
10 H. Prosseguimento do campeonato de malha;
12 H. Conferência do Sr, Júlio Vieira Zamith sob o tema (sic) “Friburgo nasceu em maio”;
15 H. Futebol entre seleção de Friburgo e seleção de Três Rios no campo do Fluminense, entrada franca;
18 H. Inauguração da exposição de Indústria e Comércio no Pavilhão de Esportes da SEF;
18H. e 30 M. Inauguração da Exposição de Flores, Frutos e Produtos Agrícolas, no Clube Xadrês;
19 H. e 30 M. Coroação da Rainha Fluminense da Lavoura;
20 H. Grande show com artistas da Rádio Nacional: Jorge Veiga, Trigêmeos Vocalistas, Bárbara Martins, Pato Preto e Regional de sete figuras;
21 H. Queima de fogos de artifício na Praça do Suspiro;
22 H. Baile na SEF em homenagem à Rainha Fluminense da Lavoura.”²¹⁴*

Esta longa transcrição justifica-se pelo fato de confirmar o padrão estabelecido para outros festejos da década de cinquenta: competições esportivas, queima do fogos, concursos de rainhas, exibições musicais e artísticas, e exposições de produtos da região. Este último tema lembra o fato de que Nova Friburgo, além de ser um pólo industrial do interior do

Estado do Rio era também um centro produtor de flores e hortifrutigranjeiros. Mas um aspecto que gostaríamos de ressaltar, neste momento, é o da reafirmação da “ideologia da Suíça brasileira” no decorrer deste festejo.

Um aspecto desta ideologia, já ressaltado neste capítulo, é o da história em seu aspecto mais conservador, o da ligação com o passado num elo de continuidade e repetição. Assim, a “Festa Veneziana”, inaugurada no dia quinze e encerrada no dia 27 de maio, é uma rememoração da festa do centenário, onde também o rio Bengalas foi represado para passeio de barcos. A ligação de Nova Friburgo com a Europa fica enfatizada simbolicamente pela presença das gôndolas em que inclusive o prefeito Feliciano Costa foi fotografado²¹⁵.

²¹⁴ A VOZ DA SERRA, 13/5/1956.

²¹⁵ Arquivo do Pró-Memória da PMNF, pasta 9.1, “Gente”.



fig. 5 - Gôndola veneziana no rio Bengala, em 1956. Ao centro, o prefeito Feliciano Costa; à esquerda, o empresário Álvaro de Almeida e, atrás, o diretor do Sanatório Naval.

Mas dois textos, um de Nelson Kemp e o outro de Júlio Zamith, ambos presentes ppr ocasião da festa do centenário, em 1918, e ainda influentes nos anos cinqüenta, fazem referências explícitas às características centrais da “ideologia da Suíça brasileira” e nossa análise se deterá sobre eles²¹⁶.

O artigo de Nelson Kemp, intitulado “*Nova Friburgo, dádiva de Deus ao Brasil*”, traça o elogio às belezas naturais de Friburgo e ao seu solo fértil. Como vimos, a natureza pródiga é um dos elementos centrais do “mito da Suíça Brasileira”:

“Ponto central do território fluminense, com o melhor clima do mundo, dispondo de todos os recursos, (...) cidade de veraneio, onde o turista se sente também como em sua pátria, (...) cidade de panorama fascinante, cidade das flores e dos frutos, de solo ubérrimo, que produz o kaki, do Japão, e pêras, uvas, ameixas e maçãs da velha Europa. (...)”²¹⁷

Observe-se a menção ao clima – “o melhor do mundo” – e ao “solo ubérrimo” que produz frutas vindas de climas frios, como o do Japão e o da “velha Europa”. Aqui frutas tropicais como a vulgar banana não são mencionadas.

²¹⁶ O texto de Nelson Kemp é um artigo de *A VOZ DA SERRA* de 6/5/1956, enquanto o de Júlio Zamith é a transcrição de sua conferência proferida no dia 16, transcrita no mesmo jornal, no déia 3/6/1956.

²¹⁷ Nelson Kemp, *Nova Friburgo, dádiva de Deus ao Brasil*, in *A VOZ DA SERRA*, 6/5/1956.

Mas a tese central do artigo é bem interessante, porque é original, é a primeira vez que aparece em nossa pesquisa: trata-se de advogar a transferência da capital do Estado de Niterói para Nova Friburgo. A justificativa baseia-se em outro aspecto do mencionado mito: a suposta ausência de conflitos de classe nessa cidade industrial:

“Nova Friburgo, na sua quietude acolhedora, de gente simples e boa, é o local apropriado para a sede do Governo do Estado, que ficará livre do aventureirismo e do paraquedismo da capital da República. Para felicidade dos fluminenses, urge a retirada da capital de Niterói, fronteira à sede do Governo Federal, com os sobressaltos e a contínua intervenção do Poder Central na sua administração.(...) tenho a certeza de que a NOVA SUÍÇA caminha aceleradamente para conquistar a sede do governo como capital do Estado.”²¹⁸

Desse modo, natureza propícia e povo cordato, “bom e simples”, seriam fatores a serem levados em conta para uma hipotética mudança da sede da capital do Estado. Friburgo ficava suficientemente longe do Rio de Janeiro para sofrer as influências do poder central. O catolicismo mencionado no título, é o *parti pris* do mito: foi Deus que inspirou Dom João VI, a natureza é “uma dádiva de Deus”, o povo friburguense é católico, apostólico, romano²¹⁹.

²¹⁸ Idem, ibidem.

²¹⁹ Mais uma vez comprovamos nossa tese de que o mito da Suíça brasileira servia para escamotear a realidade de que esta cidade, no período em que analisamos sua história, era industrial e sua industrialização foi feita por capitalistas alemães, em

Em sua conferência, Júlio Zamith enfatiza o terceiro elemento central do mito que é o nosso tema: a história, o passado de colônia Suíça nas montanhas da Serra dos Órgãos, fundada graças à “visão providencial de Dom João VI”.

“NOVA FRIBURGO NASCEU NO MÊS DE MAIO!”²²⁰

Agenor De Roure, brilhante orador oficial, empregou a expressão correta esclarecendo que a família friburguense comemorava em 1918 o centenário da colônia Suíça do Morro Queimado. (...) Alberto Gresch, encarregado dos negócios da Suíça em 1918 [disse na Câmara municipal que] “Quando as primeiras famílias suíças chegaram a esta região, ninguém poderia supor que nestas paragens se construiria a magnífica cidade, que hoje comemora o primeiro centenário de sua fundação.”

Está claro que o representante oficial da Suíça, embora falando em FUNDAÇÃO DA CIDADE, quis referir-se ao ato de 1818, que fundou a colônia. Tem a data de 16 de maio de 1818 o decreto com que o Rei aprovou as condições mediante as quais concedeu permissão para o estabelecimento da colônia, (...)”²²¹

A continuidade entre Suíça e Nova Friburgo fica consignada

ainda mais quando ele ressalta o fato de que autoridades suíças

boa parte luteranos. Ocorre que o anti-germanismo dos brasileiros não permitiria a criação de uma “Alemanha brasileira”, daí a utilização dos convenientes católicos suíços como referência histórica para a cidade.

²²⁰ Referência à controvérsia sobre a data da fundação, já que Pedro Cúrio, escritor do único livro sobre a história friburguense durante vários anos, até a década de 80, advogava a tese, correta a nosso ver, que a colônia foi fundada a 13 de Janeiro de 1820, quando os suíços efetivamente chegaram ao Morro Queimado. A tese de Agenor De Roure, retida por Júlio Zamith, centra-se no ato assinado entre Dom João e Nicolau Gachet, uma colônia sem povo, fundada por um ato das elites. *A VOZ DA SERRA*, 3/6/1956

²²¹ Note-se que Júlio Zamith cita como recurso de autoridade o encarregado de negócios da Suíça, mas destorce propositalmente o que ele diz em favor de sua tese da data de 16 de maio, a da assinatura do decreto, como a real data da fundação da colônia. Alberto Gresch cita formalmente a chegada dos suíços, e isto ocorreu em 13 de janeiro de 1820. Segue-se em seu texto um detalhamento do decreto de Dom João com as condições para o estabelecimento dos suíços na região.

*“mandaram ofício de 13 de Março de 1918 ao prefeito de Friburgo enviando felicitações da população da cidade daquele cantão helvético pela passagem de nossa fundação.”*²²² O recurso de autoridade é mais uma vez empregado com o fito de sublinhar que foram os próprios suíços que decretaram ser 16 de maio a data certa para se considerar a fundação da cidade de Nova Friburgo. Seguem-se, em seu artigo, as datas que segundo ele são importantes para a história da cidade: 15 de maio de 1818, fundação da colônia; 3 de janeiro de 1820, foi a colônia elevada à categoria de vila; 8 de Janeiro de 1890, ganhou a vila foros de cidade.²²³

Esta ideologia, tornada visão de mundo na cidade de Nova Friburgo, aparece na imprensa local, por ocasião da narrativa da avaliação dos festejos. A seção “Respigos Semanais” publicada no dia 20 de maio sanciona:

“Esplendorosa a exposição da indústria e comércio local, cujos chefes prestigiaram a programação oficial, mostraram o que valem, o que são e o que representam para nossa economia. Salve os que colaboraram com as nossas autoridades administrativas. Menção especial queremos fazer aos inteligentes proprietários da Fábrica de Rendas. O estande da Organização Arp e Cia superou a tudo o que podemos esperar. Impressionou-nos, sobretudo, os requintes da beleza, de imponência e de cuidados do Diretor da Grande Fábrica, que mostraram assim, a participação

²²² Idem, ibidem.

²²³ Observe-se este fato interessante e mesmo capital: a colônia foi elevada à condição de vila em 3/1/1820, portanto, dez dias antes da chegada dos Suíços. Ou seja, os suíços não fundaram nem jamais moraram na colônia, pois quando aqui chegaram já encontraram a localidade elevada a vila; os moradores da colônia, portanto, eram os luso-brasileiros e africanos, não os suíços! Ver a já citada dissertação de José Carlos Pedro sobre os luso-brasileiros no Morro Queimado.

direta à soberba iniciativa da administração que estava congregada com ela, e conseqüentemente, com o povo do município. (sic)

Vistosa, belíssima, empolgante mesmo a exposição de Flores e Frutos e Produtos agrícolas. Parabéns, José Pires Barroso! Muito bem, lavradores de Nova Friburgo!

Que beleza a Festa Veneziana! O Bengalas, altaneiro e sereno, desliza sobre o olhar do Cruzeiro do Sul! (sic) Bravíssimo senhores da comissão dos festejos!”²²⁴(grifos meus)

Destacamos nesta citação, a menção à exposição de flores e frutos, bem como aos lavradores de Nova Friburgo. Cremos que este é um sinal da permanência do setor rural na economia da cidade. Mesmo em se tratando de uma ideologia justificadora da industrialização, o setor primário em Nova Friburgo permanecia importante uma vez que a cidade mantinha-se grande produtora de alimentos e de flores.

O oficialismo do jornalista salta aos olhos de quem lê estes “respigos”: louva-se os industriais, especialmente os diretores da Arp, as autoridades municipais e os membros da comissão dos festejos.... A letra do hino da cidade é citada para comentar o brilho da “Festa Veneziana”. A “ideologia da Suíça brasileira”, visão de mundo dos friburguenses, instituída por intelectuais e políticos no início do século XX, difundida pelos capitalistas alemães como elemento intrínseco ao processo industrial aqui implantado, é explicitamente aludida nestas linhas.

²²⁴ A VOZ DA SERRA, 20/5/1956.

CONCLUSÃO

*“Como cantar a tua solidão
na praça povoada de simesmos
se a doce primavera dos teus lírios
só faz doer as minhas esperanças?
Quem te calou ó burgo deprimido
que esperma deu silêncio à geração
de teus desejos úmidos de sombra
quando há na praça mágicos encontros?
Ó burgo dos afetos reprimidos
eis que te negas cios e presenças
embora seja dia e tempo escoe
quem cumprirá a delação do sol
que aprisionaste dentro das montanhas
como quem foge à luz das convivências?”*

Sérgio Campos – **Vox**, in *Tríptico Friburguense*

O poeta, como o historiador, tem o compromisso de ver e expressar seus sentimentos frente a fatos concretos que o mundo lhe apresenta. E quase sempre o faz de forma bela expressando emoção e sensibilidade. Ele, o poeta, é “como os cegos, podem ver na escuridão”, escreve Chico Buarque de Hollanda, poeta, filho de um historiador cuja obra muito se aproxima da poesia. Poesia e História estão quase sempre juntas, quando as preocupações estão voltadas para a compreensão dos seres humanos e a construção criativa de seu mundo.

Muitas das observações do poeta, autor da epígrafe, foram por nós sentidas ao longo dos anos vividos em Nova Friburgo. Entender comportamentos “povoados de simesmos”, “úmidos de sombras” e de

“afetos reprimidos”, foi talvez o motivo maior que nos impulsionou, usando os instrumentos fornecidos pela História para criar esse trabalho.

Pesquisar, estudar, escrever parte da História do município de Nova Friburgo significa, antes de mais nada, tentar responder algumas questões que surgem para o historiador, em sua vida cotidiana. Desse modo, ao invés de se preocupar com exercícios intelectuais restritos ao passado, nosso trabalho objetiva, antes de tudo, apontar caminhos que possam auxiliar nas respostas a problemas do presente. O uso dos fundamentos básicos do que se denomina História Local e Regional nos possibilita melhor definir os objetos e trabalhar as questões específicas de uma determinada formação social. Assim, foi-nos possível estabelecer como objeto de estudo a construção e a consolidação de um fato ideológico, num determinado espaço de tempo entre 1910 e 1960. A construção do “mito da Suíça brasileira” é o resultado da invenção de uma parcela da elite política friburguense em associação com os interesses de uma burguesia industrial de nacionalidade alemã responsável pela criação das fábricas têxteis no município friburguense.

É inegável a importância que os estudos de História Regional vêm assumindo no conjunto dos estudos da história brasileira. A tentativa de estabelecer as origens históricas daquilo que podemos denominar

Nova Friburgo e a construção do mito da Suíça brasileira insere-se nesse enfoque da História Regional.

Evidentemente, não procuramos definir o mito como uma inverdade, pelo contrário, acreditamos tratar de uma construção social, datada historicamente e que veio a se tornar um dos traços marcantes da representação da cidade de Nova Friburgo. A narrativa mítica se baseia em fatos do passado, porém dispostos e interpretados a partir da necessidade de demonstrar uma certa finalidade idealizada por uma pessoa - o Conferencista - ou por um determinado grupo.

A invenção do mito da Suíça brasileira para Nova Friburgo partiu de uma construção de setores da elite local interessada em mostrar a constituição de uma cidade moderna, progressista, industrializada a partir de investimentos de grupos alemães. Porém, tal cidade é mostrada como tendo origem suíça e não alemã. As feridas provocadas pela Primeira Grande Guerra estavam ainda bastante expostas. A construção do mito não poderia ser formulada a partir de elementos alemães, portugueses e muito menos africanos. Para uma cidade moderna como Nova Friburgo, a busca do passado tinha que se centrar nas origens européias - leia-se não portuguesas - enfatizando a questão do imigrante livre e branco.

As redes isotópicas que traçamos permitiram-nos verificar com grande precisão os temas e valores inscritos nos textos de Agenor De

Roure: patriotismo combinado a amor ao município, à localidade, à família; o elogio ao trabalho livre e condenação à escravidão, combinados a um certo enaltecimento da pequena propriedade; a ideologia da Suíça brasileira, uma solução para os problemas trazidos pelo péssimo povoamento e sistema econômico introduzidos no Brasil com a escravidão, quase sempre associada à grande propriedade.

A criação desse mito é parte da implantação de uma cultura local voltada para a disciplinarização dos habitantes, para que mais facilmente se exercesse o domínio do capital industrial. Tratou-se, então, de se criar uma imagem de cidade de origem européia, de população branca, onde não deveriam existir conflitos sociais (leia-se luta de classes). O “mito da Suíça brasileira” transformou-se no “mito do paraíso capitalista”. Capitalista, por ser o resultado do predomínio da iniciativa privada e “paraíso” por ser tida e havida como cidade “pacífica”, sem conflitos, na concepção de um líder político liberal do município.

Os liberais, no poder municipal a partir de 1947, entenderam a importância da festa e da “invenção das tradições” para reafirmar um projeto político. Os capitalistas alemães compreenderam que tal projeto vinha ao encontro de seus interesses em perpetuar-se na cidade como industriais do ramo têxtil, principalmente, sem enfrentarem grandes problemas de reivindicações operárias. Os políticos pessedistas,

sucessores dos liberais, igualmente compreenderam a importância da divulgação deste mito para a sua manutenção no poder político municipal. Por tal motivo, as festas da ordem durante os anos cinquenta, enquanto os políticos pessedistas governaram, alcançaram seu maior brilho.

Quando o engenheiro e construtor Heródoto Bento de Mello, herdeiro político de César Guinle, portanto político de matriz liberal, torna-se prefeito em 1983, institui o *MAY FESTIVAL*, os festejos de maio em nova roupagem, inclusive com vinda de suíços – corais, bandas de música – e é criada a Associação Fribourg—Nova Friburgo, para intercâmbio cultural entre as duas cidades.

Economicamente, a cidade de Nova Friburgo mudou muito a partir dos anos oitenta. As grandes fábricas exauriram-se. A economia da cidade, a partir dos anos oitenta e noventa, apóia-se em grande parte na existência de pequenas e médias confecções de “moda íntima”. O prefeito Heródoto, por sua vez, recriou o “mito da Suíça brasileira”, formulando o *slogan*: “*Nova Friburgo, Paraíso capitalista*”. Contudo, os elementos do novo mito repetem o que vimos analisando nesta tese: no paraíso não há contradições de classe, conflitos sociais, ao contrário, impera a harmonia entre as classes.

Novo *slogan*, realidade de sempre: uma cidade capitalista sem adjetivos, onde há explorados e exploradores, independentemente do clima ameno ou tórrido, e onde a luta de classes, mesmo escamoteada pelo desejo tornado discurso das elites, existe, explode, se faz presente na renovação do sindicalismo na velha Nova Friburgo.

Inicialmente, buscamos estudar o processo de significativas mudanças vividas pelo município de Nova Friburgo a partir dos momentos finais do século XIX. Referimo-nos ao momento da construção da linha ferroviária que ligava Nova Friburgo à capital imperial, posteriormente capital da República. Nova Friburgo, a partir dessa ocasião, aprofunda seu papel de centro intermediador do fornecimento de gêneros agrícolas para o mercado do Grande Rio, mas também teve possibilidade de acelerar sua função de cidade fornecedora de bons serviços, a uma população que, nos momentos mais críticos, fugia do calor da baixada litorânea. Ainda nesse contexto de primórdios do regime republicano, demonstramos novas transformações sócio-econômicas a partir do começo da criação da indústria têxtil decorrente da aliança efetivada entre um setor das elites políticas locais com empresários industriais oriundos da Alemanha. Após 1911, Nova Friburgo, sem perder a condição de fornecedora de serviços, sua função

comercial e sua posição de produtora de hortifrutigrangeiros, torna-se também cidade industrial e operária.

Ao se desenvolver o processo capitalista-industrial, é que se percebe a construção de um ideal de cidade moderna. Modernização e progresso são tidos, então, como corolários da indústria. Entretanto, tal situação se contrapunha, naquele momento, ao movimento operário que se fazia presente através de greves e da própria criação dos sindicatos de operários ao longo das décadas de vinte e trinta. Sem contar que, mesmo negada em alguns discursos e artigos jornalísticos, a existência da pobreza no espaço urbano crescia paralelamente à consolidação industrial. Indústria e pobreza são o verso e o reverso de uma cidade tida como progressista e moderna.

O processo de industrialização em Nova Friburgo articulou-se com o surgimento de uma ideologia de classe dominante, que se tornou consenso e responsabilizou-se pela invenção do “mito da Suíça brasileira”. Evocou-se um passado incessante, remontado à segunda década do século XIX, quando Dom João VI iniciou o projeto de fundação de uma colônia de homens brancos oriundos da Suíça, pretensamente baseada no trabalho livre e na pequena propriedade agrícola. O discurso fora sistematizado, a princípio, pelo intelectual, acadêmico do IHGB, Agenor De Roure, por ocasião das comemorações

do Centenário de criação da colônia. O médico-político liberal, Galdino do Valle Filho, seguindo os pressupostos de De Roure, deu continuidade ao discurso mítico, no sentido de ver Nova Friburgo como uma cidade moderna porque industrializada, possuidora de um passado original. Afinal, Agenor De Roure e Galdino do Valle Filho se completaram na elaboração de discursos plenos de pontos de vista comuns em relação à cidade da qual falavam, embora o projeto do primeiro fosse de ênfase ruralista e o segundo propugnava a solução industrialista para o Brasil e para Nova Friburgo.

Os traços característicos dessa ideologia da Suíça brasileira, sistematizada por De Roure e Valle Filho, ritualizada e confirmada nas festas de aniversário da cidade, são os seguintes:

A) a beleza e a pujança da natureza de Nova Friburgo, comparáveis às condições físicas de Fribourg, na Suíça;

B) A visão providencialista de Dom João VI que possibilitou a vinda das famílias suíças criando as condições de seu estabelecimento na região do antigo Morro Queimado;

C) A ocupação dessas famílias de imigrantes livres e brancos na lavoura, desenvolvida em pequenas propriedades;

D) O catolicismo implantado na região pelos habitantes, particularmente pelos recém-chegados suíços.

No processo de consolidação do mito como projeto das elites políticas e econômicas, as “festas da ordem” comemorativas dos aniversários da cidade constituíram momentos privilegiados. Nestes eventos, observamos não apenas um exercício de memória do passado identificado com Dom João VI e os colonos suíços mas, principalmente, a tentativa de um reforço desse passado como iniciador da cidade modelar.

Por outro lado, esses festejos serviam ainda para reforçar poderes políticos em níveis tanto municipal, quanto estadual e nacional. Percebemos nesses festejos a presença de representantes políticos estaduais e nacionais. Por exemplo, um dos propósitos dos festejos de maio de 1954, (meses antes do suicídio de Getúlio Vargas), podemos reconhecer na presença do Governador Amaral Peixoto que objetivava tornar mais aceitável a figura do sogro Presidente, naquele momento já bastante questionada. Em meados da década de cinquenta, José Eugênio Müller, prefeito em 1951, quando se deu a primeira “Festa da Rainha da Lavoura Friburguense”, torna-se diretor do Banco de Crédito Rural do Estado e, nesta condição, compareceu ao banquete oferecido pelas autoridades locais ao Governador do Estado e mais trezentas pessoas. Apercebendo-se das possibilidades no campo político desta festa, durante o Governo de Amaral Peixoto ampliou-se tal atividade em “Festa da

Rainha da Lavoura Fluminense”, para alicerçar as alianças entre o Governador do Estado e os políticos do interior. Por sua vez, tal festa significava que, ao lado da indústria e do comércio, atividades mostradas em exposições, a produção rural de Nova Friburgo era, (e ainda é), relevante. Por tal motivo, um pequeno proprietário local, José Pires Barroso, produtor rural no bairro do Cônego, organizava essas festas, tanto a da Rainha da Lavoura Friburguense quanto a Fluminense.

A comemoração do aniversário da cidade servia para reforço das autoridades locais, prefeito, vereadores e empresários. A população, incorporando, assumindo, a ideologia da Suíça brasileira, acorria aos magotes para prestigiar as autoridades e as atividades das festas. O longo período do PSD, na cidade, foi justamente o de maior brilho dessa festa, surgida com os políticos liberais, mas enaltecida pelos novos contornos adquiridos nos períodos de Feliciano Costa e Amâncio Azevedo.

Por tal motivo, as atividades das festas da cidade cumpriam os objetivos de mostrar a força da indústria, da lavoura e do comércio, enaltecer o passado suíço, fortalecer a ligação da população com a Igreja Católica e, sobretudo, afirmar a identidade friburguense pela sua diferença em relação às demais cidades do Brasil. A bela cidade serrana, de clima ameno e população branca, de origem européia, suíça, tinha um passado que não cessava nunca e alicerçava a riqueza do presente, pois

era moderna, industrializada e onde o capitalismo industrial, solidamente implantado, era reforçado pela população durante os festejos de seu aniversário. O discurso do mito fundador e a realidade, no caso de Nova Friburgo, combinaram-se para consolidar um projeto de cidade capitalista industrial.

REFERÊNCIAS

A) Fontes Primárias

Impressas

1. ANDRADE, Carlos Drummond de, *Nova Reunião – Boitempo III*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1973
2. *BOLETIM Comemorativo dos 75 Anos da Fábrica Ypu*, Acervo Pró-Memória – Arquivo da Prefeitura Municipal de Nova Friburgo (PMNF).
3. *BOLETIM Informativo da Ferragens Haga, s.d.* Acervo Pró-Memória – Arquivo da Prefeitura Municipal de Nova Friburgo (PMNF).
4. *CADERNO Técnico* do Departamento de Cultura da PMNF, 1985.
5. *CENSO Demográfico de Nova Friburgo*. Câmara Municipal de Nova Friburgo, 1890. Acervo Pró-Memória – Arquivo da Prefeitura Municipal de Nova Friburgo (PMNF).
6. *CENSO Demográfico de Nova Friburgo*. Câmara Municipal de Nova Friburgo, 1900. Acervo Pró-Memória – Arquivo da Prefeitura Municipal de Nova Friburgo (PMNF).
7. *A CIDADE de Friburgo*, nº 69, 11/08/1918, Acervo Pró-Memória – Arquivo da Prefeitura Municipal de Nova Friburgo (PMNF).

8. *CÓDIGO de Posturas de Nova Friburgo*. Câmara Municipal de Nova Friburgo, 1893. Acervo Pró-Memória – Arquivo da Prefeitura Municipal de Nova Friburgo (PMNF).
9. DE ROURE, Agenor. **O Centenário de Nova Friburgo**. *Revista do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1938. (Conferência proferida no IHGB em sessão solene da Câmara Municipal de Nova Friburgo a 19 de Maio de 1918).
10. *Diário Oficial*, 1925, Imprensa Oficial. Acervo Pró-Memória – Arquivo da Prefeitura Municipal de Nova Friburgo (PMNF).
11. *O FRIBURGUENSE*, 1890-1896, Acervo Pró-Memória – Arquivo da Prefeitura Municipal de Nova Friburgo (PMNF).
12. GUIMARÃES, Arthur. *Um Inquérito em Nova Friburgo*. RJ, Typographia do Jornal do Comércio de Rodrigues e Cia, 1916.
13. *INDICADOR Comercial de Nova Friburgo*, 1930, Acervo Pró-Memória – Arquivo da Prefeitura Municipal de Nova Friburgo (PMNF).
14. *INDICADOR Fluminense*, 1898, Acervo Pró-Memória – Arquivo da Prefeitura Municipal de Nova Friburgo (PMNF).
15. *JORNAL DO BRASIL* de 18 de Setembro de 1983.
16. LAET, Carlos de. “Crônica Semanal”, *Gazeta de Notícias*, 1889, in *Nova Friburgo, Impressões, Lembranças*. Pró-Memória da P.M.N.F, 1988.

17. *A LANTERNA- Álbum do Estado do Rio de Janeiro*, 1997, Acervo Pró-Memória – Arquivo da Prefeitura Municipal de Nova Friburgo (PMNF).
18. *NOVA Friburgo: Radiografia Social de uma comunidade*, Biblioteca de Estudos Fluminenses, Niterói, Imprensa Oficial. Acervo Pró-Memória – Arquivo da Prefeitura Municipal de Nova Friburgo (PMNF).
19. *A PAZ*, 1906-1973, Acervo Pró-Memória – Arquivo da Prefeitura Municipal de Nova Friburgo (PMNF).
20. *O PAIZ*, s.d. Acervo Pró-Memória – Arquivo da Prefeitura Municipal de Nova Friburgo (PMNF).
21. *O PHAROL*-1918,. Pro-Memória, Prefeitura Municipal de Nova Friburgo (PMNF).
22. POMPEU, Julio (Dir). *Álbum de Nova Friburgo*. Petrópolis, Oficinas Graphics, [1922].
23. *RADIOGRAFIA de uma cidade*. Biblioteca de Estudos Fluminenses, Prefeitura Municipal de Nova Friburgo. Niterói: Imprensa Oficial, 1988.
24. *O SENTINELA*, 1898-1902, Acervo Pró-Memória – Arquivo da Prefeitura Municipal de Nova Friburgo (PMNF).
25. SIQUEIRA, Edmundo. *Resumo Histórico de The Leopoldina Railway Company Limited*, RJ, Gráfica Editora Carioca, 1938.
26. VALLE FILHO, Galdino do. *Lendas e Legendas de Friburgo*. Nova Friburgo, 1928.

Manuscritas

1. LIVRO de Funcionários de M. Falck & Cia.

B) Fontes Bibliográficas

Obras citadas

1. ALBUQUERQUE, Maria José Braga C. *Diga um verso bem bonito*. s.n.t, 1982.
2. AMADO , Janaína, **História e região:; reconhecendo e construindo espaços**, in SILVA, Marcos A da (org.). *República em migalhas*, São Paulo, Marco Zero, 1990.
3. ANDERSON, Perry **As Antinomias de Gramsci**, in _____. *Afinidades Seletivas*, SP, Boitempo Editora, 2002
4. ARAÚJO, João Raimundo de. *Nova Friburgo: o processo de urbanização da Suíça Brasileira. (1890-1030)*. Niterói: Programa de Pós-Graduação em História, ICHF/UFF, 1992. (Dissertação de Mestrado).
5. _____, MAYER, Jorge Miguel (orgs). *Teia Serrana – Formação Histórica de Nova Friburgo*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2003.
6. CANO, Wilson. *Raízes da concentração industrial em São Paulo. 2 ed.* SP: T A Queiroz, 1983.
7. CARDOSO, Ciro F. , *Narrativa, Sentido , História*. Campinas, Papirus, 1997.
8. CASTRO, Elizabeth Vieralves. *Nova Friburgo: Medicina, Poder Político e História- 1947-1977*. Rio de Janeiro: Departamento de História da UERJ, 2001. (Dissertação de Mestrado)

9. _____. **Uma opinião sobre as representações sociais**, in Ciro Cardoso e J. Malerba (orgs.), *Representações: contribuição a um debate transdisciplinar*, SP, Papirus Ed., 2000.
10. CHAUI, Marilena. *Brasil, Mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1996. (Coleção História do Povo Brasileiro).
11. CORRÊA, Helloisa Sersedello. *A Industrialização de Nova Friburgo*. Niterói: Programa de Pós-Graduação em História ICHF/UFF, 1986. (Dissertação de Mestrado)
12. COSTA, Ricardo da Gama R. *Visões do “Paraíso Capitalista”: Hegemonia e Poder Simbólico na Nova Friburgo da República*. Niterói: Programa de Pós-Graduação em História ICHF/UFF, 1997. (Dissertação de Mestrado)
13. FERREIRA, Marieta de Moraes (org.) *A República na Velha Província; Oligarquias e crise no Estado do Rio de Janeiro (1889-1930)*. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1989.
14. _____. *Em busca da Idade de Ouro: as elites políticas fluminenses na Primeira República (1889-1930)*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, Tempo Brasileiro, 1994.
15. FERREIRA GULLAR. *Poema Sujo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977
16. FINLEY, Moses. **Mito, Memória e História**, in _____. *Uso e Abuso da História*, SP, Martins Fontes, 1989.

17. FISCHER, C. R. *Uma História em Quatro Tempos*. Nova Friburgo, Tipografia da Fábrica de Rendas Arp, s/d.
18. GINZBURG, Carlo. *Olhos de Madeira, nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
19. GREIMAS, A. *Du Sens. Essais Sémiotiques*, Paris, Ed. Du Seuil, 1970.
20. _____, Courtes, J. *Dicionário de Semiótica*, SP, Ed. Cultrix, 1976
21. GUARITA, Marcos A . Reis. *A Indústria de transformação do Rio de Janeiro no Século XX*. Rio de Janeiro: IFICS/UFRJ, 1986. (Dissertação de Mestrado)
22. GUIMARÃES, Lúcia. M. P. **Debaixo da imediata proteção imperial: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889)**. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. RJ, a. 156, no. 388, pp 459-613,. jul./set. 1995
23. GUIMARÃES, Manuel Luis Salgado. **Nação e Civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional**, in *Revista Estudos Históricas I*, RJ, Ed. Vértice, 1988, pp. 5-27
24. HOBBSBAWM, Eric. *A Invenção das Tradições*, RJ, Paz e Terra, 1984.
25. LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, Enxada e Voto*. SP, Alfa Ômega, 1975.
26. Le GOFF, J. **Mitos/Logos** in *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1976.
27. LOBO, Eulália L. *História do Rio de Janeiro: do Capital Comercial ao Capital Industrial e Financeiro*. RJ, IBMEC, 1978.

28. LUZ, Nícia Vilela. *A Luta pela industrialização do Brasil*. 2 ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1975.
29. MARTINS, Ismênia de Lima (org). *História- Estratégias de Pesquisa*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2001.
30. MATTA, Roberto da. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1991.
31. MATTOS, Marcelo Badaró. *Novos e Velhos Sindicalismos. Rio de Janeiro (1955-1988)*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 1998.
32. _____. *Trabalhadores e Sindicatos no Brasil*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2002.
33. MENDONÇA, Sônia Regina de *O Ruralismo brasileiro (1888-1931)*, SP, Ed. Hucitec, 1997
34. NICOULIN, Martin. *A Gênese de Nova Friburgo*. RJ, Fundação Biblioteca Nacional, 1996.
35. NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia ou Helenismo e pessimismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
36. PEDRO, José Carlos. *A Colônia do Morro Queimado Suíço e Luso-Brasileiros na Freguesia de São João Batista de Nova Friburgo 1820-1831*. Niterói: Programa de Pós-Graduação em História, ICHF/UFF, 1999. (Dissertação de Mestrado).
37. SAES, Flávio. *A Grande Empresa de Serviço Público na Economia Cafeeira. 1850-1930*. São Paulo: HUCITEC, 1986.

- 38.SILVA, Helenice Rodrigues da. **A história como representação do passado: a nova abordagem da historiografia francesa**, in Ciro Cardoso e J. Malerba, *Representações: contribuição a um debate transdisciplinar*, SP, Papirus Ed., 2000.
- 39.SILVA, Marcos A da (org.). *República em Migalhas; História Regional e Local*.São Paulo, Marco Zero, 1990.
- 40.SILVA, Sergio. *Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil*. SP: Alfa-Omega, 1976
- 41.SOARES, Décio Monteiro. *Terra Friburguense*, Niterói, Imprensa Oficial, 1952.
- 42.SOUZA, Iara Lis Carvalho. *Pátria Coroada: O Brasil Como Corpo Político Autônomo. 1780-1831*. SP, UNESP FUNDAÇÃO, 1999
- 43.VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e Sociedade Na Grécia Antiga*.Brasília: UNB, Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.
- 44.WEFFORT, Francisco. *Participação e conflito industrial: Contagem e Osasco*, 1968, São Paulo: CEBRAP, 1972.